

Avante!

Proletários de todos os países UNI-VOS

Órgão Central do Partido Comunista Português

Semanário
ISSN 0670-1865

10 de Setembro de 1992

Preço: 120\$00
(IVA incluído)

N.º 977

Director:
Carlos Brito

Nos próximos dias 14 e 15 de Setembro, realiza-se uma reunião plenária do Comité Central para análise da situação política e apreciação dos projectos de alterações aos Estatutos e ao Programa do PCP a serem submetidos a debate em todas as organizações do Partido, no âmbito da preparação do XIV Congresso. Estes documentos serão divulgados no próximo número do «Avante!»



Não há Festa como esta!

Esta Festa erguida com o trabalho, a dedicação, a inteligência, o saber, a criatividade, a arte, de milhares de militantes, erguida em terra que é nossa e por isso aberta ao povo; festa que é cultura, música, canto, teatro, desporto, diversão e lazer; que é sol, luz e alegria; que é festa da juventude e encontro e convívio de todas as idades; festa que é uma janela aberta para o País e para o mundo; que é entusiasmo, convicção e combate; — constitui em si mesma uma resposta serena de um Partido, que muitos queriam que estivesse curvado, dividido e desalentado e que aqui se mostra, com serena convicção, de pé, firme, unido e confiante.

Álvaro Cunhal



A resposta

Pelo extraordinário sucesso da afluência e da participação e pela riquíssima diversidade das manifestações, a Festa do «Avante!» de 92, como sintetizou o camarada Álvaro Cunhal, no discurso de encerramento, foi «uma resposta serena de um Partido, que muitos queriam que estivesse curvado, dividido e desalentado e que aqui se mostra, com serena convicção, de pé, firme, unido e confiante».

Não foi uma resposta exclusivista, sectária, voltada para dentro. Foi uma resposta com os olhos postos no País e no mundo, aberta para as novas situações, problemas e transformações, consciente das dificuldades, perigos e ameaças, valorizando o diálogo e a convergência com as outras forças democráticas nacionais e privilegiando a solidariedade internacionalista com as forças progressistas e revolucionárias de outros povos e países.

A «Festa» valeu mais uma vez pela excelente qualidade dos espetáculos, o importante programa cultural e o diversificado programa desportivo. Valeu como espaço de alegria, encontro, convívio, confraternização e amizade, com um poder mobilizador que ultrapassa largamente, e cada vez mais, as fronteiras do Partido e se exerce muito especialmente sobre a juventude.

Este fascínio, que os detractores não conseguem entender, exprime também uma resposta.

A resposta do trabalho, da capacidade de organização, da criatividade, da inteligência com que os comunistas e os seus amigos edificam a Festa e a compreensão, a abertura e o espírito fraternal com que sabem acolher os muitos milhares de participantes que não são comunistas.

A resposta de 1992 que a Festa do «Avante!» comporta tem que ver muito especialmente com a clareza das propostas e das tarefas políticas apresentadas e publicitadas através de diversas iniciativas, e todas elas fundamentadas na análise da situação nacional e internacional feita no discurso de encerramento do Secretário-geral do PCP.

A Festa do «Avante!» de 1992 traz uma inestimável contribuição nas áreas prioritárias seguintes: na campanha pelo «Não a Maas-

tricht», incluindo com a recolha de muitos milhares de assinaturas; na movimentação contra as alterações à Lei da Greve; na batalha contra a contenção e o tecto salarial e pela melhoria das reformas e pensões; na luta contra a desresponsabilização do Governo em relação às obrigações sociais do Estado na saúde, habitação, ensino, segurança social, entre outras; na actividade dos jovens e das mulheres em torno das suas reivindicações, interesses e direitos específicos; na acção em defesa das autarquias e na preparação das eleições autárquicas; no apoio à luta eleitoral da CDU nos Açores e na Madeira; no desenvolvimento da solidariedade internacionalista, especialmente em relação a Cuba e a Timor-Leste; na mobilização do Partido em torno da preparação do XIV Congresso, na linha da confirmação, afirmação e renovação já apontada pelo Comité Central.

A Festa de 92 deu bastante mais força a importantes lutas em curso, como a campanha pelo «Não a Maastricht» e a movimentação contra as alterações à Lei da Greve. É agora necessário aproveitar o impulso e concretizar as perspectivas abertas.

A Festa do «Avante!» constituiu também uma contundente resposta à governação de Cavaco Silva, contribuiu para consciencializar o descontentamento, mostrar os perigos que decorrem para o País e o regime democrático da permanência do PSD no poder. Apontou a necessidade de uma mudança de política e de Governo e do triunfo de uma alternativa democrática.

A Festa, que ganhou justamente o título de maior acontecimento político-cultural do País, não pode ser facilmente ignorada ou silenciada.

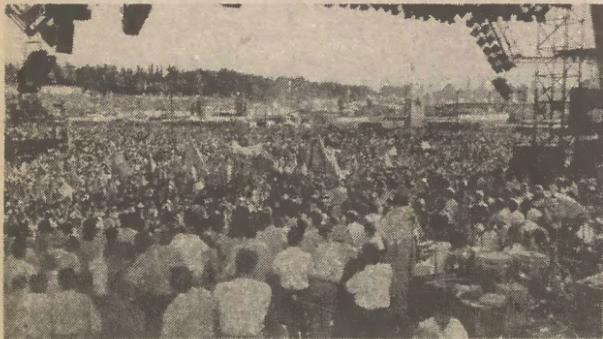
No que se refere à Festa de 92, deve mesmo registar-se que a sua grande importância política e o seu incontestável sucesso artístico e cultural tiveram alguma expressão nos grandes meios de comunicação social. Entretanto, não pode deixar de se lamentar a incom-

preensão, má vontade, sectarismo e, em muitos casos, a má-fé de várias peças que, não podendo negar o êxito da iniciativa, procuraram reduzir a sua repercussão na opinião pública mutilando, deformando, mentindo e caluniando sobre a sua realidade. Nuns casos pesarão mais os preconceitos de classe ou de atitude perante a sociedade e a vida, a congénita incapacidade do autor em compreender uma Festa que se orgulha do seu carácter popular e que exalta assumidamente os valores da solidariedade, da fraternidade, da coerência e da luta pela supressão das desigualdades e a transformação da sociedade no rumo do socialismo. Noutros casos trata-se da mais descarada manipulação onde vale tudo, onde se joga mão de todos os epítetos julgados bons para denegrir e deitar abaixo esta grande realização do PCP que só um espesso fanatismo reaccionário não reconhece como um importante serviço prestado ao País e à juventude.

Esta manipulação, no caso da Festa do «Avante!», que tantos conhecem de ciência própria, vira-se, não temos dúvidas, contra os próprios manipuladores. O êxito da Festa de 92 é, também, uma resposta aos detractores desta e das festas anteriores.

A Festa de 92 deu, como vimos, bastante mais força a importantes lutas em curso, como a campanha pelo «Não a Maastricht» e a movimentação contra as alterações à Lei da Greve. É agora necessário aproveitar o impulso e concretizar as perspectivas abertas.

Na campanha pelo «Não a Maastricht» é fundamental intensificar o trabalho de esclarecimento e, sobretudo, incrementar a recolha de assinaturas, privilegiando as acções de rua, mas promovendo-a também nos locais de trabalho e residência. Na luta contra as alterações à Lei da Greve é imperioso trabalhar pela realização, o mais rapidamente possível, de novas acções de massas, que testemunhem claramente a firme disposição dos trabalhadores de repelirem as alterações cozinhadas pelo PSD, o patronato e toda a direita. À indefinição do Acórdão do Tribunal Constitucional devem os trabalhadores responder com a clara repulsa por quaisquer alterações à lei que consagra um seu direito inalienável - o direito à greve.



Festa do «Avante!», em 16ª edição, o maior acontecimento político e cultural do País

RESUMO

2

Quarta-feira

A Fenprof acusa o Governo de, com o novo orçamento para as universidades, estar a pressioná-las para aumentarem as propinas ■ Em declarações prestadas à margem da cimeira dos Não Alinhados, o ministro indonésio Mardiono declara que o seu governo está pronto a debater com as autoridades portuguesas a questão de Timor-Leste; a reacção do MNE português é de concordância ■ Uma delegação da CE chega à África do Sul para «ajudar o país a progredir no caminho da democracia», tendo de imediato um encontro com Nelson Mandela ■ A delegação palestina nas negociações de Washington sobre os territórios ocupados por Israel apresenta um conjunto de novas propostas para um acordo sobre o poder autónomo no período de transição ■ Um sismo provoca um forte maremoto que causa dezenas de vítimas e grandes prejuízos na Nicarágua.

3

Quinta-feira

Carlos Carvalhas é entrevistado pelo «Diário de Notícias» ■ A Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública exige aumentos salariais entre 10 e 11 por cento em 1993 ■ O CDS, em conferência de imprensa, e Braga de Macedo, numa carta ao presidente da AR, pronunciam-se sobre a atribuição de subsídios do IFADAP para o Monte dos Frades ■ Os representantes dos estudantes boicotam a reunião do Senado da Universidade do Algarve onde deveriam ser discutidos os valores das propinas ■ O presidente francês e o neogaullista Philippe Séguin debatem na televisão a ratificação do tratado de Maastricht ■ Recomeçam em Genebra as conversações para a paz na Jugoslávia ■ Voltam a registar-se casos de violência neonazi em várias cidades do Leste e do Oeste da Alemanha ■ A polícia federal brasileira pede a prisão preventiva de Paulo César Farias e do ex-secretário de Collor de Melo ■ O ANC anuncia que não voltará a negociar com o governo de De Klerk enquanto este não tomar medidas para acabar com a violência no país ■ Suicida-se o deputado socialista Sergio Moroni, implicado num escândalo de corrupção que já levava ao suicídio de outro deputado do PSI e de um empresário ■ O governo britânico anuncia que vai contrair um empréstimo de dez mil milhões de euros para defender a libra no sistema monetário europeu ■ É levantada pela SEC a interdição da bancada central do estádio do Sporting.

4

Sexta-feira

Na Quinta da Atalaia inicia-se a 16ª Festa do «Avante!» ■ É anunciada a nomeação de Cardoso e Cunha para o cargo de comissário-geral da Expo-98 ■ Termina em Fátima a Pastoral Social, reunida desde 31 de Agosto ■ Na primeira sondagem após o debate Mitterrand-Séguin, o «sim» a Maastricht ganha 55 por cento das opções, contra 45 do «não» ■ Todor Jivkov é condenado a sete

anos de prisão ■ Chuvas torrenciais devastam numerosas aldeias no Afeganistão ■ A delegação da CE que visita a Somália critica os atrasos na ajuda internacional aeste país.

5

Sábado

O Sindicato dos Metalúrgicos de Leiria defende aumentos salariais de 15 por cento em 1993 ■ Em Jacarta termina a cimeira dos Países Não Alinhados ■ A França não vai aceitar mais importações de resíduos tóxicos da Austrália, declara a ministra do Ambiente ■ Fidel Castro intervém num comício em Cienfuegos, comemorando o 39º aniversário do assalto ao quartel de Moncada ■ A reunião informal de ministros das Finanças dos doze realiza-se em Bath, na Inglaterra, onde também têm lugar manifestações contra o tratado de Maastricht; Braga de Macedo admite aqui uma subida da inflação em Portugal.

6

Domingo

Termina a 16ª Festa do «Avante!» ■ Dados do Eurostat revelam que, de Abril de 1990 a Abril de 1991, acentuou-se a diferença entre os salários portugueses, os mais baixos da CE, e os dinamarqueses, os mais elevados ■ É detido em Veneza o chefe de uma das mais poderosas «famílias» mafiosas da Sicília ■ Camionistas franceses ameaçam voltar a paralisar.

7

Segunda-feira

O Dia da Independência do Brasil é marcado por manifestações de massas contra Collor de Melo ■ No arranque oficial da campanha eleitoral para as presidenciais, Bush e Clinton apresentam os seus programas económicos para os EUA ■ A oposição armada força o presidente tadjique Nabiev a renunciar ao cargo ■ O governo angolano e a Unita acordam, como data de referência para a extinção das FAPLA e FALA, o dia 27 de Setembro ■ Tropas do bantustão de Ciskei disparam contra uma manifestação de apoiantes do ANC, provocando 24 mortos e 188 feridos.

8

Terça-feira

O primeiro-ministro português pronuncia-se pela primeira vez sobre o referendo francês tomando a defesa do Tratado de Maastricht ■ A Neste Chemicals anuncia o encerramento da sua fábrica de polipropileno situada no complexo industrial de Sines ■ O secretário-geral da ONU, Butros Ghali, afirma em Paris que dará o seu apoio ao recurso a meios aéreos para proteger os voos humanitários com destino a Sarajevo a outras zonas da Bósnia-Herzegovina ■ O presidente do Congresso Nacional Africano, Nelson Mandela, lança um apelo para que se intensifique a luta contra o general Oupa Gqozo, o actual homem forte do Ciskei.

Avante!

Proletários de todos os países UNI-VOS!

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português, Rua Soeiro Pereira Gomes — 1699 — Lisboa CODEX. Tel. 793 82 72

DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soeiro Pereira Gomes — 1699 Lisboa CODEX. Tel. 796 97 25/796 97 22. Telex 18390 Fax: 795 22 64

ADMINISTRAÇÃO: Editorial «Avante!», SA — Rua de São Bernardo, 14, 2º, 1200 Lisboa. Capital social: 15 000 000\$. CRC matricula: 47059. NIF — 500 090 440

DISTRIBUIÇÃO: DISTRIBUIÇÃO ADE's Editorial «Avante!» — R. S. Bernardo, 14 1200 Lisboa — Telef. (01) 395 21 93

Alterações de remessa: Até às 17 horas de cada sexta-feira: Fax: 3968793; Telex: 65791; Telef. (01) 395 21 93

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL INTERPRESS — Sociedade Distribuidora de Jornais e Revistas, Lda, Sector de Distribuição

Sede: Rua do Norte, 115, 1º, 1200 Lisboa. Telef. (01) 342 07 84/342 23 49/342 22 04

Delegação Centro: Praceta Dr. Alberto Oliveira, 4, 3000 Coimbra — Telef. (039) 71 35 77

Delegação Norte: R. Monte dos Pisos, 326, Quilões, 4450 Matosinhos Telef. (02) 953 15 66/953 17 49/953 17 50

ASSINATURAS: R. de S. Bernardo, 14 1200 Lisboa — Telef. (01) 395 21 93

PUBLICIDADE: Rua de S. Bernardo, 14, 1200 Lisboa — Telef. (01) 395 21 93

Composto e Impresso na Heeka Portuguesa R. Elias Garcia, 27 Venda Nova — 2700 Amadora Depósito legal nº 205/85

TABELA DE ASSINATURAS

PORTUGAL (CONTINENTE) — 50 números: 5.400\$00; 25 números: 2.790\$00

REGIÕES AUTÓNOMAS — 50 números: 6.786\$00

ESPAÑA — 50 números: 8.326\$00

MACAU — 50 números: 13.042\$00

GUINÉ-BISSAU E S. TOMÉ E PRÍNCIPE — 50 números: 14.058\$00

EUROPA (e ARGÉLIA, MARROCOS, TUNÍSIA) — 50 números: 14.980\$00

EXTRA-EUROPA — 50 números: 18.780\$00

* IVA e portes incluídos

Nome _____

Morada _____ Telef. _____

Código Postal _____

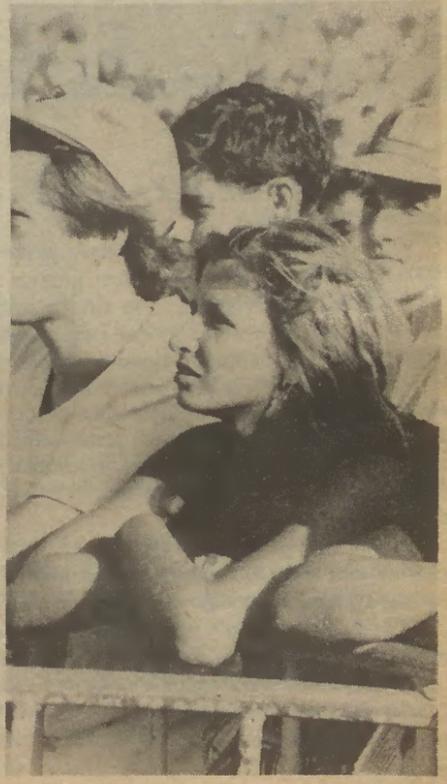
Enviar para Editorial «Avante!» acompanhado do cheque ou vale do correio.

A festa!

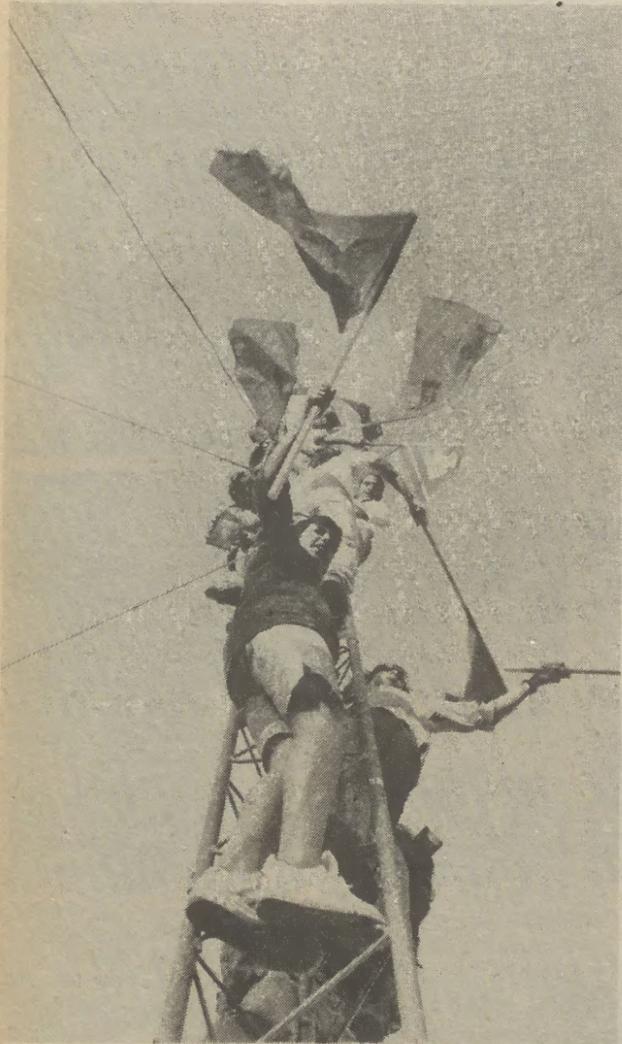


O PCP considera que a *juventude tem em si, não só já hoje capacidade e força para intervir e lutar, como tem em si reflexão que aprofunda, experiência que ganha, sentimentos sérios com que vibra, inteligência que sabe, coração que sente e potencialidades de afirmação e de luta que a definem como grande força social na actualidade, e que nos leva a nós, comunistas, a confiar na juventude e a confiar em que a juventude desempenhará importante papel para o afastamento da direita do poder, para uma alternativa democrática, e para o futuro socialista de Portugal.*

Álvaro Cunhal - 6.Set.92



A festa!



Portas abertas à alegria

A abertura da Festa, ao estalar dos foguetes, levando a reunir junto da torre onde a bandeira foi içada uma verdadeira multidão, deu logo o tom: era uma verdadeira festa de juventude. Desta vez não foram jovens apenas aqueles que subiram à torre saudando o início de mais

uma edição da maior manifestação político-cultural do País. No terreno, cá em baixo, rodeando o secretário-geral adjunto que ia fazer um breve discurso, muitas centenas de jovens aplaudiram, cantaram e deram vivas. Muitos deles ali haviam trabalhado e

acabavam de arrumar a «casa» para a «invasão» dos visitantes, na sua maior parte jovens também. Muitos ainda, tendo vindo à festa, à música e ao convívio, sabiam bem ao que vinham e traziam a bandeira vermelha a flutuar, em apoio ao Partido que ali festejava as suas lutas e

preparava as próximas. O calor e a vibração com que foram saudadas as palavras de Carlos Carvalhas, que se encontravam acompanhado de Álvaro Cunhal, secretário-geral do Partido, do Director do «Avante!», Carlos Brito, membro da Comissão Política, e de José Socero, do Secretariado do

CC, a alegria de inaugurar mais uma Festa no terreno da Atalaia engalanado para recebê-la, deram também o tom. Essa alegria e esse vibrante entusiasmo não mais se dissipou até culminar no comércio e aos últimos acordes dos espectáculos de domingo à noite. Essa primeira

multidão presente na abertura da Festa «invadiu» o seu terreno, dispersou-se e multiplicou-se, renovou-se e reuniu-se em múltiplas actividades e solicitações, solidária e atenta, participante e entusiástica. E pôde, revendo-se, dizer logo no início — «Não há festa como esta!»

Carlos Carvalhas

A Festa do Portugal que trabalha e sonha!



Camaradas e amigos,

Ao darmos início à nossa Festa, fazemo-lo naturalmente com alegria e orgulho.

Com orgulho pela realização deste acontecimento que é reconhecidamente a maior realização política cultural de massas realizada em Portugal, com alegria porque a Festa do Avante! é isso mesmo e, porque sabemos de antemão que aqueles que aqui vêm, nomeadamente os que não sendo comunistas nos visitam pela primeira vez, levarão boas recordações e ficarão com uma ideia mais exacta, mais liberta de preconceitos do que são, do que pretendem, a que aspiram os comunistas portugueses. A Festa do Avante! é festa do povo, é festa da juventude é em si mesma um testemunho real e vivo do empenhamento militante.

A 16.ª edição da Festa do Avante!, pela terceira vez em chão nosso, realização inconfundível no Portugal democrático que ajudámos a conquistar, acaba de abrir as suas portas.

Começam assim três dias sempre renovadamente únicos e especiais em cada ano, sempre motivo de novas emoções, encontros, convívios e reflexões, sempre carregado de significado, sempre testemunho marcante da intervenção, dos critérios, da capacidade de realização, das atitudes, dos valores e do projecto do PCP, sempre magnífica demonstração do

esforço, do ânimo e da profunda confiança dos comunistas portugueses.

Não por mera tradição ou ritual, mas por irrecusável dever de justiça, permitam-me, camaradas, que em nome do Comité Central, dos seus Organismos Executivos, saúde calorosamente todos os construtores da Festa, os milhares de membros do Partido e da JCP e muitos outros democratas que com o seu esforço, vontade, energia e criatividade ergueram esta incomparável festa da liberdade e da democracia, festa dos trabalhadores, festa da cultura e da arte, festa do Portugal que trabalha e sonha, que resiste e luta, festa da tolerância, do respeito mútuo e da fraternidade.

Nesta inauguração da Festa é devida ainda uma saudação às populações da acolhedora zona da Amora e de todo o concelho do Seixal, bem assim como aos moradores das urbanizações vizinhas da Atalaia, pelas boas relações de cooperação e pela compreensão que manifestam, pela importância e dimensão deste acontecimento.

Como é devida a saudação e as boas vindas a todos os visitantes, a todas as portuguesas e portugueses que, independentemente das suas convicções políticas, vêm connosco partilhar durante três dias este grande espaço de encontro, diálogo, convívio, liberdade e democracia.

A Festa do Avante! é um espelho dos valores do projecto de sociedade, do futuro por que lutam, para Portugal, os comunistas solidamente ancorados na cultura, no património e nas aspirações dos trabalhadores e do povo português. É a Festa dos homens, mulheres e jovens para quem a entrega às causas mais generosas, a liberdade, a verticalidade e a coerência são pontos cardeais de consciência e de conduta.

Há um ano, em cima de um turbilhão de dramáticos acontecimentos, enfrentando uma das mais violentas e implacáveis campanhas de deturpações e calúnias, a Festa do Avante! dava uma primeira mas inesquecível resposta de serenidade, de solidez das suas convicções, da força e da pujança das nossas raízes populares e nacionais, do lúcido apego dos comunistas portugueses ao património político e ideológico do seu partido, ao valor do seu projecto político, à necessidade sustentada na vida de todos os dias, da sua actividade, da sua luta e do seu papel, da sua invencível confiança, na capacidade revolucionária de transformação social, de justiça e de liber-

dade ao serviço da dignidade da pessoa humana, do progresso do País e do bem-estar dos portugueses. E hoje aqui estamos com confiança renovada, decididamente voltados para o futuro.

Muito do que neste ano transcorrido se passou em Portugal e no mundo, longe de diminuir a coragem, a frontalidade e convicção que aqui mesmo, manifestámos então em verdadeira vaga de fundo do sentir, da emoção e da inteligência dos comunistas, antes comprova e reforça a sua razão e o seu fundamento.

Nem, no plano internacional, a hegemonia do imperialismo trouxe mais justiça, mais liberdade e mais paz aos povos e ao mundo, nem no plano nacional, o prosseguimento da política de direita trouxe aos portugueses a resposta aos seus problemas e carências e ao País as soluções necessárias ao seu progresso e desenvolvimento.

Por isso, se compreenderá que na Festa se afirme a solidariedade internacionalista do PCP para com todas as forças que se batem pelos direitos e interesses dos seus povos e por avanços e transformações progressistas e revolucionárias nos seus países.

Por isso, se pode ter como absolutamente certo que na Festa do Avante! falará a voz da resistência e da luta contra a política de direita; falará alto a batalha crucial em defesa dos interesses dos trabalhadores e do povo contra a desumana ofensiva do governo do PSD, empenhado em defender os privilégios egoístas e conservadores de alguns em detrimento e prejuízo dos interesses colectivos; falará alto a luta pelo «Não» a Maastricht e pela defesa dos interesses e da soberania nacionais, e aqui, nesta Festa, apoiando uma iniciativa lançada por diversas personalidades propomo-nos recolher um significativo número de assinaturas pelo «Não» a esse Tratado; falará alto também a disposição de luta, as soluções, as propostas, o entusiasmo e a determinação do Partido Comunista Português, grande força de esquerda voltada para o futuro, grande partido da esperança, da democracia e do socialismo.

Viva a Festa do Avante!
Viva a JCP!
Viva o PCP!

Álvaro Cunhal sobre a Festa e o Partido:

Convictos, unidos e confiantes com os trabalhadores e com o povo

Camaradas e amigos:

Antes de mais uma saudação a todos os que vieram à Festa do "Avante!" e nela participam.

Esperamos que todos aqueles que, não sendo comunistas, aqui vieram, tenham sentido e sintam, na Festa, com a imagem deste Partido, os braços abertos, compreensivos, amigos e fraternos dos comunistas portugueses.

Aos convidados dos outros países, com a nossa gratidão pela amizade que consigo trazem, estamos certos de que sentem a viva expressão dos **profundos sentimentos de solidariedade dos comunistas e do povo de Portugal.**

E aos camaradas do Partido, bem como da JCP, a certeza de que, encontrando-nos aqui de que, encontrando-nos aqui tantos, este grandioso encontro reforça a confiança acerca do que o PCP representa, do que lhe cabe fazer e do que está em condições de fazer na vida nacional.

Esta Festa erguida com o trabalho, a dedicação, a inteligência, o saber, a criatividade, a arte, de milhares de militantes, erguida em terra que é nossa e por isso aberta ao povo; festa que é cultura, música, canto, teatro, desporto, diversão, e lazer; que é sol, luz e alegria; que é festa da juventude e encontro e convívio de todas as idades; festa que é uma janela aberta para o País e para o mundo; que é entusiasmo, convicção e combate; - constitui em si mesma uma resposta serena de um Partido, que muitos queriam que estivesse curvado, dividido e desalentado e que aqui se mostra, com serena convicção, de pé, firme, unido e confiante.

Tempos atrás, tomando desejos por realidades, gritavam, uns que "o comunismo morreu" e acrescentavam outros que, com a suposta morte do comunismo, também o PCP estaria prestes a morrer.

Já a forte dinâmica da vida nacional mostrou como era tonta tal ilusão. E confirma agora a nossa Festa, com o seu forte pulsar neste mar humano que aqui confraterniza, que o PCP está vivo e bem vivo, profundamente empenhado na luta presente e - sempre com os trabalhadores, sempre com o povo -, firmemente voltado para o futuro.

O século XX e a situação internacional

Todos assistimos a uma gigantesca e furiosa campanha que, reescrevendo a história do nosso século, pretende demonstrar que, neste findar do século, o comunismo morreu e o capitalismo sai triunfante como sistema superior e definitivo.

A verdade é que o século XX ficará marcado por um empreendimento revolucionário que, pela primeira vez em milénios de história, ousou construir uma sociedade libertada da exploração do homem pelo homem e de grandes desigualdades e injustiças sociais, uma sociedade sem classes antagónicas, uma sociedade socialista.

É certo que um tal empreendimento revelou ser mais complexo, mais demorado, mais irregular, mais acidentado,

do que previram os seus pioneiros. É certo que a desagregação e desaparecimento da URSS (e também do socialismo nos países do leste da Europa) significam grandes derrotas e passos atrás na história, **uma catástrofe para a humanidade e uma mudança radical da correlação de forças a nível mundial.**

O regime que estava na URSS e nesses países necessitava é certo de rectificações e de profunda renovação. Por isso considerámos de forma positiva a "perestroika" na medida em que a anunciada "reestruturação" visava a renovação e o reforço do socialismo. Mas logo alertámos contra processos contra-revolucionários que de imediato se desenvolveram à sombra da "perestroika", processos dos quais muitos dos

lo" que em aspectos essenciais (o poder, a democracia, o bem-estar do povo, a teoria, a prática) se afastou dos ideais comunistas sempre afirmado e proclamados mesmo quando desrespeitados. E de todos esses aspectos resulta uma lição, que, entre tantas e necessárias lições, é talvez a **lição das lições: que uma sociedade socialista só pode ser construída pela acção revolucionária e o empenhamento dos trabalhadores e das massas populares, nunca sem esse empenhamento e muito menos contra a sua vontade.**

Quanto ao capitalismo, a sua história no século XX é marcada por duas guerras mundiais, a hecatombe de dezenas de milhões de mortos, intervenções e agressões, actos de terrorismo de Estado, ditaduras fascistas, zonas de fome e miséria

que atingem milhões e milhões de seres humanos. O capitalismo continua atolado em crises e misérias, não resolveu antes tende a agravar as suas contradições e mantém a sua natureza exploradora e agressiva como os acontecimentos mostram dia a dia.

A Nova Ordem Internacional, que o imperialismo pretende impor ao mundo é a sua hegemonia mundial, a exploração, o domínio económico, a ingerência, a intervenção militar e mesmo a guerra para impor regimes, governos, mesmo dirigentes que lhe sejam submissos (como vemos na guerra do Golfo e nas novas provocações e ataques ao Iraque, como vemos na Jugoslávia, para citar apenas exemplos actuais).

O que de essencial marcará o século XX na história das sociedades são as profundas transformações revolucionárias na construção do socialismo, são históricas conquistas dos trabalhadores, é a conquista da independência por povos secularmente sujeitos ao jugo colonial, e a perspectiva (que a vida mostra não ser apenas um sonho, não ser uma utopia, mas sim um projecto e um feito revolucionário) da construção de uma nova sociedade.

Ao contrário do que pretendem alguns, o comunismo não morreu no século XX, antes o século XX é o século em que o comunismo nasceu. O comunismo não é um empreendimento falhado que agora pertence ao passado, mas um ideal e um projecto que, embora defrontando imensas dificuldades e obstáculos, tem à sua frente o futuro. Os comunistas e outros revolucionários desempenharam um papel determinante nesses grandes feitos e realizações.

E assim o século XX ficará também marcado por gerações e gerações de comunistas e

outros revolucionários que em todo mundo deram tudo de si próprios (e milhares e milhares deram a vida) para que a humanidade avançasse tão importantes passos no caminho da sua libertação.

Se há quem queira reescrever a história para que a história volte atrás, se há quem queira esquecer estes feitos heróicos dos comunistas, da nossa parte certamente reflectimos sobre os acontecimentos passados e fazemos sobre eles análises mais rigorosas, mas **continuamos a defender esse glorioso património de ideal e de luta.** Se há quem queira esquecer ou pareça ter receio de lembrar os seus mortos, nós **somos daqueles que sempre nos seus túmulos deporemos cravos vermelhos.**



mais altos dirigentes do Partido e do Estado foram promotores e dinamizadores.

É certo que nestes mesmos anos o capitalismo nos países mais desenvolvidos mostrou capacidade de resistir, de alcançar sensacionais avanços na ciência e na tecnologia e êxitos notáveis no desenvolvimento das forças produtivas.

Estes acontecimentos não podem porém conduzir à conclusão de que o socialismo passou a pertencer ao passado e o capitalismo é o futuro. As grandes derrotas na URSS e nos países do leste da Europa não devem fazer esquecer as grandes realizações revolucionárias e progressistas alcançadas nesses países. Não podem ser atribuídas ao fracasso dos ideais do projecto comunista, mas sim ao fracasso de "um mode-

E prosseguindo em novas condições a luta na qual tantos deram a vida acreditando na nossa causa, **tudo faremos para continuar a ser dignos da sua memória.**

O valor do internacionalismo

Ante tão graves acontecimentos e tão perigosa evolução qual a atitude a tomar?

Poderia alguém admitir que o nosso Partido se encerrasse na sua própria concha voltando as costas aos povos dos outros países?

Poderia admitir-se que aparecessemos timoratos, porque o anticomunismo grita que a nossa solidariedade nos compromete?

Não, o nosso Partido, que nunca se deixou intimidar, **não seguirá tal caminho.**

Se, como todos vemos, as forças do capital procuram ultrapassar contradições e actuam coordenadamente a nível internacional para a rapina dos recursos naturais, para a exploração dos recursos humanos, para a dominação política, para impedir e abafar processos revolucionários, para actos de ingerência, de agressão e de guerra, **é uma necessidade objectiva que os trabalhadores, os povos, os comunistas e outras forças revolucionárias não deixem enfraquecer os seus laços de amizade e cooperação.**

Todos estamos inseridos numa luta universal, com componentes muito diversificadas e contraditórias, que se desenvolve no quadro de cada país, mas que em cada país não se pode considerar fechada, isolada, sem sofrer influências dos outros e sem por sua vez influenciá-los.

Pela contribuição que nos deram e dão com as suas realizações e a sua experiência aqui hoje, a todos os nossos convidados (e sem esquecer nenhum dos ausentes) queremos confirmar a **gratidão revolucionária dos comunistas portugueses e a determinação do PCP não só de manter, mas de reforçar a sua activa (embora modesta) solidariedade. Assim como nada e ninguém nos afastará da nossa atitude patriótica em defesa dos interesses do povo português e de Portugal, assim também nada e ninguém nos afastará da atitude de solidariedade internacionalista para com forças revolucionárias, os trabalhadores e os povos de outros países.**

Para com aqueles que insistem corajosamente em construir o socialismo - com referência a Cuba porque particularmente ameaçada. Para com aqueles que lutam heroicamente pelos seus direitos com referência, porque lutam em condições particularmente gravosas, ao ANC, ao PC Sul-africano e ao povo sul-africano, à OLP e ao povo palestino, e ao povo de Timor-Leste tão próximo do coração da juventude portuguesa.

Na actual conjuntura histórica, o socialismo desapareceu como sistema mundial. Mas num quadro mais amplo de forças revolucionárias, o **movimento comunista** - movimento universal que traduz a vontade de libertação do capitalismo e da construção de uma nova sociedade - com nova configuração, com nova composição, com novas diversificações e irregularidades, com manchas brancas no mapa, com questões que questiona e respostas que procura, **continua a ser um movimento de grande profundidade social e grandes potencialidades, cuja tendência será, não para o declínio e o desaparecimento, mas para a renovação, a recuperação de posições perdidas e o retomar do avanço histórico.**

Por muitas voltas que o mundo dê será o comunismo e não o capitalismo o futuro da humanidade.

A política de direita - uma política que não serve

Tal como a situação internacional, assim também a situação nacional é extremamente complexa.

Cavaco Silva e o Governo do PSD estão já há muitos anos no poder. Gabam-se da estabilidade. Mas a verdade é que a estabilidade do Governo tem representado a instabilidade económica (com a agitada alteração e destruição das estruturas económicas), a instabilidade social (com constantes vagas de lutas e protestos); a instabilidade política (com conflitos e confrontos entre órgãos de soberania e constantes e graves alterações do regime político). Longe de estável, a situação nacional continua em movimento e em mudança. Movimento e mudança no pior sentido. A continuar no poder o Governo de direita, e a não se desenvolver decididamente a resistência à sua política, **dentro de um tempo relativamente curto, teremos em Portugal, como sistema económico restaurado, o capitalismo monopolista de Estado (já em avançado estado de reestruturação). Será, em linhas fundamentais a reposição do sistema que se formou e instaurou conduzido e promovido pela mão negra da ditadura fascista, ao preço de uma exploração desenfreada e de uma implacável repressão dos trabalhadores, das massas populares e dos democratas em geral.**

Leiam e vejam, em revistas e suplementos de jornais que para aí enxameiam, as notícias da vida mundana. Encontreis nas faustosas festas dessa gente, uma catadupa de nomes (dos próprios ou dos rebentos) das célebres duzentas famílias que no tempo do fascismo tinham Portugal nas mãos. Alguns reaparecem (com mais outros das clientelas

Foi à hora marcada, com foguetes e bombos, que teve início o comício de encerramento da Festa. O camarada Aurélio Santos, da Comissão Executiva Nacional do CC, chamou ao palco 25 de Abril, em primeiro lugar, as muitas delegações de partidos e organizações progressistas e revolucionárias convidadas, a que se seguiram os camaradas da Comissão Nacional da Festa e membros da Direcção da Juventude Comunista Portuguesa. Foram depois chamados os camaradas do Comité Central e dos seus organismos executivos — Comissão Política, Secretariado e Comissão de Controlo e Quadros, entrando por fim o secretário-geral adjunto, Carlos Carvalhas, e o secretário-geral do Partido, Álvaro

Cunhal. A Festa parou, como já é de tradição, e no vasto largo frente ao palco, a multidão cresceu de muitos milhares de visitantes, onde sobressaía a presença entusiástica da juventude, que ouviram e aplaudiram os discursos. Tomou palavra, em primeiro lugar, o Director do «Avante!», Carlos Brito, membro da Comissão Política. Falou seguidamente Filipe Rosas, do Executivo da Direcção Nacional da JCP. Por fim, o secretário-geral do Partido, Álvaro Cunhal, pronunciou o discurso que hoje publicamos na íntegra, assim com o as intervenções dos outros dois oradores. O comício terminou com todos a cantar o «Avante, Camarada», a Internacional e o hino nacional.



laranja) a apossar-se de novo de bancos, de empresas, de propriedades, numa fúria insaciável de centralização de capitais e de riqueza, contrastando com as manchas de pobreza e miséria que alastram em ritmo galopante.

E Cavaco e o seu Governo têm tão particular ternura pelo passado fascista que até atribuem pensões vitalícias aos antigos PIDEs ao mesmo tempo que as recusam a um heróico capitão de Abril.

E no que respeita ao regime político?

No que respeita ao regime político, **Portugal corre o risco de vir a ter um regime político que, embora com o reconhecimento do pluralismo partidário e de uma democracia formalmente parlamentar, venha a significar a perpetuação de um único partido no poder, com a institucionalização de mecanismos antidemocráticos que garantam tal situação a deslizar para um regime autoritário de cariz totalitário.**

Não é certamente da vontade do povo português o domínio de alguns grupos económicos monopolistas, reestruturados e restaurados através de uma cruzada de ilegalidades e espoliações de bens públicos como o nosso Partido há vários anos denuncia. Grupos que, em crescente associação com as transnacionais vão tomando nas mãos as alavancas fundamentais da economia portuguesa. E isto sem que o aparelho produtivo se renove e modernize de forma a responder aos desafios que a integração europeia comporta. Com a indústria estagnada, sectores em crise, encerramento de empresas,

assimetrias regionais que se aprofundam, balanças deficitárias (a agro-alimentar, a energética, a tecnológica) que se agravam.

Não é certamente da vontade do povo português a restauração da propriedade latifundiária com o abandono de terras e a liquidação de dezenas de milhares de postos de trabalho assim como a liquidação de milhares de pequenas explorações, assim como o roubo aos povos do seu direito aos baldios e (como balanço) uma agricultura desprezada, a sofrer uma política ruinosa e importações maciças da CEE.

Não é certamente da vontade do povo português uma economia bloqueada, sem norte, submetida aos ditames estrangeiros, que se anuncia que cresce mas não se desenvolve, que se anuncia correr como a lebre mas cuja marcha de tartaruga e cujos riscos de uma recessão estão à vista.

Não é certamente da vontade do povo português e nomeadamente dos trabalhadores a liquidação de direitos e liberdades fundamentais. A proibição efectiva do direito à greve, os tectos salariais, os salários em atraso, a precarização do emprego, os despedimentos colectivos, a congelação e limites à contratação colectiva, a redução de regalias sociais, os disponíveis da Função Pública e a fixação de 6% antontem anunciados, as discriminações para com as mulheres e os jovens, o trabalho infantil, a miséria das pensões e reformas, a falta de apoio aos emigrantes, as taxas moderadoras, o aumento do preço dos medicamentos e a degradação dos serviços de saúde, os preços inacessíveis da habitação, a degradação do ensino e o aumento das propinas, agora também a redução dos juros dos depósitos que atingem gravemente as pequenas economias, e o aumento dos grandes flagelos como a droga, a prostituição, a poluição e a criminalidade.

Não é certamente da vontade do povo português toda a actuação do Governo destruindo pouco a pouco traves mestras do regime democrático conquistado e instaurado com a revolução de Abril. A violação sistemática pelo Governo da Constituição e da legalidade. A absolutização do poder por um único partido. O assalto laranja ao aparelho do Estado. O estrangulamento financeiro do poder local. Novas leis eleitorais antidemocráticas. Discriminações efectivas relativas à acção política e ao exercício de cargos e profissões. O controlo e instrumentalização da televisão e de outros dos mais importantes meios de comunicação social. O reforço do aparelho especial de repressão e novas polícias secretas.

Não é certamente da vontade do povo português a degradação cultural, o renascimento do obscurantismo e de velhos e reaccionários conceitos.

E para finalizar esta breve série de anotações, não é certamente da vontade do povo português o esbanjar de fundos em obras sumptuosas como os 40 milhões de contos do Centro de Belém que continua fechado, as indevidas indemnizações aos Champalimaud, Mellos & C^a e as recusas ou atrasos nas indemnizações aos agricultores e que continue no poder um Governo atolado dos pés à cabeça num estendal de corrupção e clientelismo, em escândalos, abusos do poder, fraudes, negociatas, nepotismo, e que, cada vez que os casos estoirem, procura logo abafá-los.

E, falando das relações externas e da política externa, não é certamente da vontade do povo português **uma política de capitulação nacional no quadro da integração europeia.** A submissa aceitação da sobreposição de interesses estrangeiros aos interesses portugueses na agricultura, nas pescas, na indústria, nos serviços. A entrega de sectores-chave da nossa economia ao capital estrangeiro. E o seguidismo da diplomacia bem retratado nessa lamentável presidência portuguesa da Comunidade assumida como o papel submisso de um primo pobre que faz de conta em casa de tia rica. E a progressiva e perigosa integração militar portuguesa em iniciativas de agressão. E agora o propósito de, sem informar o povo, começar a fazer-lhe pagar a pesada factura de uma política económica restritiva por antecipação das orientações do Tratado de Maastricht e fazer aprovar e ratificar o Tratado que num caminho federalista institui instâncias supranacionais que passariam a dirigir de tal forma a política portuguesa na economia, nas relações externas, na segurança, na defesa, **que passariam a reduzir** tão gravemente a independência e a soberania nacionais, que se impõe reagir firmemente contra a propaganda do "sim" em que convergem PSD e PS, informar o povo e fazer o apelo que aqui renovamos do "Não a Maastricht!".

A supranacionalidade que impõe a Nações e Estados mais fracas decisões contra os seus interesses não é o caminho para a cooperação amistosa no quadro daquilo que alguns chamam "um novo internacionalismo" e a "interdependência" é sim o **caldo de cultura para explosões exacerbadas de nacionalismo. E não são de aceitar poderes supranacionais que amarrem para sempre os povos a um sistema capitalista imposto do exterior e impeçam que um povo, se o quiser, opte pelo sistema e o regime em que quer viver, incluindo a opção pelo socialismo.**

Com os trabalhadores, com as massas, com as populações, travamos decidido combate contra tal política. Não é uma promessa que fazemos mas uma garantia que damos.

Fraquezas e medos do Governo

Cavaco Silva afirma com arrogância a sua força e a sua confiança.

Mas estas são bastante menores do que aquelas que afirma. Será sinal de força e confiança a contestação do exercício das competências do Presidente da República e os discursos insolentes que contra ele bolsam alguns guarda-costas ideológicos do PSD?

E a contestação das decisões do Tribunal Constitucional quando por vezes declara a inconstitucionalidade de leis e decisões do Governo?

Será um sinal de força e confiança reduzir ou eliminar os mecanismos de fiscalização e controlo da acção governativa? Reduzir os termos da intervenção da Oposição na Assembleia da República? Decretar a dispensa de visto do Tribunal de Contas a certas despesas do Governo que careciam desse visto anteriormente? Alargar o âmbito do segredo de Estado a actuações correntes de ministros, secretários de Estado, altos funcionários e de novas polícias secretas? Abafar inquéritos, ilibar responsáveis, tornar inoperantes as funções da Alta Autoridade contra a Corrupção e intervenções do Provedor de Justiça? Substituir um Conselho da Comunicação Social por uma Alta Autoridade concebida, embora que com certos erros de cálculo, como um instrumento de ratificação de irregularidades e abusos designadamente da RTP?

Será sinal de força e de confiança esconder e ocultar do conhecimento do povo os processos relativos a grandes decisões de carácter nacional? Obscurecer por exemplo a transparência desse processo mafioso das privatizações?

Será sinal de força e confiança querer que sejam aprova-

monizar as Autarquias, e assegurar, mesmo com perda vertical de votos, uma nova maioria na Assembleia da República que lhes assegure a permanência no poder.

Sr. Primeiro-Ministro, deixe que daqui lhe digamos: **o senhor está com medo!** Está com medo que a oposição se alargue e se intensifique. Está com medo da luta popular. Está com medo que lhe voltem as costas muitos que anteriormente o apoiaram. **Está com medo (e se não tivesse medo para quê alterar as leis eleitorais?) de vir a perder as futuras eleições e ser afastado do poder.**

Afastar a direita do poder não é tarefa fácil, camaradas. É entretanto a **tarefa política central** que se coloca a todos os democratas e patriotas. É uma tarefa difícil. Mas está ao alcance do povo português.

Tarefa central uma política e um Governo de alternativa

O medo provoca nervosismo, o nervosismo leva ao artifício da afirmação própria, falando do que se sabe e do que se não sabe. Mas que diferença faz More ou Mann? Tomaz por Tomaz tanto faz e a diferença também não é grande entre Victor Hugo escritor e Vítor Hugo jogador do Benfica. Alguns põem-se em bicos dos pés para que se lhes veja a cabeça, mas parece que não o conseguiriam, mesmo que

cesso de privatizações, liquidação do Sector Empresarial do Estado e indemnizações e entregas aos grandes grupos económicos. Assim foi na liquidação da reforma agrária. Assim foi em relação a questões muito gravosas do "pacote laboral". Assim se corre o risco que seja no que respeita às leis eleitorais. Assim está a ser no propósito de fazer aprovar Maasricht. Assim está a ser na política externa, como no caso da exigência (por vezes histórica) de que as forças armadas portuguesas participem directamente em agressões militares a outros países.

Mas a oposição não é só PS. E se o Partido Socialista não tem verdadeiramente até agora uma verdadeira política alternativa, tem-na e propõe-a ao povo com rigor e com verdade o Partido Comunista Português.

A política que propomos ao povo é uma política capaz de resolver os grandes problemas que o País defronta e de promover um desenvolvimento geral no caminho da democracia, do progresso, do bem-estar e da independência e soberania nacionais.

O Programa de "uma democracia avançada no limiar do século XXI" que propomos, não sendo um programa de Governo, desenvolve não só as linhas gerais, mas as políticas concretas bastante pormenorizadas para uma futura acção governativa.

A democracia tem quatro vertentes inseparáveis e complementares: a democracia política, a democracia económica, a democracia social e a democracia cultural.



dos e ratificados tratados sem que o povo conheça do que se trata e sem que possa dizer uma palavra sobre questões de profundas e nefastas consequências para Portugal?

Será sinal de força e confiança pretender ocultar ilegalidades, escândalos e falcatruas, que se cometem nas mais altas esferas e assegurar a sua impunidade?

Será sinal de força e confiança a censura ao livro de Sarago?, a exoneração de uma subsecretária de Estado que pede a demissão?, e processos disciplinares persecutórios a quem ousa discordar e criticar?

Será sinal de força e confiança a festa do PSD em Faro que saiu de laranja desmaiada como desmaiado foi o discurso do Primeiro-Ministro?

E para acabar esta já longa lista, será sinal de força e confiança o avançar e recuar, o prometer e faltar, o dizer e desdizer, o dar e tirar, artes em que Cavaco é mestre, mas no que já encontrou dignos discípulos na matéria como é o caso de um secretário de Estado da Cultura que não há dia nenhum em que nos não brinde com novas *cowboyadas*?

Não, camaradas, tais atitudes, decisões e comportamentos não são sinal nem de força, nem de confiança, mas sinal de fraqueza e crescente inquietação e incerteza acerca do que o futuro lhes reserva.

Bem claro para demonstrar estas afirmações é o facto de o Governo procurar alterar as leis eleitorais, pondo em causa o princípio da proporcionalidade nas eleições para a Assembleia da República e nas Autarquias e procurando que votem nas presidenciais, através de consulados controlados pelo cavaquismo, não só os emigrantes (e para estes defendemos o direito de voto desde que exercido no território nacional) mas milhões de cidadãos de outros países de ascendência portuguesa, a maior parte dos quais nem têm já nada a ver com Portugal nem sequer falam a língua portuguesa.

É claro que o objectivo é ver se conseguem também tomar de assalto e ocupar a Presidência da República, hege-

usassem saltos de 9 centímetros. Se durante alguns anos os actos do Governo faziam só chorar, de alguns tempos para cá, o nervosismo de que dão mostras por vezes faz rir. A multiplicação de tais casos leva a admitir que Cavaco e a sua gente, que têm sido para Portugal uma tragédia, acabarão por terminar em farsa.

Como todos nos lembramos, em vários momentos, perante o rebrantar de escândalos por actos de tal ou tal membro do Governo, surgiu a reclamação da sua demissão. Não contestamos que a reclamação seja justa. O insólito é que em tais casos, em vez da demissão, Cavaco tenha protegido e em alguns casos promovido politicamente os prevaricadores e procedido a operações de limpeza da respectiva imagem pública com o mesmo à-vontade com que para aí se fazem operações financeiras para lavagem de dinheiro sujo da droga. A questão não é só de tal ou tal ministro ou secretário de Estado. A questão é a do Governo de direita e da sua política, tendo à frente como principal responsável o Primeiro-Ministro Cavaco Silva.

Para bem de Portugal e dos portugueses, este Governo, esta política e este Primeiro-Ministro têm de ser substituídos por um Governo democrático com uma política democrática.

É necessário esclarecer: **alternativa não é a chamada alternância. Uma alternativa democrática não pode ser apenas a substituição de uns por outros sem nada mudar de fundo na política seguida.**

Os propagandistas do Governo dizem que a Oposição não apresenta qualquer política alternativa. No que respeita ao PS, é certo que, em muitos pontos, a política que o PS propõe não é muito diferente da do PSD. Tem-se mesmo verificado em importantes matérias convergências e acordos entre o PS e o PSD, entre o PS partido da Oposição e o Governo à política do qual qualquer oposição deveria de facto opor-se.

Assim foi na revisão da Constituição. Assim foi no pro-

E como elemento basilar no quadro internacional a independência e a soberania nacionais.

Quais os grandes objectivos que propomos relativamente a estas quatro vertentes e à independência nacional?

Nós propomos **um regime de liberdade** no qual o povo decida do seu destino e um Estado democrático, representativo, participado e moderno. Propomos **um desenvolvimento económico assente numa economia mista, moderno, dinâmico, ao serviço do povo e do País**, no qual um Sector Empresarial do Estado tem importante papel a desempenhar.

Propomos **uma política social que garanta a melhoria das condições de vida do povo**, condições de vida no sentido mais amplo, aspiração e direito que só uma política verdadeiramente democrática pode assegurar.

Nós propomos **uma política cultural que assegure o acesso generalizado à livre criação e fruição culturais**, certos de que a cultura é elemento integrante do bem-estar, da democracia e da alegria e felicidade do ser humano.

E finalmente, nós propomos **uma política independente e soberana**, valor inalienável da nação e do povo português, que queremos adopte uma política de paz, amizade e cooperação com todos os povos.

Lutamos e lutaremos por tais objectivos e procuramos ganhar o povo português para aquilo que propomos no nosso Programa, porque estamos convictos de que este corresponde às suas necessidades e aspirações mais profundas.

A frente institucional e eleições próximas

Camaradas:

O Governo está menos seguro no poder do que ele próprio cuida e a democracia tem potencialmente forças

capazes de assegurar uma alternativa. O próprio regime político que o Governo de direita procura desnaturar e perverter, contém ainda elementos constitutivos e virtualidades de real valor para o futuro democrático do País.

A organização do poder político, a interdependência dos órgãos de soberania, o poder local democrático e os tribunais são obstáculos ao plano subversivo do Governo e factores positivos para uma alternativa democrática.

Continuando a nossa luta no quadro das instituições, podemos assegurar que o **Grupo Parlamentar do PCP** prosseguirá a sua valiosa e capacitada actuação. Intervirá para reforçar a acção fiscalizadora da Assembleia. Apresentará propostas para o próximo Orçamento do Estado que garantam dotações suficientes para o cumprimento das funções sociais do Estado (saúde, educação e ensino, habitação, ciência e tecnologia) e para aumentos reais das remunerações dos trabalhadores da função pública e das pensões e reformas. Exigirá que se proceda a um debate nacional sobre o Tratado de Maastricht e um referendo sobre a matéria, antecedendo qualquer revisão da Constituição que tenha por objectivo a sua adequação ao Tratado.

Paralelamente à nossa acção na Assembleia da República, os **nossos deputados no Parlamento Europeu** darão prioridade à dimensão social do desenvolvimento e à expressão efectiva do princípio da coesão económica e social, combatendo soluções federalistas e defendendo soluções que afirmem a identidade nacional portuguesa numa Europa de paz e cooperação.

O **poder local democrático**, essa grande conquista da revolução de Abril, tem condições para continuar a ser uma grande força da democracia que (tem de dizer-se) deve em grande parte a sua natureza participativa e a sua vitalidade ao trabalho e à obra, em muitos casos notável, realizados pelo PCP e pela CDU nas Autarquias. E, dado que esta nossa Festa se realiza no concelho do Seixal, que é exemplo do que acabo de afirmar, creio ser justo daqui saudarmos com reconhecimento pela hospitalidade o Presidente e outros eleitos comunistas e democratas na Câmara Municipal e outros órgãos autárquicos do Concelho.

As forças de direita, às quais se associa em muitos casos o PS, concentram esforços para reduzir a influência do PCP e da CDU nas Autarquias. A melhor resposta é a confirmação diária, nas decisões e nos actos, do trabalho, honestidade e competência dos nossos eleitos, que, reconhecidamente, nas Autarquias são os melhores.

A este respeito é de sublinhar a importância que as **próximas eleições autárquicas de 1993 assumem na vida política nacional**.

Estamos empenhados em reforçar a unidade com os nossos valiosos companheiros da CDU - Os Verdes, a Intervenção Democrática, os independentes - e dinamizar desde já a CDU e as suas estruturas locais.

Os nossos principais objectivos são a **confirmação das posições maioritárias actuais, a conquista de novas presidências, o reforço das posições actualmente minoritárias**. Temos confiança em que o conseguiremos.

A ninguém escapa também a importância que tem, para a população, para a democracia, para a oposição à direita, para as forças democráticas no seu conjunto, para o nosso Partido, o facto de a gestão municipal na capital do País ser assegurada por uma coligação de comunistas, socialistas e outros democratas. É razão suficiente para reiterarmos a **nossa disponibilidade - tomada no quadro do respeito pelas responsabilidades assumidas pelos dois principais partidos - o PCP e o PS - para a renovação da Coligação "Por Lisboa"**.

Importantes também na vida nacional as **eleições nas Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira** a realizar no mês de Outubro próximo. Apesar das dificuldades resultantes das discriminações políticas, caciquismo e abuso do poder, existem condições para fazer recuar a direita. Saudamos daqui os nossos camaradas e outros democratas que concorrem nas listas CDU e esperamos que os resultados sejam um justo prémio à sua luta convicta e corajosa.

Camaradas: A luta institucional, a acção na Assembleia da República, nas Autarquias e noutras instituições democráticas, e a luta eleitoral constituem duas das direcções centrais da luta que desenvolvemos. No regime democrático as eleições acabam por decidir a quem no concreto o povo atribui o exercício do poder. Entretanto, outra direcção central da nossa luta - a luta de massas - não assume menor importância a curto e a médio prazo.

As lutas de massas têm em numerosos casos alcançado os seus objectivos, tem noutros casos conseguido sucessos parciais, tem ainda noutros casos obrigado o Governo a adiar decisões.

As **lutas do povo português em toda a amplitude que as tem caracterizado são um elemento fundamental e determinante não só para defesa dos interesses populares, mas também para o enfraquecimento e a redução da base de apoio político e eleitoral da direita e do seu Governo, para uma dinâmica confiante de vitória democrática**.

Os movimentos sociais e os partidos na situação actual

O Governo mente ao gabar-se da paz social que a sua política teria gerado. A verdade é que já depois das eleições



de 1991 se desenvolveu uma ampla movimentação social, uma ampla vaga de protestos e reivindicações.

Que não se iluda o Governo. **A luta vai continuar, vai mesmo intensificar-se**, passado este período semimorto das férias, e o PCP estará, **como tem sempre estado, com aqueles que lutam pelos seus justos direitos**.

Citando apenas alguns dos objectivos imediatos, é oportuno aqui confirmar que estamos e estaremos com os **trabalhadores** na luta em defesa do direito de greve, direito ao qual nem uma lei imposta pelo Governo nem uma contestável decisão do Tribunal Constitucional, tomada aliás sem inteiro conhecimento de causa, tiram a legitimidade. Esta lei é tão gravosa, tão absurda, tão contrária às realidades da vida, da experiência e do que é a consciência de classe e o movimento sindical dos trabalhadores portugueses, que podemos dizer de ciência certa: se for por diante (pois ainda não é certo que vá) **o Governo proibirá de facto as greves mas é inevitável que os trabalhadores continuarão a fazê-las**, e desde já aqui queremos declarar que **estamos e estaremos com os trabalhadores no exercício desse seu direito fundamental**. E estamos e estaremos também na luta pelo respeito dos direitos sindicais nas empresas, por melhores salários, o emprego, os direitos sociais, as 40 horas de trabalho semanal e outras justas reivindicações.

Estamos e estaremos também com os **reformados** pelo aumento das pensões e reformas.

Com os **agricultores** (tão esquecidos nos seus problemas e direitos) para que seja dada resposta com urgência entre outros aos graves problemas dos **viticultores do Douro** e outras regiões demarcadas; dos produtores de tomate do Ribatejo, Oeste e Vale do Sado; dos produtores da pêra e pêssego, de batata, de cebola e de carne bovina; e também aos problemas criados pela invasão do mercado nacional pelas importações e ao problema dos incêndios florestais; por créditos bonificados, por ajudas; e (nunca esquecendo) pela construção do Alqueva.

Com os **intelectuais** pelo apoio à investigação científica e à criatividade artística.

Com os **estudantes** contra o aumento das propinas, por melhores condições para a abertura do novo ano lectivo.

Com as **mulheres**, por melhores condições de trabalho e

o cumprimento dos seus direitos saudando ao mesmo tempo a sua activa participação em todas as frentes de luta.

Com os **magistrados**, pelo respeito da sua independência.

Com os **oficiais** pelo respeito da sua dignidade e dos seus justos direitos. Com os **sargentos** assim como com os profissionais da **GNR** e da **Guarda Fiscal** pelo seu direito de associação bem como pelo direito de organização sindical dos **agentes da PSP**.

Com os **deficientes** pelo melhoramento de pensões e pela tabela de incapacidades.

No que respeita à **saúde**, lutamos e lutaremos contra as taxas moderadoras e o aumento do preço dos medicamentos e a transformação da saúde dos portugueses num negócio de alguns.

No que respeita ao **ensino**, pela defesa do ensino público, a gestão democrática das escolas, a concretização da reforma educativa.

No que respeita à **habitação** pela assunção pelo Estado das responsabilidades que lhe cabem.

No que respeita ao **sistema económico**, contra o processo de privatizações e as negociatas, os escândalos e a corrupção que o acompanham.

No que respeita ao **regime político**, contra as novas leis eleitorais, a política de estrangulamento financeiro das Autarquias e pelo pluralismo e isenção da comunicação social. Contra as discriminações políticas no exercício de cargos. Contra as novas polícias secretas e o acordo xenofóbica de Schengen.

No que respeita à **política externa** contra a participação das Forças Armadas nas agressões militares na Jugoslávia e no Iraque e, como grande batalha a travar, o **Não a Maastricht**.

E, estando aqui tantas crianças, queremos também dirigir-lhes a palavra. Dizer-vos, a vós, amiguinhos, que lutamos e lutaremos para que nada vos falte, para que, por exemplo, nas escolas não vos falte o leite que vos querem tirar, e para que tenhais adiante um futuro de paz, amor e felicidade.

Sim, a luta vai continuar e enquanto lá estiver Cavaco e o seu Governo, que ninguém espere que o povo se ponha de joelhos e aceite todas as malfetorias de uma política



que não o serve. A insistente, vigorosa e ampla movimentação que não têm o eco devido na comunicação social, mas que nem por isso é menos poderosa e significativa, evidencia que milhares e milhares de portugueses e portuguesas que votaram no PSD e lhe deram maioria se levantam em massa contra o Governo que se formou (não devem esquecer-lo) graças ao seu voto.

Evidencia que a base de apoio social e político de Cavaco Silva e do PSD se tem reduzido e tende a reduzir-se mais em virtude das consequências nefastas da política de direita.

Convergindo numa vastíssima e poderosa frente social estas lutas desempenham um papel que nos seus desenvolvimentos pode ser determinante para uma viragem democrática na política portuguesa.

Certamente cada um dos participantes neste comício já ouviu dizer: "Fui enganado, não votarei mais no PSD, não votarei mais em Cavaco". É significativo este estado de espírito. Mas já noutras ocasiões ouvimos dizer "nunca mais votarei neles" e depois voltaram a votar.

Assim, uma das grandes tarefas que se colocam é transformar a luta reivindicativa contra tal ou tal lei, decisão ou medida do Governo em oposição política à direita e esta oposição política em opção de voto democrático, concretamente voto no PCP.

Não é tarefa fácil, mas é possível realizá-la.

Confiamos em que a maioria esmagadora dos portugueses e portuguesas acabarão por dizer não à política de direita e ao Governo Cavaco Silva e por exigir e impor, pela acção e pelo voto, a substituição do Governo de direita por um Governo democrático.

O momento do trambolhão e da queda do Governo e da direita ainda não chegou, mas a sua hora chegará.

Esta situação confere capital importância aos movimentos e organizações sociais cuja natureza unitária, independência e objectivos, força organizada, luta decidida, nós, os comunistas, tudo faremos para reforçar.

E entre esses movimentos e organizações sobressai pelo que representa na sociedade portuguesa, como força da classe operária e de todos os trabalhadores e força da democracia, o movimento sindical unitário, a CGTP,

grande central sindical dos trabalhadores portugueses, sujeita actualmente a pressões para que capitule da sua heróica identidade, mas cuja elevada consciência de classe, unidade, democracia interna e combatividade os comunistas, que nela desempenharam desde sempre e é necessário que continuem a desempenhar importante papel, ombro com ombro com os seus companheiros de combate, tudo farão para que sejam asseguradas.

O mesmo cabe dizer em relação a outros movimentos, organizações e estruturas de carácter unitário dos trabalhadores (com relevo para as CTs), de agricultores, de intelectuais, de mulheres, de estudantes, de pequenos e médios empresários, de reformados, de deficientes, de agentes das forças de segurança, de militares, assim como desse valioso elemento da sociedade democrática que é o associativismo popular.

Quanto aos partidos, defendemos a necessidade da convergência dos partidos democráticos. Sublinhando que tem custado caro ao povo a ideia de que o PS sozinho poderá ser uma alternativa. As decisões e actividades no sentido da bipolarização PS-PSD e de alternância PS-PSD (ao mesmo tempo que o PS em numerosos aspectos da política nacional colabora com o PSD e o Governo) constituem um obstáculo real a uma dinâmica de vitória democrática e de alternativa democrática ao Governo e à política de direita.

O PCP está pronto a examinar com as outras forças democráticas um acordo político para uma solução de Governo após o afastamento da direita. De igual para igual. Com a disposição de cada qual, não de impor a opinião própria, mas de chegar a um entendimento. Em quaisquer negociações o PCP respeita a identidade dos outros. É indispensável que os outros respeitem a identidade do PCP.

Aqueles que em Portugal pensaram ou pensam que o PCP deveria de tal forma transformar-se que deixaria de ser um partido comunista para se diluir ou mesmo dissolver em qualquer frente ou plataforma de esquerda, nós dizemos que um tal caminho conduziria, não ao reforço da esquerda mas ao seu radical enfraquecimento.

Afirmar (e houve quem o afirmasse) que o PCP é o principal obstáculo a uma alternativa democrática é uma inquali-

ficável vigarice. O PCP é a mais consequente força democrática, a mais consequente força de Esquerda.

Os ideais, o pensamento, a coerência, as propostas políticas, a combatividade, a ligação com as massas do PCP constituem um elemento indispensável a qualquer alternativa democrática.

O PCP e a sua identidade

O XIV Congresso do nosso Partido terá lugar nos dias 4, 5 e 6 de Dezembro. Temos ainda à nossa frente a seguir à Festa do "Avante!" um grande debate no Partido acerca de todas as questões que serão decididas no Congresso. Mas temos também atrás de nós a vida intensa do nosso Partido, centenas e centenas de iniciativas, debates e encontros, e concepções vivas que se afirmam no nosso trabalho e luta quotidianos.

Mas desde já podemos adiantar algumas ideias fundamentais.

Aprendemos com a experiência e com a vida e damos respostas novas às novas situações. Mas enriquecidas pela reflexão e pela experiência há características fundamentais que definem a identidade do Partido.

Nós afirmamos que um objectivo que justifica a criação, a vida e a luta do nosso Partido, é a construção de uma sociedade nova, libertada da exploração, das injustiças, desigualdades e flagelos sociais do capitalismo, uma sociedade socialista.

Há no mundo quem renuncie a um tal objectivo e coloque como objectivo supremo a introdução de reformas no sistema que consideram ser de capitalismo popular. Nós mantemos o socialismo como projecto necessário e válido, e insistimos nele não com uma concepção rígida, mas tendo em conta por um lado, a evolução do mundo e, por outro lado, as experiências próprias e alheias.

Por isso, o nosso projecto de socialismo incorpora, desenvolve e enriquece os elementos fundamentais da democracia avançada que propomos ao povo no nosso Programa.

Nós afirmamo-nos como um **partido da classe operária e de todos os trabalhadores** confirmando a natureza de classe do Partido. Mas temos em conta as modificações da própria classe operária e de outras classes, asseguramos que as classes e camadas antimonopolistas têm no Partido o seu melhor defensor e damos o mais alto valor ao papel sempre desempenhado no Partido e na sociedade pelos intelectuais.

A natureza de classe do PCP não é uma concepção conjuntural. Hoje como no passado os trabalhadores têm absoluta necessidade de um partido completamente independente política e ideologicamente das forças do capital, e tão grande necessidade que, **onde porventura desapareçam os partidos comunistas, os trabalhadores acabarão por criá-los de novo, com esse ou com outro nome, mas com os mesmos objectivos fundamentais.**

Nós afirmamo-nos como **vanguarda da classe operária e de todos os trabalhadores**, mas temos plena consciência de que, para ser vanguarda, não basta afirmá-lo, não basta inscrevê-lo nos Estatutos, mas é necessário sê-lo de facto. Sê-lo porque se analisam as realidades e se lhes dá uma resposta política justa. Sê-lo porque se apontam o projecto de uma nova sociedade e os caminhos justos da luta. Sê-lo porque os membros do Partido sempre com os trabalhadores, sempre com o povo, se colocam nas primeiras filas da luta popular.

E porque assim sucede, **temos razões e autoridade para nos afirmarmos como vanguarda da classe operária e de todos os trabalhadores.**

Nós afirmamos que a **base teórica do Partido é o marxismo-leninismo**, mas acrescentamos (e a história justifica plenamente que acrescentemos) que para que o marxismo-leninismo possa ser a base teórica do Partido não basta afirmá-lo, mas é necessário que o Partido considere o marxismo-leninismo como dialéctico, criativo e que não só evite, mas decididamente contrarie tanto a cristalização e a dogmatização como a revisão oportunista de ideias, conceitos e práticas - pecados mortais para uma teoria revolucionária.

Nós afirmamos que o nosso Partido **assenta os seus princípios orgânicos no desenvolvimento criativo do centralismo democrático** que garanta simultaneamente uma orientação geral única, uma direcção central única e uma profunda democracia, mas temos em conta que na história do movimento revolucionário, a par da repetição esquemática de princípios, houve graves distorções no que eles têm de essencial, que não pode haver soluções universais e intemporais, e por isso nas alterações propostas ao XIV Congresso, os princípios orgânicos do nosso Partido são desenvolvidos e aprofundados a partir da riqueza de conceitos e de práticas que há muito estão no cerne da nossa vida interna.

Nós afirmamos que o nosso Partido, **partido patriótico, é um partido internacionalista**, e consideramos que esta complementaridade é uma característica de qualquer partido revolucionário dos trabalhadores.

E assim, afirmando a identidade do nosso Partido, **confirmamos e afirmamos o Partido Comunista Português como partido comunista que sempre foi e que** (por vontade dos seus militantes, e com o apoio e mesmo exigência de milhares de portugueses e portuguesas que não são membros do Partido) **está decidido e determinado a continuar a sê-lo.**

O XIV Congresso confirmação, afirmação, renovação

O XIV Congresso será um Congresso não apenas de confirmação e afirmação, mas também de renovação.

Renovação que não significa abandono ou desfiguração da identidade do Partido, mas que, ao contrário, **reforçará a identidade enriquecendo-a com respostas novas às novas situações.**

Com maior rigor e aprofundamento das análises sobre a situação internacional e a situação nacional. Com a definição das tarefas. E também com a renovação de estruturas e de quadros, para impulsionar a dinâmica própria e militante do nosso Partido, internamente sólido e voltado para as massas.

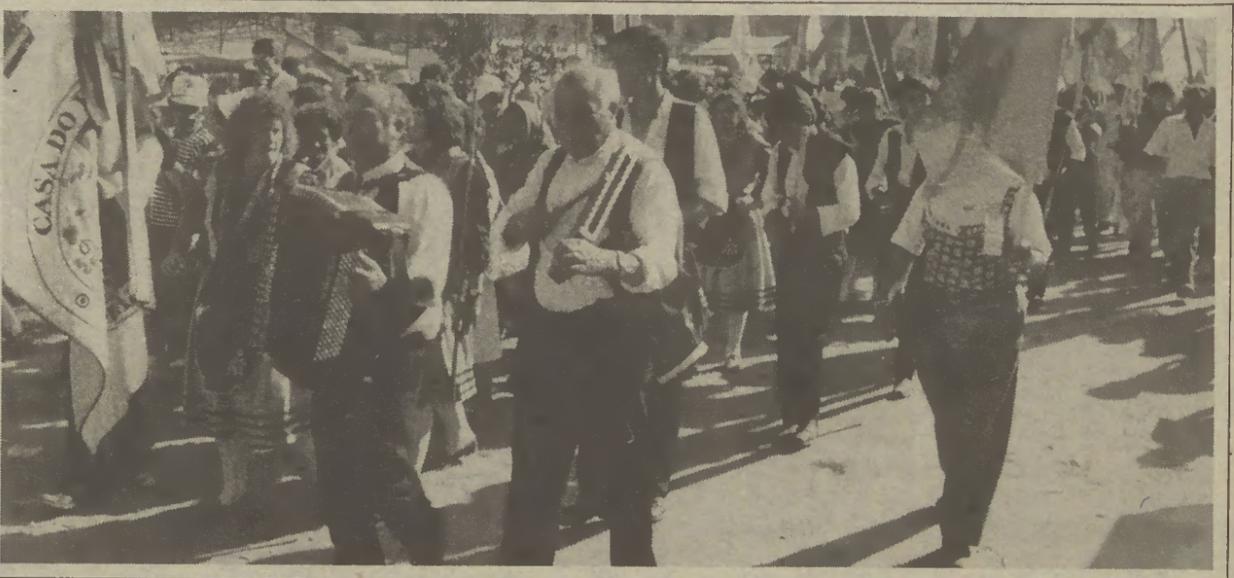
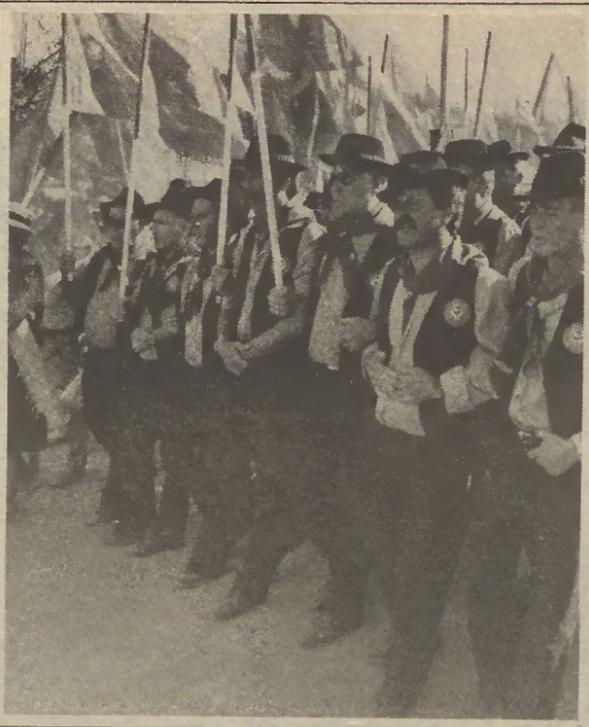
Acompanhando a intensa realização de iniciativas e debates já realizados e a realizar no Partido ao longo do ano, o Comité Central tem trabalho avançado. Proporá ao debate de todas as organizações e militantes que antecederá o Congresso, nos meses de Outubro e Novembro, propostas de alterações ao Programa e nos Estatutos.

Como se sabe já há para aí muita especulação sobre o XIV Congresso. Mas para os detractores do Partido os cálculos vão sair furados.

Que ninguém espere que do XIV Congresso saia um partido cansado e hesitante ante a apregoada mas falsa superioridade do capitalismo e oportunisticamente adaptado às condições deste findar do século.

Que ninguém espere que o XIV Congresso seja teatro de conflitos e divisões daquilo que alguns chamam e gostariam que existisse 2.ª, 3.ª, 4.ª ou mais vias, pois nós, os comunistas, **todos estamos empenhados**, com a riqueza que constitui a diversificada reflexão colectiva e individual, **a garantir uma só via: a via da acção e da luta que o colectivo partidário e o XIV Congresso decidirem.**

Que ninguém espere que as há muito admitidas e outras eventuais alterações de quadros dirigentes, incluindo dos mais responsáveis, signifique (como para aí



alguns apregoam) que **“alguém destrone alguém”** e que **com a mudança das pessoas se abrirá caminho à mudança da natureza e da identidade do Partido.**

Não, camaradas. Como sempre sucedeu ao longo da história do Partido, e temos confiança em que continuará a suceder, **aqueles que assumirem maiores responsabilidades assegurarão não só o presente imediato, mas o futuro do PCP.**

As gerações passam, o testemunho é transmitido e o PCP continua como grande partido comunista que sempre foi e quer continuar a ser.

A juventude e o futuro

Muitos se espantam por que o nosso Partido, nas mais duras condições do passado e na complexa situação do presente, se mantém como um grande partido com intensa intervenção nas áreas fundamentais da vida nacional.

As razões são múltiplas, mas uma merece referência: o facto de o PCP pelas suas profundas raízes, receber da classe operária, dos trabalhadores, das massas populares, apoio, força, energia e inspiração.

Um partido que se afaste do povo, que não adquira ou

perca as raízes no povo, que não confie em si próprio nem no povo confie, pode ir vivendo desamparado, à tona da sociedade, mas está condenado, mais tarde ou mais cedo, a desaparecer.

O nosso Partido criou raízes no povo e é nossa tarefa essencial, central, prioritária, vital, aprofundar essas raízes.

E porque lutamos com convicção para o conseguir, podemos afirmar com igual convicção que aqueles que apregoam o declínio irreversível do PCP não verão consumir-se um tal desejo.

Não há forças que consigam afastar o PCP de ser na sociedade portuguesa (para os trabalhadores, para o povo, para democracia, para o País) o partido necessário, indispensável e insubstituível que insiste com razão em afirmar que é.

E voltados que estamos para o futuro, terminarei com algumas palavras para a juventude que aqui dá força à nossa Festa e à qual por sua vez, estamos certos, a nossa Festa dá novas forças.

A juventude está sujeita a monstruosas pressões de natureza material, ideológica e psicológica.

Alguns concluem que a juventude, debaixo da asa do Governo, está adormecida, anestesiada, numa posição de

indiferença, egoísmo, desinteresse e passividade. Concluem que a juventude não tem nem tem que ter pensamento próprio, reflexão própria, vontade própria.

Quero aqui afirmar, ante as muitas dezenas de milhares de jovens que participam na nossa Festa, que o PCP, e com o PCP, a nossa “JCP, juventude do PC”, não compartilha de tal ideia acerca da juventude.

Que o PCP considera que a **juventude tem em si, não só já hoje capacidade e força para intervir e lutar** (e bem o mostrou na luta pelo acesso ao Superior e contra o aumento das propinas), como tem em si **reflexão que aprofunda, experiência que ganha, sentimentos sérios com que vibra, inteligência que sabe, coração que sente e potencialidades de afirmação e de luta que a definem como grande força social na actualidade, e que nos leva a nós, comunistas, a confiar na juventude e a confiar em que a juventude desempenhará importante papel para o afastamento da direita do poder, para uma alternativa democrática, e para o futuro socialista de Portugal.**

**Viva a Festa do «Avante»!
Viva a Juventude Comunista!
Viva o Partido Comunista Português!**

A festa!

Carlos Brito:
«Valeu a pena»

Camaradas e amigos,

Falo em nome do «Avante!» para saudar os que estão connosco neste memorável comício e todos os que connosco estiveram nestes três dias inesquecíveis, e para agradecer a contribuição que trouxeram, com a presença, a participação activa, a confiança e a alegria, ao sucesso desta edição de 1992 da Festa do «Avante!». Seja-me permitida uma saudação muito especial à juventude, que, até com os olhos se vê, constitui uma parte considerável do povo da nossa festa, felizmente, a parte mais ruidosa, mexida e colorida, mas também a parte mais laboriosa, combativa e entusiasta. Seja-me ainda permitido ter uma palavra de especial atenção para os que vieram de mais longe e os que o fizeram com maior sacrifício e que afirmam, uns e outros, com orgulho: «Estamos presentes!» Dizem-no, porque vir à Quinta da Atalaia, neste primeiro fim-de-semana de Setembro, não é apenas vir à Festa, é contribuir para as grandes causas do nosso povo e de toda a humanidade, que nela são exaltadas: a liberdade, a justiça, a paz e o socialismo. Estamos seguros de que neste momento, quando a nossa Festa se começa a aproximar do fim, todos reconhecerão que valeu a pena.

Valeu a pena porque a Comissão Organizadora e as Organizações nos proporcionaram este espantoso mundo de actividades simultâneas e entrecruzadas - artísticas, culturais, políticas, desportivas, folclóricas, recreativas, gastronómicas, eu sei lá que mais - que cada ano continuam, renovam-se, apresentam sempre

novidades, esta Festa das festas que ganhou justamente por isso o título de maior manifestação política-cultural que se realiza no nosso país.

Valeu a pena, também, porque cada um soube criar a sua festa dentro da Festa, nos encontros e reencontros da amizade anualmente celebrados e na comunhão nas mesmas preocupações, aspirações, ideais, esperanças, que, nas condições difíceis deste curso da História, temperam e fortalecem o ânimo para continuar a luta.

Ficam na memória desta Festa 92 os excelentes espectáculos musicais, numa profusão de palcos e lugares, com a participação de grandes artistas nacionais e estrangeiros; o intenso e rico programa cultural, com notável actividade teatral e múltiplas iniciativas no domínio do livro e do disco; o diversificado programa desportivo, com provas de prestígio firmado no calendário desportivo nacional, como a Corrida da Festa, que contou este ano com 1700 participantes, incluindo valores reconhecidos do nosso atletismo.

Mas a Festa de 1992 fica também assinalada, de maneira muito especial, pelo importante programa político, onde, além deste imenso comício e da cerimónia de abertura, tiveram lugar destacado as múltiplas iniciativas integradas na campanha pelo «Não a Maastricht!», na luta contra as alterações à lei da

greve e pela defesa de outros direitos e interesses dos trabalhadores, na afirmação dos valores e da identidade do PCP, no quadro da preparação do 14.º Congresso do nosso Partido, e, já no plano da solidariedade internacionalista, as iniciativas integradas na campanha «Si por Cuba» e no movimento de solidariedade com o povo de Timor-Leste.

Há três anos, quando pela primeira vez a Festa se realizou nesta nossa Quinta da Atalaia, o camarada Dias Lourenço, meu antecessor nestas funções (e cujo nome está indissolúvelmente ligado ao órgão central do PCP e à nossa Festa), dirigindo-se à população da Amora e do Seixal, garantiu que «as actividades que projectamos para o espaço da Atalaia respeitarão o estatuto legal da ocupação do nosso terreno» e que desejávamos, dentro das nossas possibilidades, contribuir para «promover as potencialidades económicas, sociais e turísticas» do concelho.

Estamos a cumprir o que foi dito.

Esta magnífica Quinta da Atalaia está visivelmente mais afeiçoada às exigências da nossa Festa, tornou-se um espaço ainda mais aprazível para receber a gigantesca população que o habita nestes três dias. São notáveis e bem visíveis algumas obras realizadas, como este palco e esta moderna praça 25 de Abril, o novo Polidesportivo e outras estruturas que estão à vista, mas também muitas que não estão, como a rede eléctrica

definitiva e a rede sanitária. Tudo isto foi feito protegendo e conservando com o máximo escrupulo as condições ambientais. A Quinta da Atalaia está ainda mais linda e é ainda maior a sua comunhão com o estuário do Tejo e as deslumbrantes vistas de Lisboa.

A construção desta espantosa cidade implicou, como se calcula, trabalhos de grande envergadura. Estes trabalhos só puderam ser realizados pela participação militante, abnegada e competente de milhares e milhares de camaradas. Muitos dedicaram-lhe uma parte das suas férias e houve alguns que consagraram a totalidade das férias à construção da Festa. Num momento em que tanto se fala de crise de militância, podemos informar que o número de presenças nas jornadas de trabalho para a Festa de 1992 aumentou significativamente, mais 17 por cento do que no ano passado. É uma prova de saúde do nosso Partido e uma prova da capacidade mobilizadora da Festa do «Avante!».

Aos construtores da Festa, aos milhares de comunistas, simpatizantes e amigos que a tornaram possível, são pois devidos os mais reconhecidos agradecimentos, que em nome da Comissão Organizadora daqui lhes dirigimos.

Cumpra-nos agradecer igualmente todas as manifestações de compreensão e todas as facilidades e apoios provenientes das mais

diversas entidades que ajudaram, favoreceram e facilitaram a construção e o funcionamento da Festa de 1992.

Com este espírito nomeamos, especialmente:

- a Câmara do Seixal e a Junta de Freguesia da Amora e outras Câmaras e diversas autarquias, de diferente composição partidária, dos distritos de Lisboa e de Setúbal;
- o Amora Futebol Clube e numerosas colectividades do concelho do Seixal dos distritos de Lisboa e de Setúbal e doutros pontos do País;
- a Federação dos Bombeiros Voluntários do Distrito de Setúbal, a Federação Portuguesa de Atletismo, a Federação Portuguesa de Futebol de Salão e o Comité Olímpico Português.

Agradecemos, da mesma forma, a cooperação eficiente da PSP, da GNR e da Brigada de Trânsito.

Agradecemos também aos moradores da Rodoviária Sul do Tejo, Transtejo e EDP.

Por fim, mas com particular destaque, queremos manifestar, mais do que agradecimentos, o nosso gozo e as nossas saudações aos moradores das urbanizações vizinhas da Quinta da Atalaia pelo espírito de compreensão, boa vizinhança e acolhimento à imensa multidão de visitantes e pela reiterada solidariedade com a realização da nossa Festa.

A dimensão internacionalista da Festa do «Avante!» é um dos seus traços mais salientes e reconhecidos. Mau grado as presentes vicissitudes do movimento comunista e da vida internacional, a Festa continua com toda a dignidade esta tradição. Encontrem-se entre nós numerosas delegações

representativas de órgãos de imprensa operária e popular, de partidos comunistas e de outros partidos e organizações progressistas e revolucionárias.

Saudamos com fraterno calor os nossos ilustres convidados da África do Sul, Alemanha, Angola, Bolívia, Cabo Verde, Chile, China, Coreia do Norte, Cuba, Espanha, França, Grécia, Hungria, Índia, Itália, Japão, Líbano, Líbia, Mongólia, Nicarágua, Palestina, Peru, Sahara Ocidental, Timor-Leste e Vietname, e ainda o jornalista do «Pravda» que se edita em Moscovo.

Agradecemos as fraternas e combativas mensagens de saudação de numerosos partidos e organizações políticas e revolucionárias, entre outras, da Argentina, Austrália, Áustria, Brasil, Bulgária, Chipre, Filipinas, Finlândia, Seycheles, Sécia, Turquia, Uruguai e Zimbábue.

Camaradas, Tomou-se costume chamar a grandes exposições internacionais, realizadas com fabulosos meios financeiros, «a cidade do futuro». Se pensarmos, no entanto, nos grandes valores e sentimentos humanos - a solidariedade, a fraternidade, a amizade e, por que não, o amor - e se pensarmos na atitude perante a sociedade e a luta - a esperança e a confiança de vencer - então, camaradas, a designação que sugere «a cidade do futuro», merece-a, sem dúvida, a nossa Festa do «Avante!».

Faço votos para que esta atmosfera de valores e sentimentos nos acompanhe a todos no regresso às nossas terras, casas e profissões, na retomada de outras tarefas políticas e revolucionárias. Vamos com mais força! Viva a Festa do «Avante!»! Viva o PCP!

Filipe Rosas:

«Verdadeira festa da juventude»



Camaradas e amigos,

Saudamos os jovens comunistas, que mais uma vez este ano, se empenharam na construção da Cidade da Juventude, e da Festa em geral.

Saudações também para todos os jovens, que não sendo comunistas, não deixaram, com a sua ajuda, com o seu trabalho, com o seu esforço, de contribuir para esta magnífica XVI Festa do Avante.

Saudações ainda para todos aqueles que nela participam, e que fazem dela ponto alto de convívio, de reflexão e discussão política, que fazem dela afinal, uma verdadeira festa da juventude portuguesa. Camaradas e amigos, Os jovens de hoje, a cada momento das suas vidas, quotidianamente, com uma forte campanha ideológica, bem orquestrada pela direita e pelo Governo Cavaco

Silva. Tal campanha, visa, por um lado, afastar a juventude da discussão e participação políticas, pretendendo que tudo vai bem, por outro tem como objectivo, identificar o ideal comunista de transformação da sociedade, com algo de velho, não se cansando portanto de anunciar em todos os momentos, e recorrendo para isso a todos os meios, que o comunismo acabou.

Esta intenção do Governo PSD/Cavaco Silva toma

forma designadamente, naquilo a que só muito dificilmente poderíamos chamar de política de juventude. De facto, o que temos é uma política de encenação e propaganda eficazmente montada, mas que, mesmo assim, não serve para mascarar a realidade e para enganar os jovens.

Não serviu por exemplo, na área da educação, para esmorecer a determinação e combatividade com que milhares de estudantes do Secundário se opuseram à PGA, e ao então vigente regime de acesso. Não serviu também, para adormecer a firme intenção dos estudantes do Superior, em defender o Ensino Superior Público e combater o aumento das propinas numa luta que, aliás, ainda não terminou.

Não serviu certamente, para tapar os olhos aos jovens trabalhadores, que

continuam a ser a maioria dos desempregados e os principais afectados pela precariedade no emprego. Camaradas e amigos, A festa do Avante, pela sua dimensão e importância, é também um momento alto de afirmação do significado que tem, ser jovem e comunista.

No quadro da sociedade em que vivemos, nós, jovens comunistas, empenhamo-nos pela concretização de um sistema justo de acesso ao Ensino Superior, que vise a eliminação do «numerus clausus». Lutamos pela criação de um sistema efectivo de prestação de Apoio Social, contra o aumento de propinas e pela defesa de um Ensino Superior Público, gratuito e de qualidade.

Na área do emprego, somos por um emprego estável e duradouro, sem discriminação salarial dos jovens trabalhadores.

Para a habitação propomos a construção de fogos destinados especialmente a jovens, e um apoio real aos mesmos para a aquisição de casa própria ou arrendamento.

Estamos nestas e noutras lutas, com a inabalável convicção que existe uma alternativa a este estado de coisas, que vale a pena lutar por uma sociedade diferente, mais justa, de que vale a pena lutar, pela construção do socialismo e do comunismo em Portugal. Finalmente, Camaradas e amigos,

Chamamos a atenção para a importância que tem, no quadro do trabalho da JCP, o próximo congresso do nosso Partido, e apelamos à mobilização de todos os jovens comunistas para o seu êxito.

Não menos importante, é sem dúvida, o Congresso da JCP. Momento alto de discussão e análise da

situação política da juventude e de definição de novas propostas e linhas de orientação, o Congresso, a realizar no primeiro semestre do próximo ano, exige a participação de todos os jovens comunistas na sua preparação e realização.

Fica ainda Camaradas e amigos, o forte apelo à participação e intensificação da luta, contra a actual política de juventude deste governo do PSD. Fica o apelo, na firme certeza, que com a nossa luta, o nosso esforço, o nosso empenhamento: Os jovens trabalhadores continuarão a ter no direito à greve um forte instrumento de luta.

As propinas não aumentarão. O acesso ao Ensino Superior Público se tornará mais justo.

Viva a Festa do Avante!
Viva o PCP!
Viva a JCP!



O trabalho

São milhares e milhares. São os camaradas que, depois de horas e dias na construção da Festa, ali estão, fazendo a Festa viver. São os camaradas que asseguram as portas, os que assam os frangos, os que atendem nos balcões, os que vigiam a electricidade e a água. Os que passam horas nos armazens de abastecimentos, os que asseguram os telefones, os que tratam e curam no posto de saúde. A seu lado, muitos e muitos outros trabalhadores que tornam também a Festa possível: os bombeiros, os motoristas dos autocarros, os técnicos dos palcos, os agentes da PSP e da GNR que regulam o trânsito.





Três dias de debates

Dezenas de debates decorreram durante os três dias da Festa do «Avante!», sobre as mais diversas temáticas da actualidade política, atraindo largas centenas de pessoas. Na sexta-feira, estiveram em foco as questões ligadas às Áreas Metropolitanas de Lisboa e do Porto, iniciativa que juntou numerosa assistência e que contou com a participação de Jorge Cordeiro, Daniel Branco, Eufázio Filipe, Hélder Madeira, Lusitano Correia e Ilda Figueiredo. No dia seguinte, sábado, «Maastricht: que projecto para a Europa, que futuro para Portugal?» foi tema de um interessante debate decorrido no Pavilhão Central, que abarrotou de público. Albano Nunes, do Secretariado do CC, apresentou os participantes - Carlos Carnero, da IU (Esquerda Unida, de Espanha); Makis Mafis, do PCP da Grécia; Luigi Vinci, do Partido da Refundação Comunista, de Itália; André Carrel, do PC Francês. Na mesa estavam também Octávio Teixeira, da Comissão Política, os camaradas do CC do PCP, Joaquim Miranda, deputado europeu, e João Amaral, deputado à Assembleia da República.



No Forum do Pavilhão Central tiveram ainda lugar iniciativas que abordaram os grandes temas do presente momento político nacional. No sábado, com a participação de Agostinho Lopes, Vítor Dias, José Casanova, da Comissão Política, e Blanqui Teixeira,

do Secretariado do PCP, debateu-se o «14º Congresso do PCP: o Partido, os valores, o projecto». À noite, pelas 21 horas, decorreu o debate denominado «As liberdades e a democracia, as ameaças do presente e a resposta



dos democratas», com a presença de Luís Sá, José Soeiro, António Abreu e António Filipe. O direito à greve, direitos dos trabalhadores e a resposta destes à ofensiva do capital foi debatido com Domingos Abrantes, Jerónimo de Sousa, Odete Filipe e José Ernesto Cartaxo, efectuado no domingo pelas 15 horas.

O Partido e a sua imprensa designou genericamente os Diálogos realizados no auditório do Pavilhão Central, junto ao espaço de «O Militante». Nestas conversas, a que aderiu considerável número de pessoas, participaram, no sábado, pelas 15 horas, António Dias Lourenço, membro do Comité Central; pelas 18 horas Carlos Brito,

da Comissão Política e director do «Avante!»; e no domingo, pelas 15 horas, Blanqui Teixeira, do Secretariado do PCP. Também no pavilhão da Mulher Comunista se realizou um debate sobre as consequências do tratado de Maastricht para as mulheres portuguesas, no qual intervieram os camaradas Sérgio Ribeiro, Ilda Figueiredo e Rosa Catita. Neste espaço foram ainda debatidos temas como a situação das mulheres portuguesas, com Fernanda Mateus, Odete Filipe e Apolónia Teixeira; e O papel do Partido nos órgãos de poder como defesa e garante dos direitos das mulheres, em que participaram Odete Santos, Manuela Antunes da Silva e Fátima Amaral.

Olhó «Avante!» na Festa

O pregão foi novidade este ano. Durante os três dias da Festa, foram produzidos numa mini-redacção instalada no Pavilhão Central - com paredes de vidro e porta aberta a todos os visitantes - quatro números de «A Festa». Este «Avante!», publicado em formato A4 e apenas com duas páginas, surgiu pela primeira vez nestes moldes. No primeiro número, saído sexta-feira à noite, foram incluídos extractos da intervenção de Carlos Carvalhas na abertura da Festa. A manchete do número 2, distribuído na tarde de sábado, foi dedicada à solidariedade internacionalista, sempre presente na Festa do

«Avante!» Na festa!

Carlos Carvalhas inaugura a Festa "Confiança renovada, decididamente voltados para o futuro!"

A Festa do «Avante!» é um espelho dos valores do projecto de sociedade, do futuro por que lutam, para a luta política, social e cultural. Os comunistas, solidamente ancorados na cultura portuguesa, têm a sua intervenção no âmbito da Festa, na sua breve intervenção, ao abraçar-se ao projecto de uma sociedade mais justa e mais humana, mais livre e mais democrática. É hoje aqui, em meio a uma atmosfera de entusiasmo e de confiança, que se realiza a Festa do «Avante!».

Homenagens e homenageados. A Festa do «Avante!» é uma homenagem aos valores da luta política, social e cultural. É hoje aqui, em meio a uma atmosfera de entusiasmo e de confiança, que se realiza a Festa do «Avante!».

Muito do que está a acontecer na Festa do «Avante!» é a expressão da confiança renovada, decididamente voltados para o futuro.

Muito do que está a acontecer na Festa do «Avante!» é a expressão da confiança renovada, decididamente voltados para o futuro.

Muito do que está a acontecer na Festa do «Avante!» é a expressão da confiança renovada, decididamente voltados para o futuro.

«Avante!» Na festa!

Acabou a 16ª Viva a 17ª! Não há Festa como esta!

Avante! Na festa!

Avante! Na festa!

Avante! Na festa!

«Avante!» Na festa!

Acabou a 16ª Viva a 17ª! Não há Festa como esta!

Avante! Na festa!

Avante! Na festa!

Avante! Na festa!

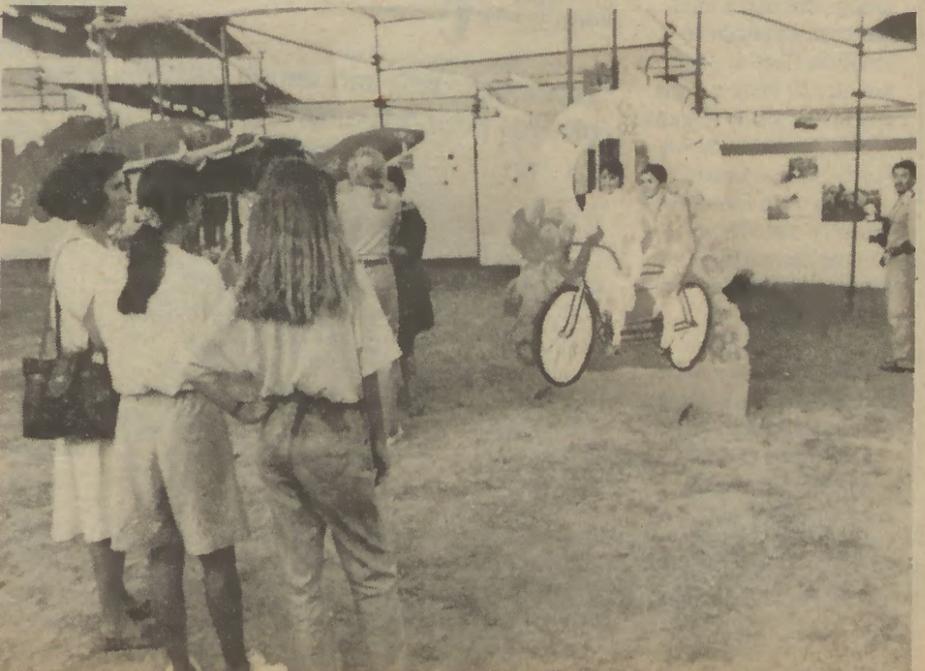
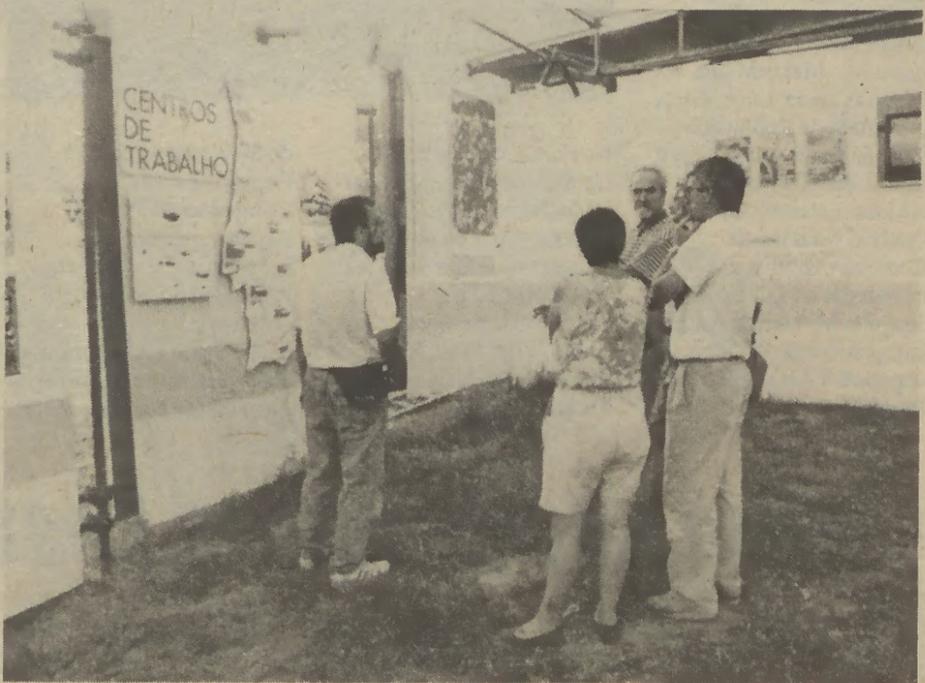
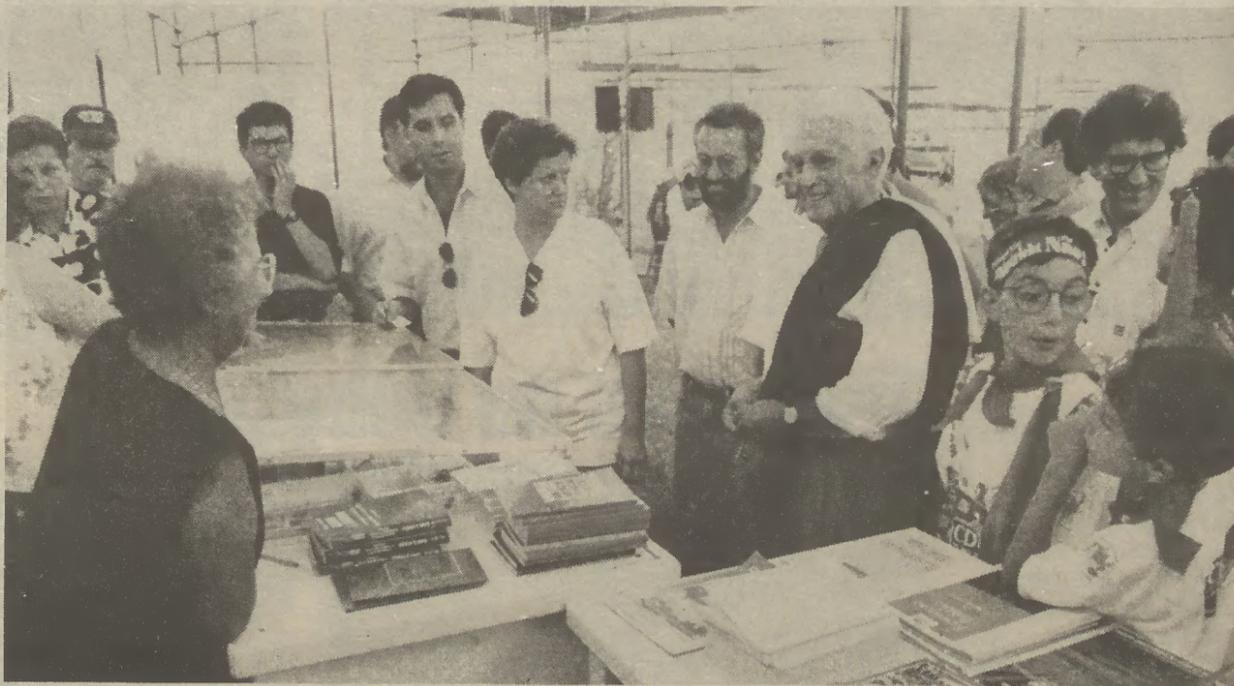
«Avante!» e ainda mais necessária actualmente. O terceiro número teve por tema forte o «Não a Maastricht», com uma reportagem do colóquio em que participaram dirigentes do PCP e representantes na Festa de partidos de países da CE. No último, domingo à noite, foram publicados extractos das intervenções de Álvaro Cunhal e Carlos Brito. Em todos os números foram publicadas uma crónica e destaques da programação. Os milhares de exemplares de «A Festa» distribuídos por jornalistas do «Avante!» e outros camaradas foram muito bem recebidos e todas as edições esgotaram rapidamente.

Na festa!

Pavilhão Central Pausa para reflexão

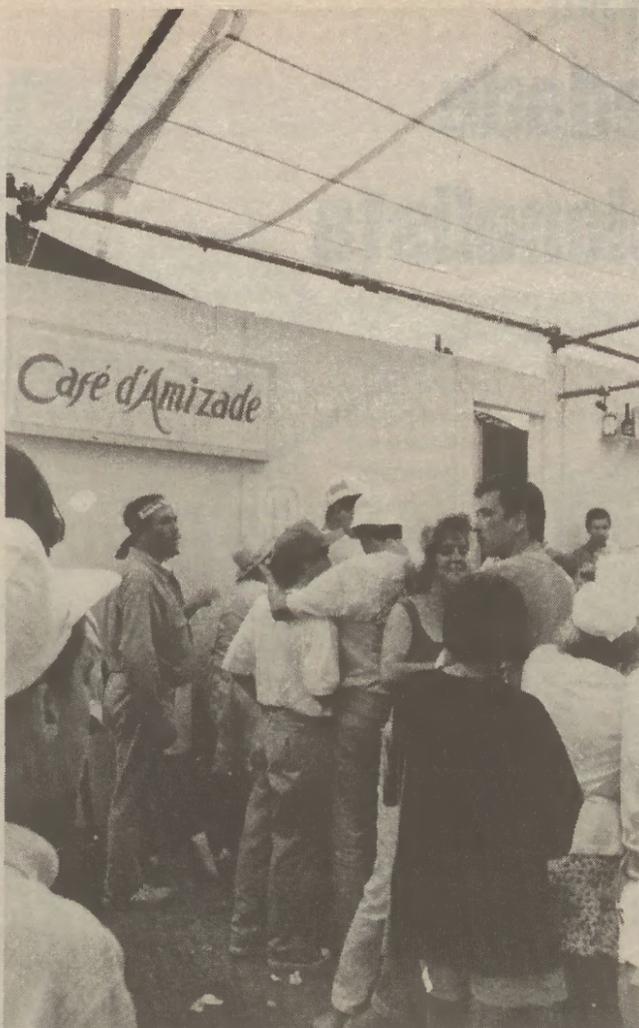
O Pavilhão Central, com a sua distribuição espacial particularmente bem concebida para quem pretendesse ali encontrar momentos de recolhimento e descompressão, um pouco de sombra que oferecesse uma aparente distância de toda a agitação que se sentia no resto da Festa, foi local escolhido para permanência de muitos que pretendiam obter informação sobre o Partido ou sobre aquilo que o PCP pensa sobre algumas das maiores preocupações da sociedade do nosso tempo. Para além de um agradável *cocktail* que se poderia tomar no Café da Amizade, ou até tirar um retrato *à la minuta* com a família, muitos procuraram ali o debate das ideias, a informação ou uma simples lembrança. Por exemplo, um dos sucessos desta Festa, que se poderia encontrar na Banca deste Pavilhão Central, foi sem dúvida uma fita para colocar na cabeça, vermelha, sobre o Tratado de Maastricht: no Sábado à noite esgotou completamente. «Os caminhos da alternativa no limiar do século XXI» era o tema de uma exposição realizada no Pavilhão Central, onde a actualidade política nacional (por exemplo a Lei da Greve) surgia a par de uma mostra ilustrativa das alterações sofridas pela humanidade neste século, com destaque para o papel decisivo das forças progressistas para a concretização de algumas das conquistas sociais mais importantes do nosso tempo. As desigualdades impostas pelo sistema de exploração capitalista e os problemas ambientais estavam igualmente ilustrados num espaço que se distribuía por uma *urbanização* que privilegiava os recantos

sosegados, onde era possível observar um cartaz ou ler um texto explicativo com o máximo de isolamento possível. Numa das áreas desta exposição falava-se e mostrava-se directamente o PCP e a preparação do Congresso de Dezembro. Na Praça Central deste Pavilhão foram acontecendo alguns momentos de animação, como a exibição de Capoeira por um grupo de estudantes brasileiros residentes no nosso país, e quem pretendesse poderia comprar ou simplesmente olhar para alguns quadros de alguns representativos artistas portugueses, num espaço adequadamente apelidado de «Casa das Artes». Outra exposição que despertou especial interesse era dedicada às Áreas Metropolitanas de Lisboa e Porto que, como explicava um dos textos da mostra, «constituem grandes concentrações populacionais com uma certa identidade de problemas e de acentuadas interdependências, onde a par de certos indicadores de riqueza e de expressão económica se concentram igualmente profundos desequilíbrios no seu interior, marginalização e exploração sofridas diariamente, degradação da qualidade e das condições de vida de centenas de milhar de



portugueses». Uma explicação que justifica também as razões de preocupação do PCP sobre estas áreas metropolitanas e o empenhamento do Partido e dos autarcas que ali elegeu em melhorar as vidas das nossas duas grandes Lisboa e Porto. Afinal ali vive e trabalha 40 por cento da população portuguesa.

Maquetes da futura Estação de Tratamento de Resíduos Sólidos de Chelas e do complexo de piscinas de Loures foram das peças mais observadas pelos visitantes desta exposição, assim como as fotos dos anos 50 que recordavam aspectos muitos deles já desaparecidos das actuais cidades das duas áreas metropolitanas. Computadores equipados com um programa sobre os eleitos da CDU nas autarquias despertaram igualmente muito interesse, sobretudo junto dos jovens.



Abaixo-assinado contra Maastricht recolhe apoios na Festa

Um amplo grupo de destacadas personalidades da vida política, social e cultural subscreveram, no passado dia 3 de Setembro, uma declaração que aqui publicamos, em manifestam a sua oposição ao tratado de Maastricht e apelam à Assembleia da República para que não o aprove. No texto divulgado lê-se que os signatários «partilhando da profunda convicção de que o Tratado de Maastricht representa para Portugal, bem como para outros povos e países das Comunidades Europeias, extensas, desproporcionadas e inaceitáveis perdas de soberania que modificam gravemente o estatuto e a fisionomia histórica do nosso país e ameaçam comprometer o seu futuro como nação independente e soberana; - pronunciando-se firmemente pela salvaguarda e renovada afirmação dos interesses, da identidade e da soberania nacionais, num quadro de abertura à Europa e ao Mundo e de activo empenho de Portugal no progresso de uma Europa de povos livres e de nações iguais e soberanas, de uma Europa de intercâmbio, de cooperação, de paz, liberdade, democracia e justiça social; manifestam a sua firme oposição ao envolvimento de Portugal no perigoso projecto federalista da construção de uma «União

Europeia» que o Tratado de Maastricht claramente prefigura como um super-Estado europeu, dominado pelos países mais desenvolvidos e em que os centros de decisão ficariam cada vez mais distanciados dos cidadãos e fora do seu controlo democrático; e apelam à Assembleia da República para que não aprove o Tratado de Maastricht».

PCP apoia recolha de assinaturas

O PCP respondendo positivamente ao apelo lançado por alguns dos signatários da declaração - «às organizações políticas, sociais e cívicas que partilhem das preocupações e opiniões expressas pelos primeiros subscritores para que apoiem activamente a recolha de assinaturas» - promoveu a recolha de numerosas assinaturas durante a Festa do «Avante!», esforço que será continuado pelas diferentes organizações regionais do PCP. De referir ainda que o abaixo-assinado será posteriormente entregue ao Presidente da Assembleia da República. Subscreveram inicialmente a declaração as seguintes personalidades: Alice Vieira - escritora; Américo Nunes - sindicalista; André Martins - deputado; António Galhordas - médico;

António Macedo Varela - advogado; Daniel Branco - autarca; Demétrio Alves - autarca; Emílio Peres - médico; Eufrazio Filipe - autarca; Fernando Lopes-Graça - compositor; Florival Lança - sindicalista; Francisco Silva Dias - arquitecto; Helena Bastos - engenheira; Ilda Figueiredo - economista; Isabel Castro - deputada; Jorge Peixinho - compositor; Jorge Pinto - sindicalista; José Ernesto Cartaxo - sindicalista; José Morgado - professor universitário; José Salvado Sampaio - pedagogo; José Saramago - escritor; Luís Catarino - advogado; Luís Monteiro Baptista - médico; Luís Oliveira Dias - autarca; Luís Pacheco - escritor; Manuel da Fonseca - escritor; Manuel Freitas - sindicalista; Maria do Céu Guerra - actriz; Mário Alberto - cenógrafo; Mário Barradas - encenador; Mário de Carvalho - escritor; Mário Castrim - jornalista; Mário David Soares - sindicalista; Miguel Urbano Rodrigues - jornalista; Natália Correia - escritora; Orlando de Almeida - autarca; Óscar Lopes - ensaísta; Raul de Castro - advogado; Rogério Fernandes - professor universitário; Rolando Sá Nogueira - artista plástico; Rui Godinho - autarca; Rui Mário Gonçalves - crítico de arte; Rui Paixão - sindicalista; Urbano Tavares Rodrigues - escritor; Vítor Ranita - sindicalista.

A Festa do «Avante!» foi de novo um vasto espaço de solidariedade internacionalista. Com encontro marcado na Cidade Internacional, a solidariedade não se confinou, entretanto, a esse lugar onde os pavilhões se abriam sobre a Festa e davam aos visitantes a possibilidade de, por alguns momentos, encontrar as realidades diversas ali trazidas por partidos e movimentos progressistas de todas as partes do mundo, partilhar experiências, manifestar apoios, provar sabores. Por outros lugares da Festa, vozes se ergueram em momentos de solidariedade, e não apenas no fórum da Cidade Internacional que sempre se enchia quando ali se falava de lutas tão distantes e tão próximas como as que se travam na África do Sul ou na Palestina, em Timor-Leste ou na Nicarágua. Quem subisse a ligeira rampa em direcção à Cidade Internacional, dava com as fortes cores dos painéis de solidariedade com Cuba e com Timor-Leste. No «interior» da cidade, o visitante demorava-se pelos pavilhões de partidos, de movimentos, de jornais progressistas. Em conversa, a comprar lembranças, a aceitar documentos, a olhar cartazes e, daí a pouco, a

Espanha, as delegações eram várias — do PCE, da Esquerda Unida, do Partido Comunista dos Povos de Espanha, do Partido dos Comunistas da Catalunha. A delegação do PCF, a do Partido Comunista da Grécia, a do Partido da Refundação Comunista, de Itália e da Esquerda Unida, de Espanha, participaram num importante debate sobre Maastricht, a que fazemos referência noutra página do nosso jornal, tendo tomado parte os camaradas Albano Nunes, do Secretariado do CC, Octávio Teixeira, da Comissão Política, e os membros do CC, Joaquim Miranda, deputado ao Parlamento Europeu, e João Amaral, deputado na Assembleia da República. Do Leste Europeu, estava representado o Partido Operário Socialista Húngaro e, da Rússia, veio um jornalista do «Pravda». De África, para além das delegações do MPLA e do PAICV, estavam representações da África do Sul, da Líbia, e do Sahara Ocidental. Da América Latina, a Bolívia, Cuba, Nicarágua e o Peru. Da Ásia, as delegações de China, da Coreia, da Índia, do Japão, do Líbano, da Mongólia e da Palestina, de Timor-Leste e do Vietname. Momentos de solidariedade

Solidariedade internacionalista



foram organizados na Festa, com Cuba, África do Sul, Palestina, Timor e Nicarágua, com a participação dos camaradas que nos visitaram. No domingo de manhã, as delegações foram recebidas pelo Secretário-geral do PCP, camarada Álvaro Cunhal, que se lhes dirigiu falando sobre a situação política nacional e sobre o modo como o PCP encara a situação internacional, respondendo por fim às questões que alguns dos convidados quiseram colocar. A seguir teve lugar um momento de convívio em que as delegações trocaram impressões com dirigentes do PCP presentes. Até ao momento em que a Festa encerrou, várias saudações chegaram, de partidos que não tiveram oportunidade de fazer deslocar uma representação a Portugal, como o camarada Carlos Brito teve oportunidade de lembrar no comício. Chegaram saudações da Argentina, da Austrália, da Áustria, do Brasil, da Bulgária, de Chipre, das Filipinas, da Finlândia, das Seychelles, da Sória, da Turquia, do Uruguai e do Zimbábwe, endereçadas ao PCP por partidos irmãos e organizações e movimentos progressistas daqueles países.



provar um petisco ou a almoçar ou jantar num dos vários restaurantes, a apreciar um espectáculo ali mesmo montado no palco, onde pudemos, numa das várias visitas que fizemos, entre uma tarefa e outra, assistir às belas exhibições dos malabaristas chineses. Misturavam-se odores de comida exótica. Havia quem se decidisse pelo porco-doce chinês, quem preferisse a comida timorense, quem fizesse bicha no restaurante de Cuba, quem se agradasse pela comida africana, servida em Cabo Verde ou Angola. E quem se demorasse depois, em torno de uma mesa, a beber com os amigos o rum cubano, comentando as últimas internacionais, quem fosse inquirir ao pavilhão do Humanité o que se esperava em França para o próximo referendo. Havia muitos jornais representados — o «Humanité», como dissemos, mas também o «Mundo Obrero» e outros ainda. E partidos cujos nomes mudaram entretanto, como o PDS, herdeiro do antigo PSUA, que estava na festa enquanto lá podíamos ver o DKP — Partido Comunista Alemão. De



«Avante!»
 festa!

Festa é também desporto

Fernando Fernandes Albertina Dias e Rosa Oliveira venceram 5.ª Corrida da Festa

Mais de 900 atletas estiveram na partida da 5ª Corrida da Festa do «Avante!» que reuniu este ano numerosos apoios de prestigiados atletas, técnicos e de outras personalidades do mundo do desporto nacional, comprovando mais uma vez o grande prestígio desta prova, integrada no calendário desportivo da Federação Nacional de Atletismo.

Fernando Fernandes foi o vencedor da competição, em masculinos, ocupando o primeiro lugar, em femininos, a atleta Albertina Dias, com o mesmo tempo de Rosa Oliveira.

A assinalar a partida esteve a atleta olímpica Carla Sacramento, recordista nacional dos 800 e 1500 metros.

Carla Sacramento estaria ainda na cerimónia de entrega dos prémios, este ano efectuada no recém-inaugurado polidesportivo da Atalaia, pelas mãos de Carlos Lopes, campeão olímpico da maratona de Los Angeles. É ainda de destacar a pre-

sença na ocasião de atletas de renome e individualidades ligadas ao desporto português, entre outros, os atletas Rosa Oliveira e Albertina Dias, Armando Aldegalega e Fernando Fernandes, o Prof. Bernardo Manuel, prof. Mário Paiva, os treinadores Fernando Santos e Bernardino Pereira, António Campos, presidente da Associação de Atletismo de Lisboa, António Vilela, técnico da Federação Nacional de Atletismo, Rogério Gonçalves, técnico junto do pelouro do desporto da CM de Lisboa, Alfredo Monteiro, vereador do desporto da CM do Seixal, e Carlos Rabaçal, em representação da Direcção do PCP.

Futebol de Salão

Sábado e domingo disputaram-se as meias finais de futebol de salão da Festa do

«Avante!», classificando-se a equipa de Beja em primeiro lugar, que ganhou frente a Coimbra por 5-0. Em segundo lugar ficou, desta forma, a equipa de Coimbra e em terceiro a turma de Setúbal.

Recorde-se que este torneio decorreu no âmbito da promoção da Festa e teve o apoio da Federação Portuguesa de Futebol de Salão.

Damas e Xadrez

Os já tradicionais torneios e simultâneas de Damas e Xadrez da Festa reuniram, mais uma vez este ano, largas dezenas de participantes.

Na sexta-feira, realizou-se uma simultânea de Xadrez, com o mestre vice-campeão nacional, João Leonardo, que juntou 20 jogadores. Na manhã do dia seguinte decorreu o torneio de semi-rápidas em que estiveram 22 participantes, classificando-se nos três primeiros lugares,

respectivamente, Marinus Luyks, Diogo Alho e Mário Correia. Na noite de domingo realizaram-se ainda torneios momentâneos sem classificação.

Em Damas, teve lugar, durante a tarde de sábado, uma simultânea com o mestre Medalha da Silva frente a 20 jogadores. No domingo, efectuou-se o torneio de Damas, no qual se classificaram nos três primeiros lugares, por esta ordem, Veríssimo Neves Dias, Daniel Luís Freitas e Viegas Nunes.

Tiro

Na modalidade de Tiro, realizaram-se, no domingo de manhã, as finais dos torneios de promoção «Avante!» 92, obtendo-se a seguinte classificação:

Masculinos - 1º equipa do Clube de Futebol da Trafaria; 2º Os Unidos da Recosta; 3º equipa do Pombalense; 4º a equipa B do Clube de Futebol da Trafaria; em 5º a equipa A do Zip-Zip.

Femininos - 1º equipa dos Bombeiros da Trafaria, 2º Clube de Futebol da Trafaria; 3º Incrível Almadense.

Chinquilho

Presente na Festa em três variantes, malha grande, pequena e corrida, o chinquilho reuniu grande número praticantes que ficaram classificados, por equipas, da seguinte forma:

Malha grande - 1º equipa da Anunciada (Setúbal); 2º equipa da Jardía (Montijo), 3º Vale de Milhaços (Seixal), 4º Café Pascoal (Moita).

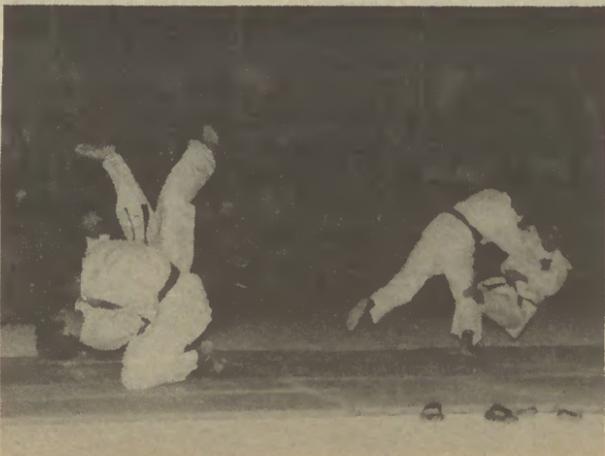
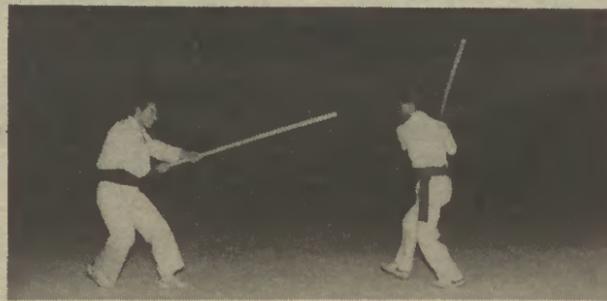
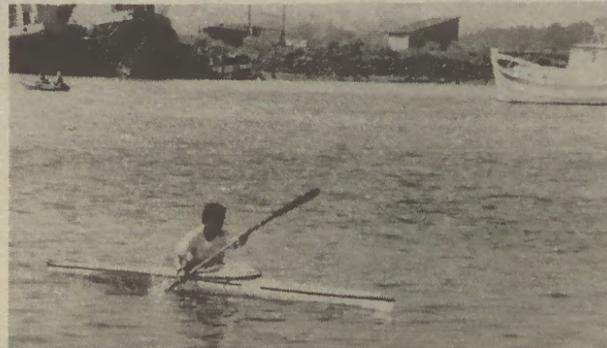
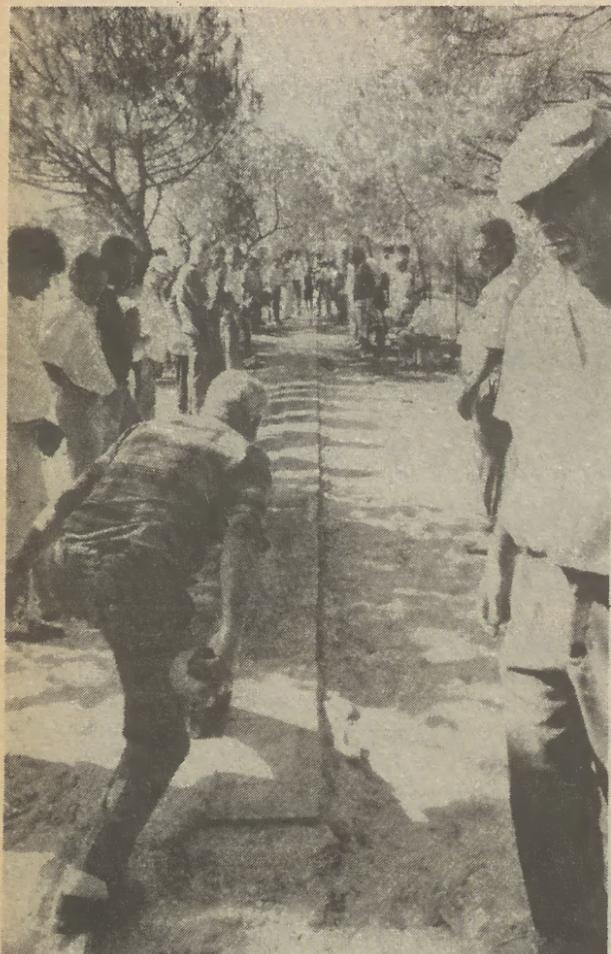
Malha pequena - 1º equipa União Banheirense; 2º equipa Sempre Fixe, do Barreiro; 3º equipa do Bairro da Gouveia; 4º Arroiteense; 5º Cooperativa de Alhos Vedros.

Malha corrida - 1º equipa de Santo André; 2º equipa de Santiago do Cacém.

Individuais - 1º Anastácio Pereira; 2º Carlos Moreno, 4º Armando Nico, 5º José Ramos.

Canoagem

Introduzida no programa desportivo da Festa do «Avante!» desde 1990, a canoagem atraiu este ano 40 participantes em turismo. Em RD, participou o canoísta Rui, da AN do Seixal; em Olímpia, foi primeiro José Frazão, da AN do Seixal; 2º Vítor Ribeiro, da SC



Vinhense; 3º Rafael, do CN de Almada. Em C2, ficaram em primeiro lugar Carlos Bingre e Sofia Piteira, do CN de Almada; 2º Hugo Alexandre e Cláudio Portela, da AN do Seixal; 3º Cesaltina Lopes e Lopes Sousa, da AN do Seixal.

Como curiosidade refira-se que o canoísta mais idoso era Lopes Sousa, de 56 anos, e o mais jovem era Rafael Figueira, de 15 anos.

Na prova de canoagem de competição K1 seniores, classificaram-se em 1º Pedro Silva e em 2º Miguel Tareco, ambos da Associação Naval de Lisboa; em juniores, ficaram nos três primeiros lugares Nuno Barreto, Nuno Enes e Bruno Campos,

todos da Associação Náutica do Seixal; por fim, em K2 seniores ocuparam o primeiro lugar Nuno Duarte e Paulo Garganta, da ANL, e em 2º Benjamin e Coelho.

Modalidades em exibição

Longo era o programa das modalidades em exibição na 16ª Festa do «Avante!»: futebol de salão, ginástica acrobática e com trampolim, basquetebol, andebol, jogo do pau, luta greco-romana, judo e karaté, capoeira e outras proporcionaram aos visitantes espectáculos de qualidade durante os três dias da Festa, que foi além de tudo o mais uma grande festa do desporto.



Os 25 primeiros por escalões

Escalão Seniores Masculinos

NOME	EQUIPA	GERAL
Fernando Fernandes	Xistarca	1
Humberto Alves	Sport V. Caparica	2
José Carlos Santos	Maratona Club Portugal	3
Américo Brito	CCR das Paivas	4
José Soldado	Sport V. Caparica	5
Carlos Alves	Sport V. Caparica	6
Oscar Santos	CCD Câmara de Loures	7
Júlio Moita	CD Crédito Agrícola	8
Eduardo Fernandes	Sporting C. Portugal	9
Amílcar Duarte	Sporting C. Portugal	10
Carlos Pinto	CPT Bairro Carcavelos	11
Domingo Macedo	Marquises Ant. Ferro	12
Rui Reis	CCR Alto do Moinho	14
Francisco Salgueiro	Individual	15
Diamantino Figueiredo	Grupo ATL Coimdiver	16
Jorge Gomes	Aliados da Brandoa	17
João Coelho	CCR das Paivas	18
João Antunes	Marquises Ant. Ferro	20
Fernando Marmaleira	Estrela Fut. Clube	21
Carlos Nunes	AMAL	22
Eusébio Rosa	Ginásio Clube do Sul	23
Joaquim Delgado	VR Juventude F. Ferro	24
Manuel Oliveira	CPT Bairro Carcavelos	25
Arnaldo Santos	Tempo Novo	26
Jorge Oliveira	CPT Bairro Carcavelos	27

Escalão Seniores Femininos

NOME	EQUIPA	GERAL
Albertina Dias	Maratona Clube da Maia	123
Rosa Oliveira	Maratona Clube da Maia	124
Maria Lucas	Sport V. Caparica	335
Ermelinda Mineiro	CCR das Paivas	384
Anabela Pereira	SF Operária Amorense	421
Rosário Pereira	Sport V. Caparica	527
Maria João Libório	VDR Casal Privilégio	530
Paula Rocha	Maratona Club Portugal	632
Maria José	Maratona Club Portugal	731
Paula Castanheira	GADR Sta. M.ª Corroios	878

Escalão Juniores Masculinos

NOME	EQUIPA	GERAL
Alberto Chaica	Individual	13
Manuel Geraldo	Sport V. Caparica	31
Mário Paixão	Odivelas Futebol Clube	39
Carlos Rui	CPT Bairro Carcavelos	63
Luís Jacinto	Ginásio Clube do Sul	78
Carlos Silva	UR Juventude F. Ferro	99
José Agra	CDCR Val Figueira	114
Mário Viseu	Águias U. Faqueiro	132
Eduardo Reis	R. da Cruz de Pau	137
Luís Ferreira	AMAL	144
Paulo Fernandes	Lissa Trans. Lisboa	148
Carlos Chelmit	Ginásio Clube do Sul	158
Walter Pezeiro Jerónimo	Tecnicoaruche L.ª	162
Victor Manuel J. Duarte	Individual	166
Manuel Ramos	Sport V. Caparica	178
Augusto Pinto	CDCR Val Figueira	188
José Silva	Odivelas Futebol Clube	189
Oswaldo Ferreira	Sport. Clube Santanense	190
Jorge Fonseca	Ginásio Clube do Sul	196
Sérgio Machado	CPT Bairro Carcavelos	198
Paulo J. G. Delgado	Individual	216
Nuno Guerreiro	VDR Casal Privilégio	225
José Filipe	CPT Bairro Carcavelos	234
Nuno Álvaro Palma	Individual	235
Nuno Filipe	CPT Bairro Carcavelos	236

Escalão Juniores Femininos

NOME	EQUIPA	GERAL
Beatriz Cunha	Marquises Ant. Ferro	338
Bernardete Coelho	Grupo ATL Valejas	427
Ana Carlos	Marquises Ant. Ferro	479
Paula Maria S. Silva	Individual	592
Sandra Ruivo	Tempo Novo	697
Andreia Fonseca	Sporting C. da Corvina	790
Ana Rita Tavares	Sporting C. da Corvina	856
Susana Nascimento	Tempo Novo	872
Sandra Nascimento	Tempo Novo	873
Ana Peixoto	Tempo Novo	874

Escalão Veteranos I

NOME	EQUIPA	GERAL
António Ferro	Marquises Ant. Ferro	19
Jacinto Barroso	Grupo ATL Valejas	32
António Manuel Lourenço	G. Desp. de Queluz	45
Carlos Oliveira	AMAL	46
José Marques	GD Amigos Sacavém	58
Lourenço Cândido	Ídolos da Praça	80
Vitor Pedro	Ass. Morad. 18 de Maio	90
António Salsinha	SST Autarq. do Seixal	96
Joaquim Adelino	C. ATL Vale Figueira	102
José Ventosa	Individual	107
Hugo Morais	GD Pessoal CPP	115
Silvino dos Santos	Individual	117
Abílio Silva	Os Matulões	118
José Fernandes	Ass. Morad. 18 de Maio	125
Manuel Carrudo	Solido	127
António Camacho	C. ATL Vale Figueira	128
Vitor Simões	Lissa Trans. Lisboa	131
Manuel Oliveira	SF Operária Amorense	133
Manuel Lourenço	Ass. Morad. 18 de Maio	134
Francisco Cardoso	GDASA St. Ant. Cav.	136
Rui Silva	SFUAP	140
António Horta	Individual	145
António Alves Santos	Individual	146
João Martins	R. da Cruz de Pau	150
Armando Pereira	Papa Léguas	153

Escalão Veteranos II

NOME	EQUIPA	GERAL
Eduardo Tanganhito	Grupo DR Vale Grande	44
Guilherme Correia	CPT Bairro Carcavelos	55
Joaquim Godinho	AMAL	56
José Casas	CPT Bairro Carcavelos	64
Manuel Samarro	Individual	67
Fernando Batista	SFUAP	79
José Zorro	GD Alcântara Açúcares	88
Manuel João	C. ATL Vale Figueira	89
Orlando Lopes	Lissa Trans. Lisboa	112
Albino Neiva	Clube Sorefame	126
Francisco Farropas	R. da Cruz de Pau	129
João Elvas	CCD CRSSL	130
José G. dos Santos	Individual	138
Domingos Correia	AMAL	142
Carlos Silva	Beira Mar AC Almada	151
José Inês	Juventude Mira Sintra	152
Humberto Botas	AMAL	159
Bento Gaspar	SIME-Cruz Quebradense	172
António Gomes Rodrigues	Individual	195
Alcino Marques	GDRRM	200
José Paixão	R. da Cruz de Pau	209
Miguel Ferreira	Individual	219
Hugo R. S. Cavaco	Individual	224
António Cipriano	As. Morad. Cult. e Rec.	226
Henrique Neves	AMAL	227

Escalão Veteranos III

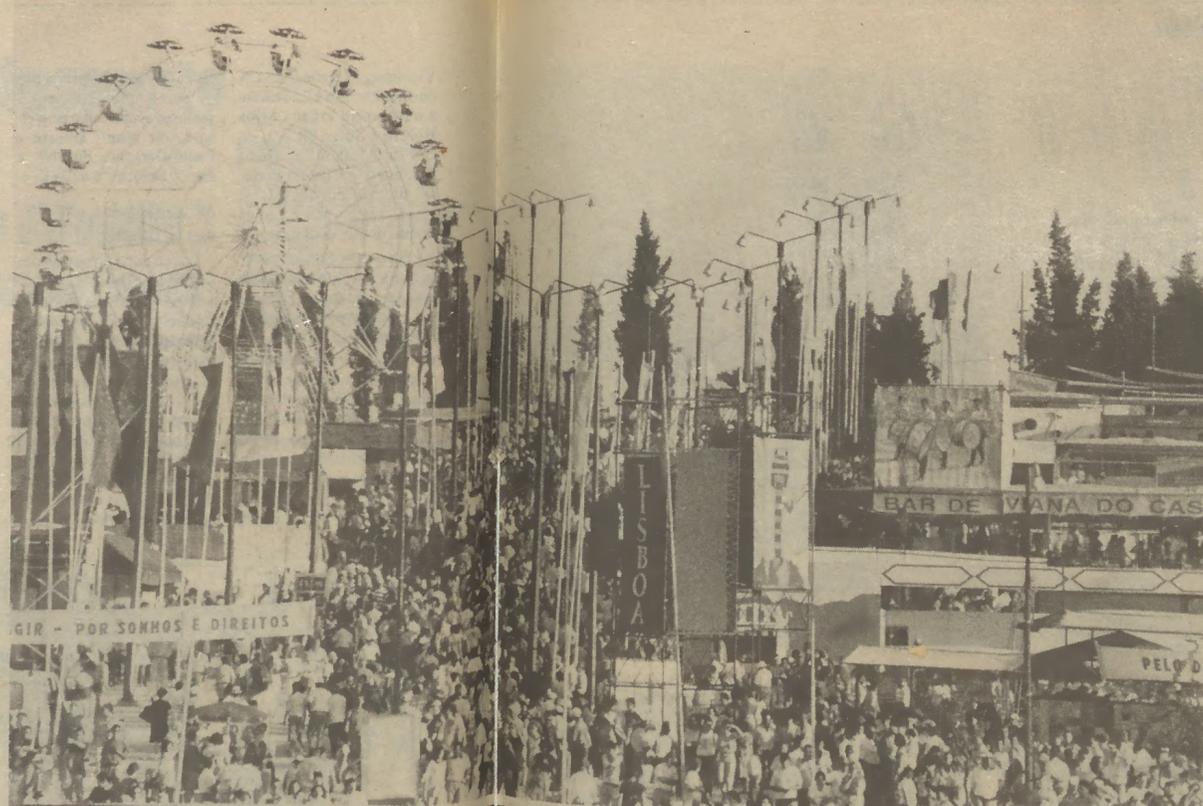
NOME	EQUIPA	GERAL
Armando Aldegalega	Sporting C. Portugal	29
Carlos Silva	AMAL	92
Silvio Bravo	Grupo Atl. Pontinha	116
Clemente Caracol	Ass. Morad. 18 de Maio	201
José Parcaça	SF Operária Amorense	229
António M. Lopes	GD Alcântara Açúcares	258
Manuel Ribeiro	SF Operária Amorense	287
Manuel Guerreiro	C. ATL Vale Figueira	288
Carlos Alberto	CCD Câmara de Loures	307
Adriano Fontes	CCD CRSSL	331
Manuel Bandeira	CCDT Metro Lisboa	334
António Raminhos	R. da Cruz de Pau	346
Francisco Martins	Estrela Fut. Clube	359
Hilário Oliveira	Estrela Fut. Clube	365
Manuel Fialho	R. da Cruz de Pau	377
Virgílio Lourenço	SIME-Cruz Quebradense	378
Luís Marianito	Grupo ATL Pontinha	380
Júlio Pedrosa	Solido	385
António Mateus	Os Zatopeques	386
José Santos	R. da Cruz de Pau	398
Francisco Cipriano	Ass. Morad. Cult. e Rec.	400
Carlos Cruz	Os Zatopeques	405
António Soares	Grupo ATL Pontinha	413
Vitor Pereira	C. Desp. «O Ribeirense»	420
António Bernardino	CCD Trab. Montepio	423

Escalão Veteranos IV

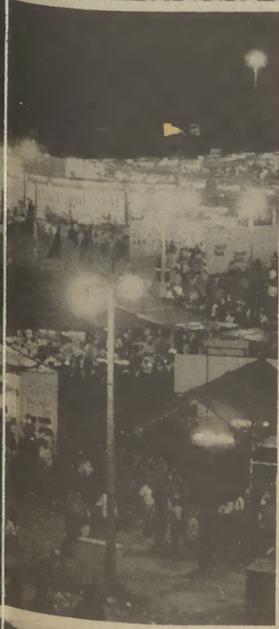
NOME	EQUIPA	GERAL
Raul Matos	Ass. Morad. 18 de Maio	202
Manuel Custódio	CD Monte Real	243
José Agostinho	Grupo ATL Pontinha	257
Manuel Pincante	SF Operária Amorense	261
Vasco Mendes	CD Monte Real	273
Domingos Casaca	G. Desp. Rec. Reboleira	342
Carlos Pereira	CCD Câmara de Loures	374
Armando Carmo	G. Desp. Rec. Reboleira	382
Manuel Belchior	CD Monte Real	395
Plácido Rosa	AMAL	401
João Agostinho	Os Matulões	403
Júlio Antunes	Aliados da Brandoa	412
Francisco Ramos	G. Desp. Rec. Reboleira	415
Fernando Luís	Individual	450
Nene Bicho	R. da Cruz de Pau	477
Lourenço Carreirinho	Individual	544
Manuel José Dama	Grupo desp. CHESOL	545
José Ramos	R. da Cruz de Pau	547
Mário Santos	Academia Almadense	565
João Moreno	R. da Cruz de Pau	567
Fernando Pereira	Maratona Club Portugal	610
Fernando Duarte	Grupo ATL Pontinha	614
Fernando Duarte	CD Olivais Moscavide	654
António Silva	C. ATL Vale Figueira	675
Humberto Pinheiro	Beira Mar AC Almada	681

Escalão Veteranas

NOME	EQUIPA	GERAL
Umbelina Nunes	VDR Casal Privilégio	246
Isaura Pereira	SF Operária Amorense	364
Analice Silva	Ass. Morad. 18 de Maio	505
Maria Saleta	R. da Cruz de Pau	703
Maria Dias	CCR das Paivas	741
Jesufina Antunes	SIME-Cruz Quebradense	837
Maria Gertrudes	GD EMP BTA - Lisboa	869
Luciana Silva	Clube AUTOCOOPE	871



Palavras na Festa



Organizações do Partido

O País na Festa

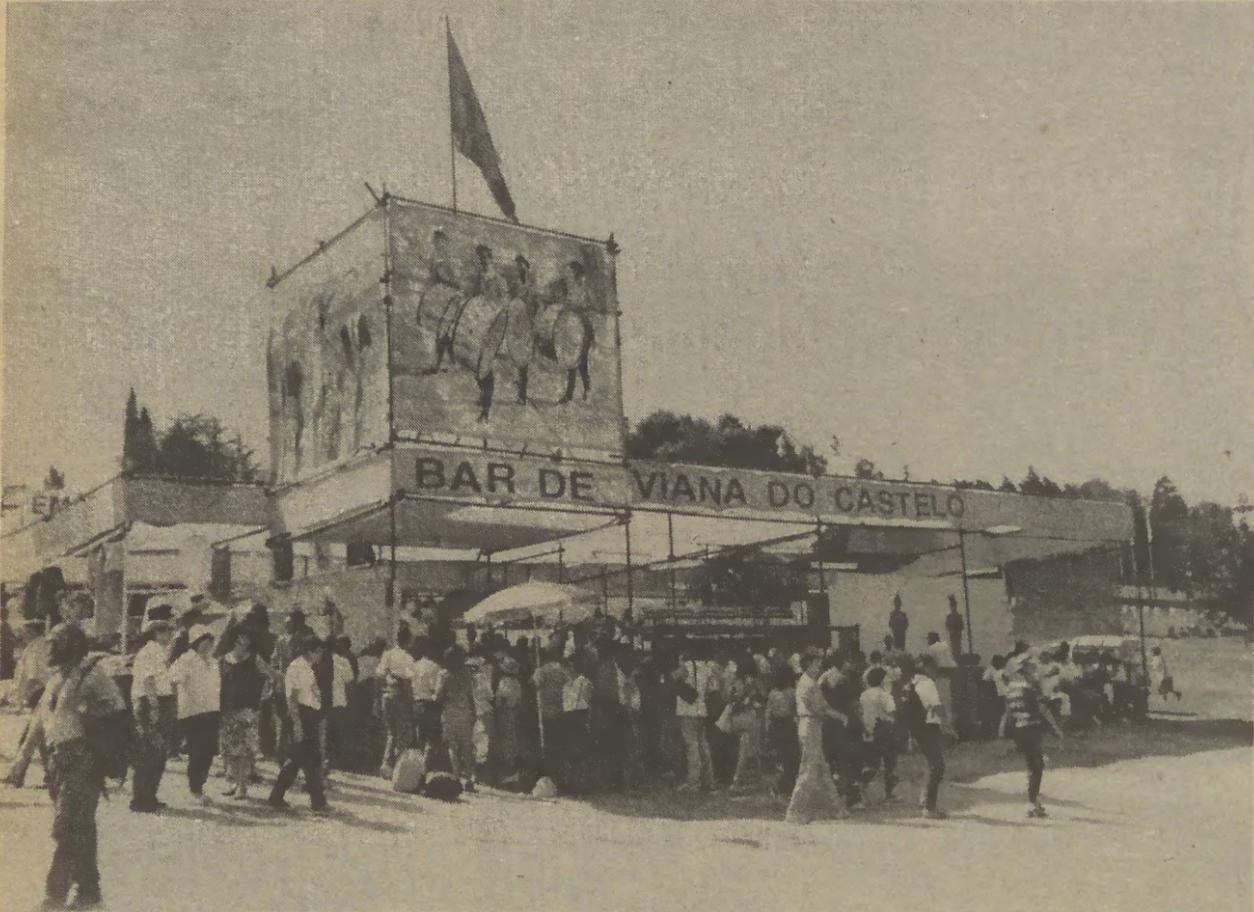
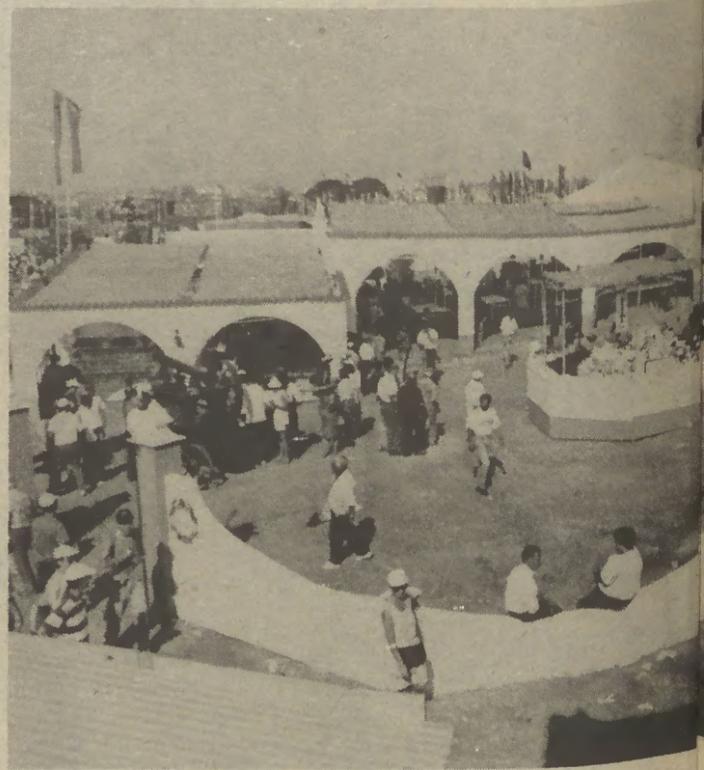
O País inteiro esteve novamente na Quinta da Atalaia, transportado pelo talento das organizações do Partido e descendo harmoniosamente as duas encostas do vale em direcção ao Tejo.

Desde sempre que as organizações regionais do PCP têm levado para a Festa do "Avante!" não apenas os ecos da sua actividade, a triagem dos problemas de cada região e as suas qualidades específicas, sobretudo em matéria de gastronomia e arte popular, mas também simbologias de cada região, que ano a ano se aperfeiçoam e dão, a cada uma delas, uma "cor" local de excelentes efeitos. Há que fazer alguns destaques nesta matéria (e a ordem dos factores é arbitrária): Setúbal apareceu com uma exposição de barcos utilizados nos dois rios que banham o Distrito, o Tejo e o Sado, uma meticolosa reprodução do castelo de Santa Maria da Feira albergava o restaurante do Distrito de Aveiro, Lisboa ergueu sete torres inspiradas nas sete colinas

teve como contraponto a implantação de Portalegre inspirada no Monte Alentejano e nos granitos de Alpalhão, o Porto brilhou com a sua exposição de artesanato e dos célebres móveis de Parede, Leiria acumulou multidões à volta do seu Forno do Vidro, com artesãos a trabalhar ao vivo, enquanto um outro forno, mas do pão, fazia também alinhar o pessoal à espera do pãozinho quente com chouriço dentro e a

descrição pela vertente esquerda, em direcção ao Tejo) as organizações do Porto e de Setúbal ocupavam quase metade da encosta com uma oferta que não lhes deixou os créditos por mãos alheias. O Porto apresentou uma exposição sobre aspectos da realidade política e social da região e uma apreciada mostra e venda de artesanato - barros de Santo Tirso, cerâmica de Vila Nova de Gaia, móveis de Paredes, rendas de

mineira em Valongo, a broa de Avintes, o vinho do Porto em Gaia, o vinho verde e o presunto de Amarante, etc., etc. Mas também os doces no Bar do Porto e o licor de Singeverga, com o já clássico Pub da ORB onde se podia disfrutar a boa música em companhia da Cuba Livre, do vodka com laranja, do rum ou da cerveja. Setúbal não se ficava atrás. A exposição dos barcos ocupava uma área



da capital, abrindo para um monumento ao PCP e um lago simbolizando o Rossio, Viana do Castelo apresentou uma Tasca do Alto Minho com tocadores de cavaquinho enquanto Braga reproduzia um portal *ex libris* da cidade, Viseu abriu o seu Pátio Beirão e Coimbra um restaurante para 400 pessoas com motivos regionais, Santarém ergueu uma Quinta Ribatejana onde não faltavam alfaias e aparelhagens antigas para fabrico do bagaço, o que

Taberna da Guarda mostrava como se come e bebe bem naquela região.

Do Porto a Setúbal

Estas representações regionais do Partido constituem um dos grandes pólos dinamizadores da Festa. Uma a uma, num percurso em permanente transição, vai-se descobrindo o País num admirável universo de odores e formas, de sons e cores, de pessoas e objectos e muitos, muitos paladares. Este ano (e começando a

bilros, mantas e malhas de Vila do Conde, etc. E, naturalmente, uma rica e variada ementa para todos os paladares, de que destacamos apenas alguns pratos porque, infelizmente, o espaço é menor que o apetite que isto tudo faz: tripas e bacalhau frito com arroz de feijão, no restaurante do Porto, cabidela de frango e bacalhau com grão no de Santo Tirso, frango de churrasco em Penafiel, chispalhada em Gondomar, arroz de lulas em Matosinhos, arroz à

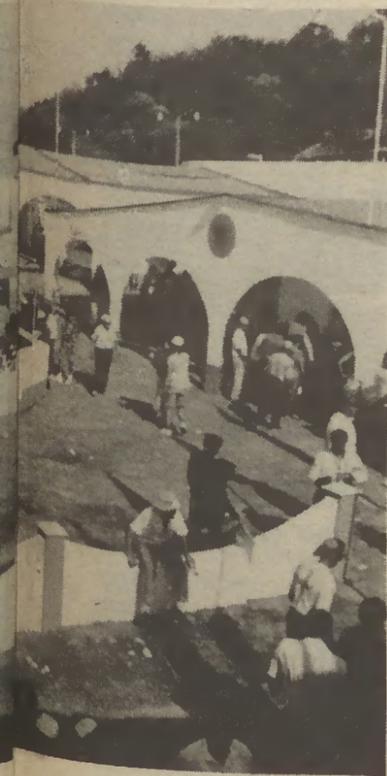
de 100 m², constituindo o núcleo central de uma exposição que tinha por tema o Tejo e o Sado no desenvolvimento do Distrito. Ao lado, no Pátio dos Petiscos, um variado programa de espectáculos animou permanentemente o recinto, apresentando desde conjuntos de baile a fadistas amadores e marchas populares. Em redor, fervilhavam os petiscos: carapau frito, salada de polvo, passarinhos, caracóis, bifanas. E mais uma variadíssima oferta de

restaurantes: Seixal, com a dobrada à pescador; Sines, com a caldeirada; Setúbal, com o arroz de tamboril; Moita com o churrasco de frango; Sesimbra com a marisqueira. E também o moscatel e as tortas de Azeitão ou as peles e bonecas de trapos de Grândola, para só falarmos de alguns dos produtos regionais propostos aos visitantes.

Lisboa, a das Sete Torres

Já na encosta contrária, e ocupando todo o segundo quarteirão da avenida principal que divide a Festa ao meio, estava a organização de Lisboa. As referidas sete torres e lago do Rossio serviam de quadro a uma vasta proposta ao visitante: exposições sobre as lutas sociais, o trabalho da CDU nas autarquias da região, as lutas da juventude no ano lectivo passado e a vida das comunidades africanas residentes em Portugal, como exemplo das respostas dadas pelo povo à nociva política governamental. Igualmente rica e diversificada, era a oferta

cultural da representação de Lisboa: no café-concerto a cultura alfacinha foi visitada até às suas raízes seculares, a par da evocação da obra de Adriano Correia de Oliveira através da palavra e da música. Igualmente a solidariedade com Cuba, o convívio de jovens intelectuais, a música e a dança africanas reforçaram as tradições culturais deste espaço da organização de Lisboa na Festa, a par da permanente animação do Palco de Lisboa, por onde passaram um concerto com Lúfa Basto, música ligeira e coral alentejana, novos grupos de rock, folclore da região, música africana, etc. Quanto à gastronomia, e como se anunciava no programa da Festa, mais de 20 sabores foram propostos por Lisboa, de que podemos destacar o arroz de caril e camarão mais o de marisco com gambas, a carne e lulas à ribatejana, as merendeiras, o prego na pedra, a cacholeira assada, as perninhas de rã, a cachupa, o feijão pedra com xerem ou o borrego com mandioca, mais doces regionais, africanos e portugueses. A Festa do Mel, os produtos agrícolas



nas lutas dos trabalhadores e na organização do Partido. No plano gastronómico, eram vários, os desafios: pão a sair do forno, as sopas e petiscos das Caldas da Rainha, o arroz de feijão com fritada, mais a carne assada e os pipis do snack-bar da Marinha Grande, sem esquecer um original "Kakus Bar", sempre a abarrotar de juventude. Em Bragança o acento esteve na gastronomia e nos bons vinhos do Nordeste "com sabor a feiras e romarias". Para que conste: o rancho e a feijoada transmontanos, as alheiras de Mirandela, o salpicão, os canelos de porco fumados, as trutas do Tuela ou Baceiro, as azeitonas e o pão de centeio, tudo regado com vinhos de Vila Flor, de Macedo de Cavaleiros e de Sendim. A completar, havia as peças de artesanato nordestino - máscaras de madeira de Ousilhão, cestaria de Cidões, cutelaria de Palaçoulo - bem como os vinhos, o azeite, o mel ou os queijos duros de ovelha. Ao lado, o pavilhão de Vila Real mantinha intactos a fama e o prestígio de só divulgar qualidade: o javali criado nos montes e florestas transmontanos foi o prato

da região, artesanato e filatelia, eram outras, entre muitas propostas.

Do Minho ao Algarve

No quartirão ao lado, já de frente para o palco 25 de Abril, subia-se a colina ao encontro, numa assentada, do Algarve, Leiria, Bragança, Vila Real e Braga. O Algarve trouxe à Festa, além de uma exposição política mostrando a actividade do PCP, um pavilhão de artesanato onde pontificavam empreitas, cestos, loiças e bancos de Monchique, além de doces algarvios, frutos secos e medronho. Quanto aos sabores, não faltava nada no restaurante regional: arroz de marisco, feijoada de lingueirão, espinhela de atum guisada, mariscos e um cocktail-bar onde as bebidas eram confeccionadas por competentes e imaginativos profissionais. Leiria, com os seus fornos do vidro e do pão, espalhou o calor do trabalho na Festa, a par de uma exposição política e cultural centrada no desenvolvimento regional,



Sorteio para o CT de Pedrouços

Nos sorteios realizados durante a Festa, no âmbito da campanha para a compra de um centro de trabalho do Partido em Pedrouços, foram premiados, com um vídeo cada, os números A378 e B703, informou a comissão concelhia da Maia do PCP. Os prémios devem ser reclamados no CT da Boavista, no Porto. Na impossibilidade de deslocação à capital do distrito, os bilhetes premiados podem ser enviados pelo correio, com a indicação das moradas dos contemplados. A concelhia da Maia abriu no Montepio Geral, na Areosa, uma conta que tem o número 7200006373, para onde podem ser enviadas as contribuições para a compra do centro de trabalho de Pedrouços.

forte deste ano, esgotando-se com uma lamentável rapidez; valia aos que não chegaram a tempo os canelos de presunto e as cristas de galo, tudo acompanhado por uma notável colecção de vinhos (reservas e correntes) das adegas cooperativas de Alijó, Pegarinhos, Sanfins do Douro, Mesão Frio, Régua, Murça e Favaio. Nota altíssima para o moscatel de Favaio e um vinho fino do Porto com 15 anos, engarrafado especialmente para a organização regional do Partido. Quanto a Braga, não precisava de canudo para ser bem vista por trás de uma imponente reprodução de um portão monumental da cidade. A par de uma exposição política sobre a vida e luta dos trabalhadores têxteis do Distrito, lá estava a malguinha do bom vinho verde e a sua grande variedade de petiscos, da morcela ao chispe, passando pelo bacalhau e pelo chouriço da região. Este ano Braga apresentou também os seus doces regionais, com destaque para as clarinhas de Fão e o toucinho do céu, além de variado artesanato, nomeadamente barros de Barcelos e pequenos objectos trabalhados de madeira.

Do sortilégio do mel à conquista do castelo

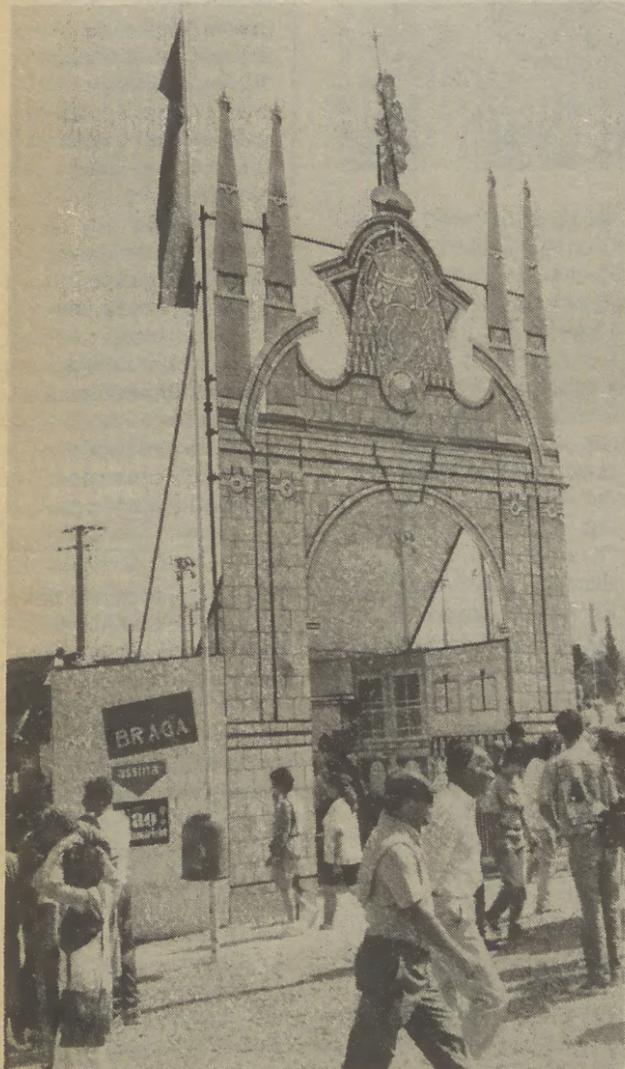
Já no cimo da colina e ladeando a Avenida da Juventude, estavam as representações da Madeira, Coimbra,

Aveiro, Viseu e Viana do Castelo, além do sector da Emigração.

Da Madeira vieram as bebidas onde impera o sortilégio do rum de cana e do mel, passando pela famosa poncha, mais o bolo e as broas de mel. O artesanato era variado, entre couro, roupas e vimes. E num saltinho estávamos em Coimbra. Um belo restaurante com 400 lugares impunha-se no terreno, propondo ao visitante dois pratos regionais, a chanfana e o entrecosto com morcela, confeccionados por cozinheiros garantindo a tipicidade e o sabor. Para acompanhar, Coimbra

melhores restaurantes da Festa, já com fama consolidada. Decorado com pormenores de Viseu, era também um lugar onde se podia ouvir música da Beira Alta, acompanhada de numerosas especialidades gastronómicas regadas a vinho do Dão.

Dali saltava-se, num pulinho, de regresso ao Minho, entrando-se em Viana do Castelo onde tocadores de cavaquinho e cantadores ao desafio animavam a Tasca do Alto Minho. Af se podia saborear o arroz de sarrabulho e os rojões, o bacalhau frito e o salpicão da Serra d' Agra, a broa de



trouxe os vinhos da região demarcada da Bairrada, de adega particular e vinhos reserva das melhores colheitas, dando a broa de milho o tradicional toque beirão. Assinale-se que o restaurante estava decorado com motivos etnográficos e aspectos da luta e da vida dos trabalhadores e dos comunistas da região. Como já dissemos, Aveiro "trouxe" o castelo de Santa Maria da Feira onde cabia uma exposição política, o folclore e a animação musical. E é claro, a gastronomia onde imperava o leitão da Bairrada servido no prato ou em sandes, acompanhado pelos vinhos da região além do Castiço e do espumoso. Mas havia também as enguias de escabeche e os ovos moles, os doces regionais e o pão-de-ló de Ovar, os caladinhos e os fogaços da Feira, entre outras delícias que prendiam multidões aos guichets.

Em Viseu continuávamos nas Beiras e ainda bem: num típico Pátio Beirão funcionava um dos



Nas suas sete quintas!

Com uma biblioteca, uma oficina de trabalhos manuais, muito espaço para brincar, muitos amigos para conviver, os Pioneiros organizaram na Festa um espaço onde a criançada estava, realmente, nas suas sete quintas!

milho e os doces de ovos. Um espaço enriquecido com o artesanato - louça de Viana, bordados regionais, palmitos, rocas e lenços, numa exuberância de cores.

Referência ainda para o pavilhão da Emigração, este ano decorado em jeito de navio e onde foi novidade a venda das fitas luminosas, a par dos tradicionais lenços palestinianos e indianos. Um espaço privilegiado de convívio, à volta da típica dobrada ou da salsicha alemã, regados a sangria suíça.

No mundo dos petiscos

Por trás da representação de Lisboa estavam as organizações de Castelo Branco, Guarda e Açores, havendo igualmente espaço para os stands das organizações dos Deficientes, Reformados e Mulheres.

Castelo Branco apresentou-se com uma exposição, um restaurante e um bar; no segundo, o relevo ia para o caldo

verde, o frango assado e as febras no pão, no último a oferta ia das bebidas finas aos *cocktails*. Quanto aos produtos regionais, lá estavam os queijos, os presuntos, os enchidos, o vinho e o mel.

Seguia-se a **Guarda**, que na sua Taberna se esmerou a servir chispe com feijão, orelha de vinagrete e salada de bacalhau com tomate, uns petiscos de comer e chorar por mais. O queijo da Serra adquirido no produtor, o presunto e os enchidos de qualidade e os vinhos da região (Pinhel, Figueira de Castelo Rodrigo, Meda e Vila Nova de Foz Coa) alargavam a oferta, que se completava com um artesanato que incluía flautas de pastor, louças, vergas e bordados em linho.

Os **Açores**, apesar de se encontrarem (tal como a Madeira) em campanha eleitoral, não deixaram de marcar presença com uma exposição sobre as eleições regionais, que neste momento ocupam os comunistas no Arquipélago, juntamente com produtos típicos daquelas Ilhas - o queijo, o licor de maracujá, o chá e um variado artesanato. Presentes, como sempre, as organizações dos **Deficientes e Reformados**, este ano com pavilhões contíguos, onde se podiam apreciar importantes exposições sobre os direitos e a situação social destas largas camadas da população portuguesa,



Livros e autores ali mesmo à mão

O Centro do Livro e do Disco é um local privilegiado para o visitante da Festa encontrar, ali mesmo à mão de semear, os livros e aos autores preferidos. A pretexto de um autógrafo, lá vão, com todo o prazer, dois dedos de conversa.

Autêntica feira do livro dentro da Festa, pelo Centro passaram nestes três dias muitos milhares de pessoas, quer em busca de novidades editoriais (como a *Obra Completa de Soeiro Pereira Gomes*, a novidade que a Caminho levou à Atalaia), quer para uma volta pelos títulos em promoção a preços muito convidativos.

Com um grande volume de CDs, muito vinil e alguma literatura especializada, a música ocupou no Centro um espaço nobre. Uma área especial foi também dedicada, desta vez, aos brinquedos.

Para facilitar os trocos, as caixas estavam preparadas para processar o pagamento automático com um vulgar cartão *multibanco*.

além de bons momentos de convívio no bar e no bufete destas representações. Quanto às **Mulheres**, lá tinham de novo o seu Pavilhão, um espaço onde se destacou a acção do PCP na promoção da igualdade de direitos e oportunidades, o papel das mulheres comunistas e a realização do XIV Congresso do Partido, a par de uma intensa actividade cultural e o tradicional bar com refeições leves.

As Quintas e os Montes

Subindo a vertente direita do recinto da Festa encontrávamos, finalmente, as representações de Portalegre, Beja, Évora e Santarém.

Portalegre instalou um Monte Alentejano onde o tema da exposição era "O Poder Local e o Desenvolvimento", apostando, por outro lado, no artesanato do Norte Alentejano - artigos em pele de Terrugem, bordados e feltros de Nisa, barros de Nisa e Flor da Rosa, etc. Vinhos e mel, enchidos, queijos e pão puxavam o apetite, particularmente desafiado pelo ensopado de borrego. Quanto a Beja, apresentou uma exposição que destacava as propostas do PCP para o desenvolvimento do Distrito, com destaque para o Alqueva e o Plano de Rega do Alentejo. A escolha no artesanato

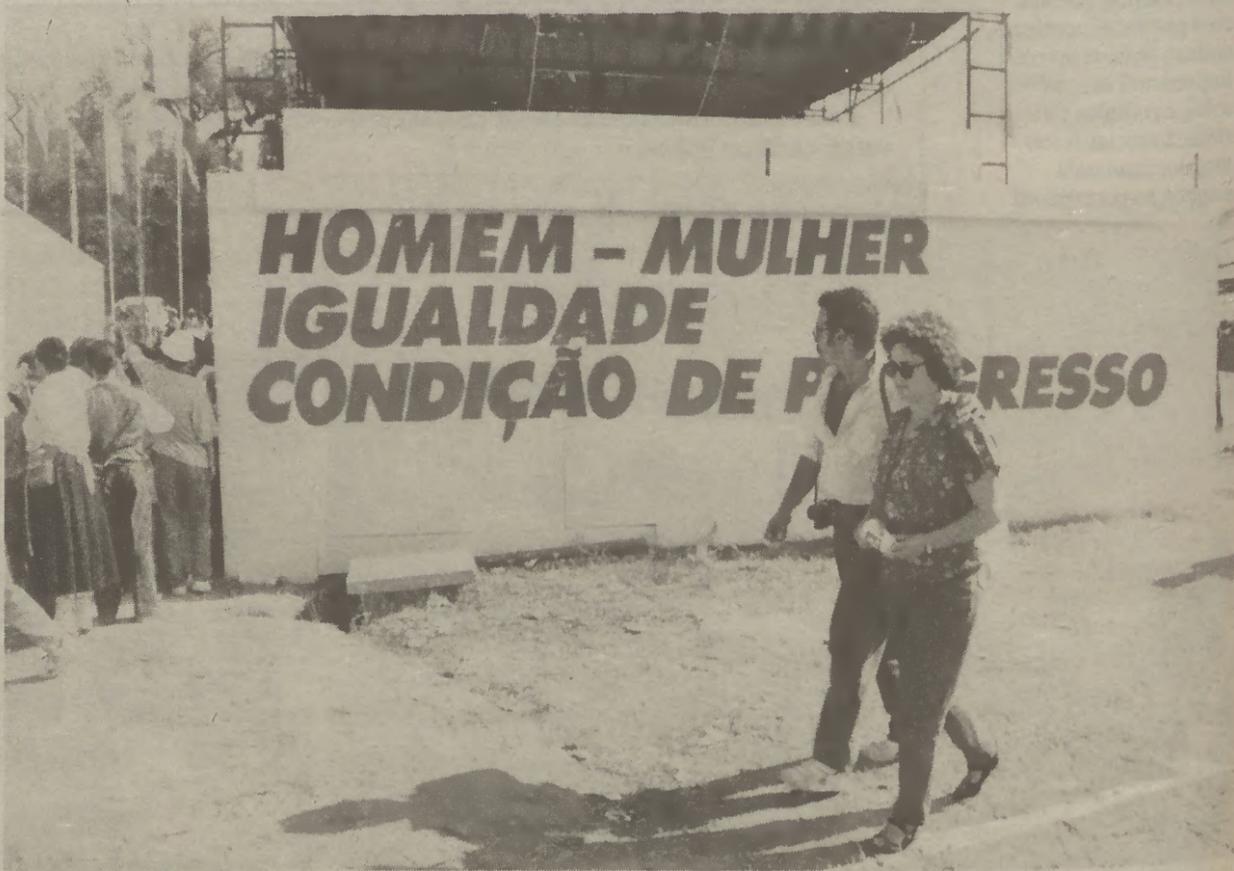


dividia-se entre as mais variadas peças de labor artesanal alentejano, trabalhando o barro, a cortiça e os tecidos, enquanto no restaurante voltava a reinar o borrego, em ensopado ou no forno. Évora escolheu os 15 anos de Poder Local democrático para tema de exposição política, expondo igualmente artesanato genuíno como os barros de S. Pedro do Corval, Viana, Redondo e Estremoz, a cutelaria da Azaruja, as madeiras de Viana e Redondo, acompanhados duma variada venda de produtos, do pão ao vinho, passando pelos frutos secos, queijo e mel. E sempre o ensopado de borrego, aqui emparelhado com outros petiscos regionais. Finalmente Santarém que, como dissemos, se aplicou na reprodução duma Quinta Ribatejana, onde a cultura da vinha e o fabrico do vinho foram tema para uma exposição didáctica, com alfaias e utensílios de várias épocas a mostrar como se passavam as coisas antigamente. Para além do artesanato, o Ribatejo lá estava com a sopa de pedra na Tasca Ribatejana, o peixe frito e o vinho na Adega, a doçaria, a cervejaria e a cafetaria.



Cidade da Juventude

A Cidade da Juventude ocupou, na Festa deste ano, um local privilegiado, entre o Palco 25 de Abril e a Cidade Internacional, na confluência das duas principais artérias da Atalaia. Das iniciativas que aqui tiveram lugar, o destaque vai para o concurso-exposição de artes plásticas «Tomar a iniciativa» e para a campanha «Si por Cuba». Houve ainda matraquilhos, uma esplanada, um bar de *hamburguers*, animação de rua, uma área ocupada por jovens artesãos que ali expuseram e venderam os seus trabalhos... E muito mais, que só quem lá esteve pode contar!



A música é das pessoas

Issabary

Actuaram duas vezes no Palco 25 de Abril. Primeiro sexta à noite e depois a abriu os espectáculos do dia seguinte. Música africana e, naturalmente, ritmo, alegria e dança. Músicos excelentes. Para quem os tenha visto em anteriores edições da Festa, ter-se-á notado uma evolução nítida na maturidade do grupo em termos de presença em palco, que no caso do «25 de Abril» até é de dimensões imensas mas ficou cheio com a presença da banda.



Chleftains



Júlio Pereira

«A malta quer é folclore!» gritava um entusiasmado jovem, tronco nu, brandindo uma camisola estampada com caveiras e correntes, agarrado às grades que separavam o público do palco principal da Festa, em aplauso incondicional à presença de Júlio Pereira, sexta à noite. O Bandolim foi a vedeta maior, a servir de suporte para os solos deste músico português, homem de mais de sete instrumentos que pôs a



Big Band do Hot Clube de Portugal com Benny Golson



Boogie Brothers



Sérgio Godinho



Issabary

Brigada Victor Jara

Quando o público reconheceu os acordes e a melodia da «Carvalhesa», num dos primeiros temas da actuação da Brigada Victor Jara, a mútua conquista entre artistas e público, processo sempre complicado em qualquer espectáculo, estava concretizada. É uma nova versão de uma melodia popular que conjuntamente com novos temas e novos arranjos fizeram este espectáculo da tarde de sábado na Atalaia. A demonstrar que a música portuguesa está aí, bem viva!

Rádio Macau

Quem quiser ter lições sobre o que deve ser a actuação em palco de um grupo de rock, só tem de assistir a um espectáculo do Rádio Macau. Ter algo para dizer ao público, com garra e força, é a primeira condição preenchida pelo grupo. Depois há músicos que sabem o que fazem e uma vocalista fabulosa. Temas novos contamos três, a prometerem um novo disco de excepção, depois de um triénio em jejum. Canções conhecidas como «Amanhã é sempre longe de mais» ou «Hoje é a brincar» foram cantadas em coro pela multidão. No final da actuação de sábado, muitos defendiam que estava encontrado o «espectáculo da Festa» deste ano.

Boogie Brothers

Dois vocalistas, um homem e uma mulher, fizeram uma competição desenfreada



Brigada Victor Jara



Tubarões

multidão juvenil a dançar furiosamente ao som das novas melodias do seu mais recente trabalho discográfico ou das outras que completaram o espectáculo: uma viagem por temas dos seus anteriores discos, desde *O Cavaquinho* até ao *Janelas Verdes*. A organização desta presença em palco de Júlio Pereira foi pensada quase milimetricamente, numa dinâmica onde o jogo entre as músicas mais lentas e os ritmos dançantes, permitiu criar um diálogo com o público a quem não foi

regateada a festa que era pedida. A voz (!!) de Minela, em grande número de músicas, foi outra agradável novidade, numa participação bastante mais acentuada da que se verifica no último disco deste músico.

Telectu

Quem conheça a original carreira do duo Telectu e não tenha presenciado o espectáculo no auditório 1.º de Maio na sexta-feira passada, certamente ficaria

surpreendido se lhe dissessem que uma sala cheia dançou ou acompanhou com palmas a música que saía do palco e que ela, a dita música, mais não era que o velho *rythm'n blues*, abrilhantado pelas harmonias, por vezes inesperadas, do sintetizador de Jorge Lima Barreto e os solos, originais e sóbrios, de Vítor Rua ou do convidado do grupo, o virtuoso e extrovertido guitarrista, Filipe Mendes. Um espectáculo que foi um sucesso mas que terá deixado sem fôlego aqueles

que foram ali à espera de ouvir mais uma das múltiplas experiências musicais que fazem a originalidade do Telectu no mundo musical português e que geralmente exigem do público um atento e silencioso acompanhamento dessas quase sempre elaboradas *performances* do duo. É por estas e por outras que se diz que não há Festa como esta!

Miso Ensemble

Flautas e percussões chegam para fazer a

modernidade de um som experimental, que criou um momento de intimidade no Auditório 1.º de Maio. Uma música diferente proposta por Paula e Miguel

Azguime que voltaram à Festa para reencarnar um público que sabia o que ali ia encontrar, a provar, mais uma vez, que a diversidade de espectáculos que é tradição da Festa, só é possível pela diversidade de públicos que a iniciativa atrai.

com uma secção de sopros brilhante, para ver quem conseguia agitar mais o público da Festa. O *revival soul*, o movimento em que se integra esta banda, prima pela recuperação da *alma* que caracterizava as interpretações e os espectáculos da música negra da *pop* norte-americana do final dos anos 60 e princípios de 70. Entrega total de músicos e cantores numa maré de música que afoga um público que se rende a tão doces agressões, foi o que se viu na Festa. Depois dos Bogus Brothers, esta foi a segunda banda do género a visitar-nos. Pelo que se viu e ouviu, podem vir mais.

Big Band do Hot Clube de Portugal com Benny Golson, Curtis Fuller, Eddie Henderson e Greg Bandy

«Soube-me a pouco», diziamos alguém do público. Não se tratava de comentário em jeito de trocadilho à actuação de Sérgio Godinho. Tratou-se da expressão de um sentimento, depois da actuação no princípio da noite de sábado dos quatro músicos norte-americanos com os dezassete músicos portugueses, dirigidos pelo saxofonista Pedro Moreira. *Blues March* foi o tema que todos identificaram, composto por Benny Golson, que é nada mais nada menos que um dos *hinos* do mítico agrupamento do baterista Art Blakey, o Jazz Messengers, ao qual pertenceram Golson, Henderson e Fuller. Mas as referências aos Messengers não ficaram por aí, com os arranjos exigíveis para Big Band (e a do Hot sabe o que faz!) a criarem aos solistas situações para uma abordagem onde naturalmente se privilegiariam as capacidades excitantes dos sopros (saxofone, trombone e trompete) e da bateria. A dimensão do palco, o número de músicos e de pessoas no público era isso

Resistência

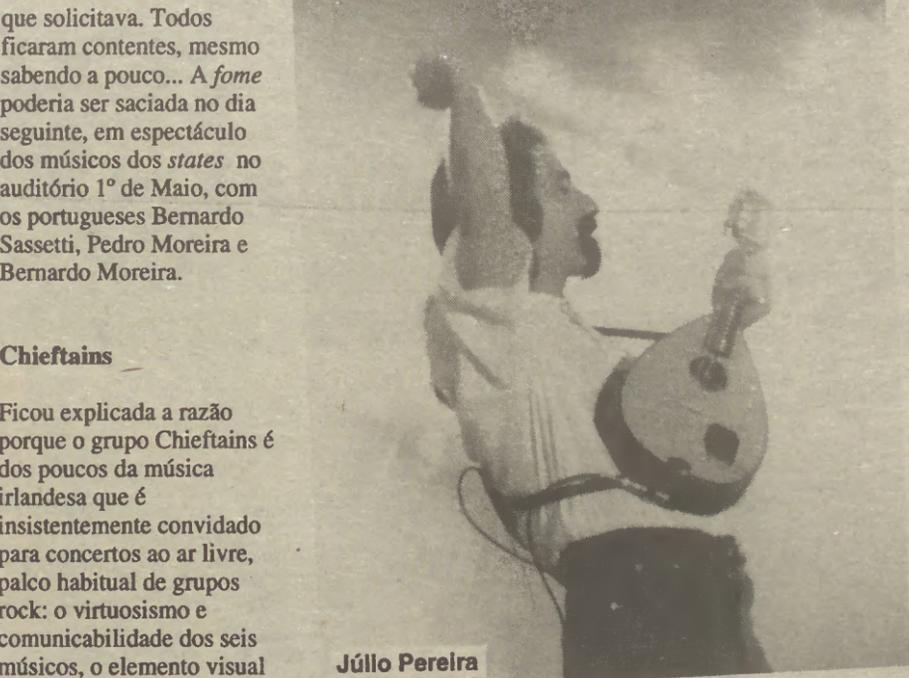
que solicitava. Todos ficaram contentes, mesmo sabendo a pouco... A fome poderia ser saciada no dia seguinte, em espectáculo dos músicos dos *states* no auditório 1.º de Maio, com os portugueses Bernardo Sasseti, Pedro Moreira e Bernardo Moreira.

Chieftains

Ficou explicada a razão porque o grupo Chieftains é dos poucos da música irlandesa que é insistentemente convidado para concertos ao ar livre, palco habitual de grupos rock: o virtuosismo e comunicabilidade dos seis músicos, o elemento visual proporcionado pela dança *ceili*, - pernas em frenesim num corpo erecto - exemplarmente executada por Jane Butler, (campeã mundial desta dança irlandesa e, por acaso, uma cidadã norte-americana), o conhecimento do que deve ser a dinâmica de um espectáculo para grandes auditórios com uma gestão exemplar entre os apelativos temas dançantes e os momentos melancólicos, tão característicos desta música popular; são os ingredientes que fazem deste grupo com mais de vinte anos de história um dos expoentes máximos da música do seu país. Na noite de sábado, na Atalaia, eles entusiasmarão o público e explicaram por que é que a música da Irlanda é uma das raízes de muita da música popular que hoje ouvimos.

Sérgio Godinho

Sérgio Godinho não precisa de provar nada na vida. Mas



Júlio Pereira

no fecho da noite de sábado do Palco 25 de Abril provou, a quem quer que tivesse dúvidas, que isto de espectáculos para qualquer coisa como meia centena de milhar de pessoas não tem segredos para si. Tudo preparado e trabalhado para resultar bem, e tudo resultou bem. Várias gerações entre o público a fazer coro com o artista em canções que fazem parte da nossa memória colectiva. Músicos excelentes. Que querem mais? É um artista português. O melhor? Talvez...

Grupo JIG, Pedro d'Orey e Filomena Pereira

A provar que o gosto pela música popular não tem fronteiras. Música céltica no nosso país com uma voz feminina a reter na memória: Filomena Pereira. Foi sábado à tarde no auditório 1.º de Maio.



Maria Gulnot

Recordando Adriano Correia de Oliveira

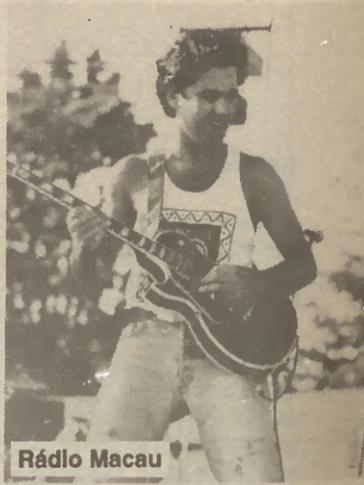
Um ambiente emocional. A tenda de circo que faz o auditório 1.º de Maio de paredes levantadas, para o grosso círculo de gente que a transbordava poder assistir (entrever?) ao que se passava no palco. Uma homenagem a Adriano que

passou pelo fado de Coimbra, por Zeca Afonso, por poesia e pelo próprio Adriano. A importância da memória. Vitorino, Janita Salomé, Luís Portugal, Carlos Salomé, Sérgio Mestre, o grupo de guitarras de António Portugal, Paulo Vaz de Carvalho e Manuel Alegre fizeram o espectáculo. A homenagem continuaria no Café-Concerto da DORL com uma conversa orientada por Paulo Sucena e onde estariam Manuel da Fonseca, Lousã Henriques, Manuel Alegre, José Lopes de Almeida, Luís Pignatelli, José Niza, António Portugal e Armando Caldas. José Manuel Mendes enviou um texto para esta ocasião.

Tubarões

Cabo Verde é terra de música. Tubarões são embaixadores dessa terra. África de novo na Festa a abrir o programa de domingo. Mornas e

acordeão a cem à hora, o palco parecia encolhido e curto para os *sprints* dos músicos. Quando os primeiros acordes de «Esta vida de marinheiro» ecoaram pela Festa, de todos os cantos surgiram a correr centenas jovens em direcção ao Palco 25 de Abril. O espaço para o público parecia pequeno e a agitação foi tremenda, a modos que um maremoto de gente. O segredo parece estar numa música de raiz popular, portuguesa claro, com uma *ilustração* rock que acaba por ser património de todos. Talvez esteja aqui o embrião de algo novo, importante e, insista-se, português com certeza. Se não se concordar em classificar este como «o espectáculo da Festa» deste ano, há pelo menos que aceitar que foi a grande surpresa: generosidade e entrega em palco, ausência de tempos mortos, velocidade como receita, evidente proveito retirado da rodagem de estrada feita após o lançamento do primeiro disco do grupo. É



Rádlo Macau



Joaquim d'Azurém

para levar a sério. Que começo de fim de Festa!

Resistência

É o sucesso editorial do ano. Resistência. Não tem canções, tem hinos, talvez intencionalmente sublinhados pelo unísono das vozes masculinas. Todos os temas foram cantados pelo jovem



Grupo de Guitarras de António Portugal com Paulo Saralva



Os Irmãos Salomé



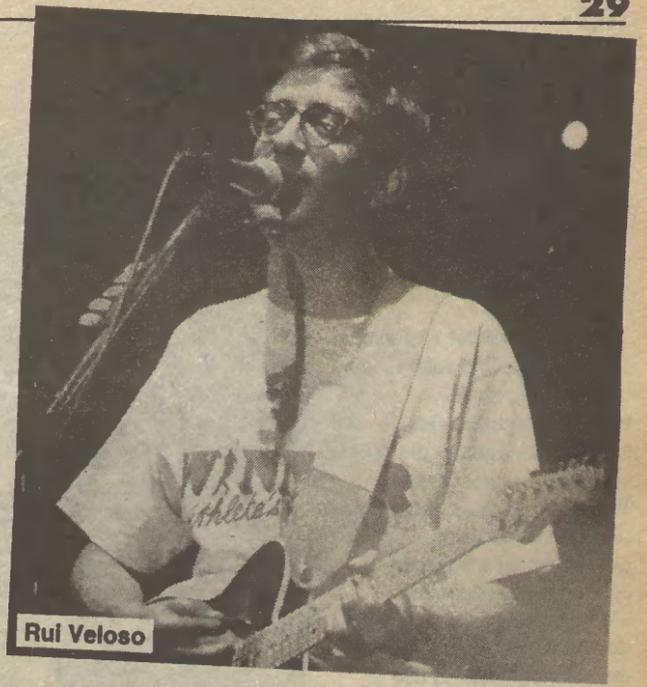
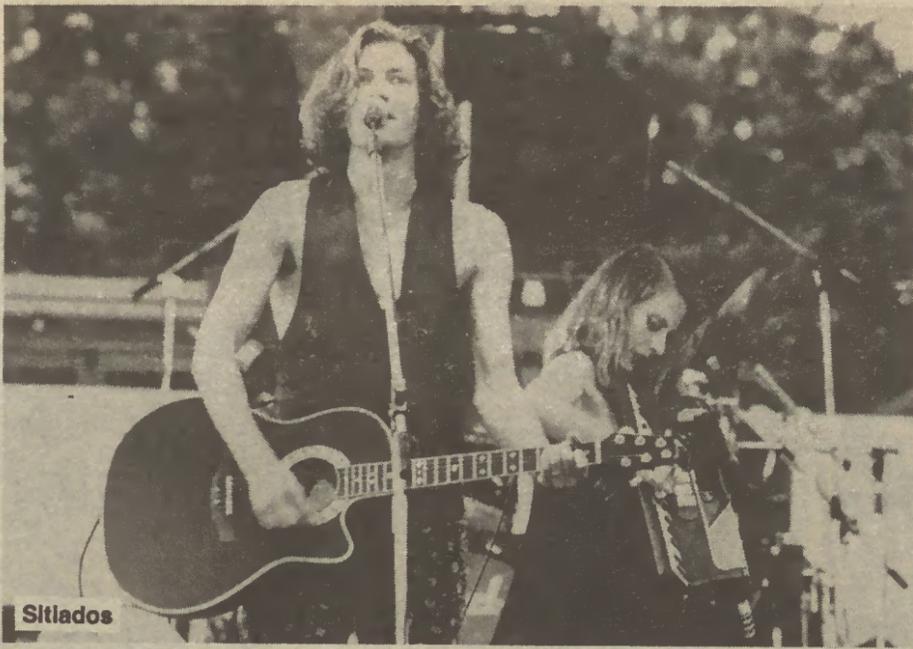
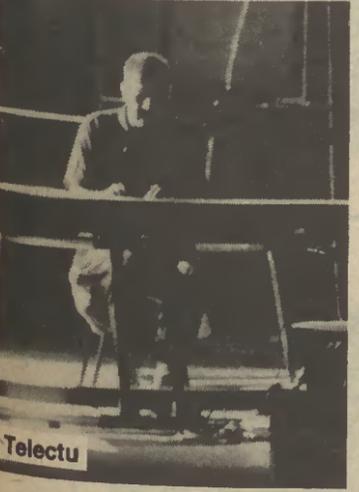
Pedro D'Orey e Filomena Pereira

culaderas vibraram os corpos, a voz de Ildo Lobo a provar-se impressionante. Um bom regresso à Festa.

Sitiados

Caramba! Os meninos chegaram, viram e venceram. O João Aguardela fez do público o que quis e a Sandra tocou





Sitlados

Rui Veloso

Telectu

público, de uma ponta a outra. Estes *rocks* dos anos 80, de uma geração de músicos de que a Resistência é uma súplica, serão um dia canções-referência que daqui a uns anos grupos de amigos cantarão em festas ou em reuniões fortuitas sob o mote «lembram-se?», a esconder o soar em fundo de uma modesta viola. Como ainda há hoje quem o



Benny Golson, Curtis Fuller, Eddie Henderson, Greg Bandy, Bernardo Sasseti, Pedro Moreira e Bernardo Moreira

liberdade, do amor, do sonho, da solidariedade, da opção pela felicidade a que cada um tem direito. Pensam outras coisas sobre as mesmas coisas, porque as coisas estão diferentes. Querem as mesmas coisas. São outras canções, são as mesmas canções. Se as referências têm de mudar, porque não por estas?

Rui Veloso

A viagem começou no duplo Auto da Pimenta e terminou com o tema dedicado a Timor: «Maubere». O círculo fechado. Foram mais de duas horas de música com a passagem obrigatória por «Chico Fininho», «Porto Sentido» ou «Não há estrelas no céu». Músicos de eleição para um espectáculo que atrevernós-famos a qualificar de «superprodução». A introdução de uma

variedade de texturas musicais que ultrapassa a dos discos de Rui Veloso, com este a demonstrar o seu virtuosismo e sensibilidade como guitarrista, que tantas vezes sacrifica nos discos. Dezenas de canções

exemplares. Que melhor fecho para uma festa?

Maria Guinot

A cantora portuguesa esteve ao princípio da noite no auditório 1.º de Maio.

Directa, sabendo conversar com um público que se lhe mantém fiel, Guinot cantou as suas canções, tocou o seu piano, falou sobre a vida, contou o que a preocupa. Foi acarinhada e até teve tempo para brincar consigo

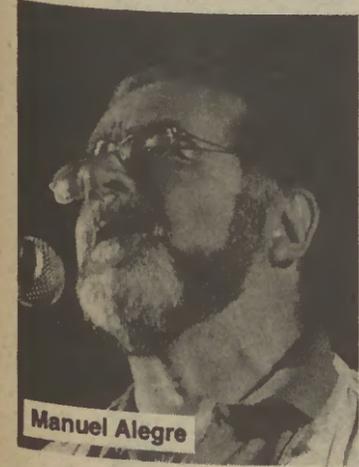
própria, cantando o seu «Silêncio e tanta gente» em português, francês, alemão e inglês. *Comme il faut* e como se deveria fazer com uma canção pretendente à vitória no Eurofestival. No fim, claro, ficou o prazer de cantar em português.

Joaquim d'Azurém

A guitarra portuguesa a iniciar o programa do auditório 1.º de Maio na tarde de domingo.

Benny Golson, Curtis Fuller, Eddie Henderson, Greg Bandy, Bernardo Sasseti, Pedro Moreira e Bernardo Moreira.

Uma noite gloriosa. À volta das composições mais importantes do Jazz *Messengers* de Art Blakey,



Manuel Alegre

faça com canções do Zeca ou do Adriano, por exemplo, ou, até, com as primeiras canções de Rui Veloso, para falar de uma outra geração. E porque as canções e as referências mudam, há que olhar estas e ver que afinal falam da



Luís Portugal e Paulo Vaz de Carvalho



Grupo JIG



Café-Concerto

músicos norte-americanos e portugueses, que na véspera haviam actuado no Palco 25 de Abril, tiveram agora tempo para explicar a dimensão dos *Messengers* e a sua própria dimensão enquanto músicos de Jazz de primeira linha. O entendimento entre músicos portugueses e norte-americanos foi excelente e para a exaltação em palco contribuiu um público que enchia o auditório 1.º de Maio em última noite, com aplausos impressionantes a sublinhar solos e finais de temas. Foi uma presença muito importante do Jazz na Festa, e como sempre sucede com esta música, quem a perdeu não terá

nova oportunidade, porque o que ali se passou não se repetirá.

Palco Arraial

«Quero apresentar o rancho folclórico de São João Casal Comba, Mealhada. Podemos orgulhar-nos de ter a melhor água, o melhor vinho e o melhor leitão». Frases como estas poderiam ser ouvidas na Festa. O país que esteve ali a mostrar-se com os seus grupos de dança e cantares, os seus ranchos folclóricos. Foi mais de uma dezena que passou pelo Palco Arraial que ainda teve tempo para apresentar circo com os palhaços Pantufa e Pantufinha, nas manhãs de sábado e domingo e preencher as noites com um participado baile pelo conjunto Niger. Festa é festa, pois claro!

Palco Lisboa

O Palco Lisboa, incluído no espaço ocupado pela Direcção da Organização Regional de Lisboa, apresentou uma programação diversificada nos três dias da Festa. Fado, música de Timor e música popular portuguesa fizeram a primeira noite. A tarde de sábado foi preenchida com a actuação de onze jovens grupos de rock português e a noite começaria com um novo espectáculo que ali se estreou com Luísa Basto, João Fernando, Nuno Gomes dos Santos e Mané. Apesar da séria concorrência dos Chieftains no Palco 25 de Abril e da homenagem a Adriano Correia de Oliveira no auditório 1.º de Maio, a verdade é que os quatro artistas, acompanhados por uma banda de suporte, viram o recinto destinado ao público encher-se para assistir à sua actuação, muito aplaudida. A noite acabaria com música africana com o Funaná Santa Filomena, Julinho da Concertina, Né do Ferrinho, Ramonda e Som África, num contagiado apelo à dança que quem por ali passou não resistiu aceder. No domingo a tarde começaria com os ranchos folclóricos da Carvoeira e



Palco Arraial



Palco Lisboa

da Azambuja, a que se seguiram os grupos corais alentejanos de Tires e Amadora. Depois o Palco de Lisboa voltaria a dar lugar ao rock que com mais quatro bandas, a última das quais, que fecharia a noite, seria o grupo Mea Culpa.

Café-Concerto

Conversas informais e muita música fizeram a programação do Café-Concerto da DORL. O complemento à homenagem a Adriano Correia de Oliveira (ver legenda sobre a foto referente a esta homenagem no auditório 1.º de Maio), a solidariedade com Cuba, o convívio de jovens intelectuais, a música portuguesa, o piano de Fernando Potier e José Faria, danças e cantares de Timor com o grupo Linfau, folclore e um debate sobre Cultura de Migrações foram alguns momentos desta programação.

Pátio dos Petiscos

O Pátio dos Petiscos de Setúbal preencheu a sua programação com baile, folclore, música de intervenção e fado. Um espaço que muito público elegeu para permanecer, já que se estava enquadrado por sombras e um conjunto de stands onde se poderia petiscar qualquer coisa ou simplesmente descansar um pouco antes de continuar a visitar a Festa.

■ PT

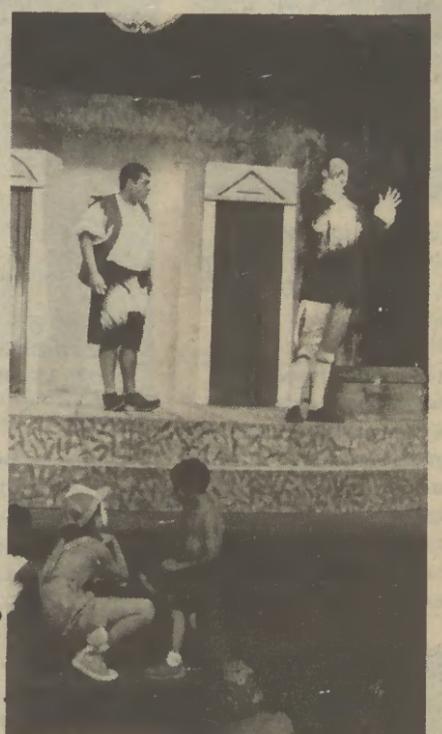


Luísa Basto

Avanteatro 92



TIL - Teatro Infantil de Lisboa trouxe à Festa «O Piquenique na Floresta», de Fernando Gomes



«Esganarelo ou o Cornudo Imaginário», de Molière, apresentado pelo Centro Dramático de Évora

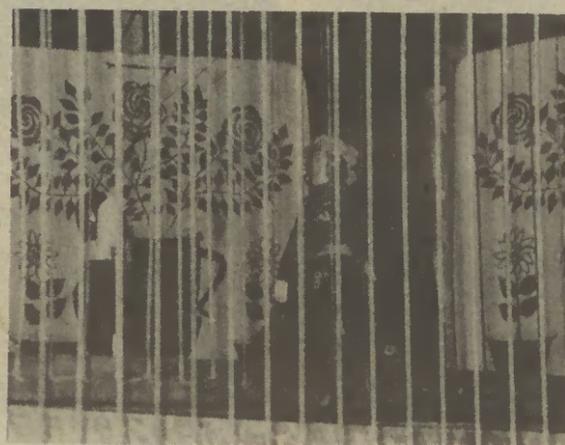


Teatro d'O Semeador de Portalegre encerrou no domingo à noite o Avanteatro com o «Auto da Índia e das Fadas», de Gil Vicente



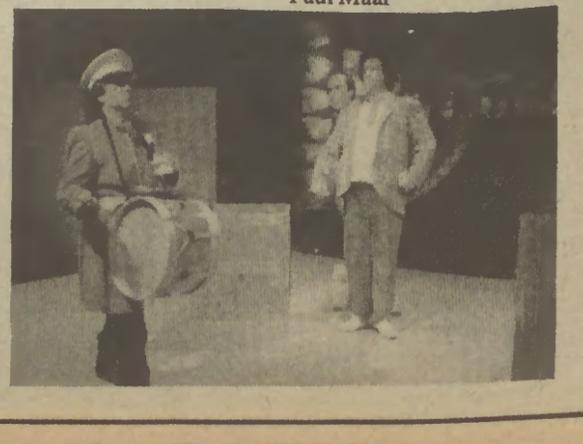
«Cabaret do Prazer», de Armando Caldas e Fernando Tavares Marques, levado a cena pelo Grupo de Teatro Intervalo

O pequeno teatro dos Bonecos de Santo Aleixo, do Centro Dramático de Évora



Grupo de Teatro da Meia Preta, com a peça «A História do Tigre», de Dario Fo

O Centro Dramático Intermunicipal Almeida Garrett (CDIAG) levou ao palco do Avanteatro a peça «Kikerkiste», uma criação colectiva sobre um texto de Paul Maar





...e agora,
avante para o XIV Congresso!

TRABALHADORES

Lei da greve O processo não está encerrado

A decisão do Tribunal (TC) não evitará que os trabalhadores continuem a «utilizar o exercício pleno da greve» — afirma a CGTP

Como os sete conselheiros do Tribunal Constitucional (TC) decidiram em 31 de Agosto por unanimidade, as irregularidades detectadas pelo Presidente da República na nova lei da greve, ou seja no respectivo decreto parlamentar, não foram suficientes para que o diploma fosse considerado inconstitucional por aquela instituição. O presidente do TC, Cardoso da Costa, disse aos jornalistas que Mário Soares deverá agora promulgar o decreto, a menos que decida fazer uso do veto político. A decisão do TC, cuja leitura formal pela conselheira Conceição Esteves durou apenas dois minutos, não atendeu ao facto de não ter sido votada na especialidade pela Assembleia da República (em plenário) uma das disposições do diploma, nem tão-pouco ao aumento dos prazos de pré-aviso de greve e à possibilidade de, havendo desacordo, os serviços mínimos serem decididos por dois membros do Governo. A CGTP-IN e a UGT não consideram o processo encerrado com a decisão do Tribunal.

As alterações à lei da greve, que foram aprovadas no Parlamento pelo PSD e o CDS, têm suscitado a rejeição generalizada dos sindicatos. Desde que os projectos foram conhecidos, surgiram imediatamente os protestos públicos do movimento sindical, incluindo formas de luta logo a partir de Junho.

Em 1 de Setembro, um dia depois do anúncio do TC, a CGTP reafirmava a decisão de continuar a mover luta aberta contra as alterações, pois «até ao lavar dos cestos é vindima», como disse, à Lusa, Manuel Lopes, da Comissão Executiva da Central. O dirigente referia-se — diz a agência — possibilidade de o a Presidente da República vetar politicamente o diploma.

A CGTP-IN considera esta lei PSD-CDS «uma afronta aos direitos dos trabalhadores». Hoje, 10, a cumprir-se o anunciado em 1 de Setembro, a Central efectua uma reunião da sua Comissão Executiva. Amanhã reúne-se o Conselho Nacional e a 16 o Plenário Nacional de Sindicatos. A discussão do assunto é o ponto central dos trabalhos dessas reuniões.

A posição do Tribunal é má para os trabalhadores

Segundo acrescentava a Lusa em 1 do corrente, Manuel Lopes afirmou que não estava marcada nenhuma reunião com os dirigentes da UGT. Mas ambas as centrais já manifestaram disponibilidade para a realização de uma greve geral conjunta, se

for posto em prática o diploma agora «constitucional» para o TC.

Em 2 do corrente, a Comissão Executiva do Conselho Nacional da CGTP emitia uma nota muito esclarecedora da sua posição perante as alterações à lei da greve. Pela sua importância, transcrevemos na íntegra o texto distribuído nessa ocasião:

«Apesar da decisão do Tribunal Constitucional, a CGTP-IN continuará a opor-se às alterações que o Governo pretende introduzir na lei da greve, e considera que o processo não está encerrado.

«Embora o Tribunal Constitucional se tenha pronunciado pela constitucionalidade orgânica das alterações propostas, mantém-se em aberto a questão da regularidade do processo de votação na Assembleia da República, ou seja, se foram ou não aprovadas algumas dessas alterações.

«A posição do Tribunal Constitucional é má para os trabalhadores e para a sociedade portuguesa e não prestigia uma instituição que habituou os portugueses ao rigor e à isenção do seu procedimento.

«As alterações agora introduzidas na lei da greve só têm uma explicação: o Governo tem consciência das consequências negativas da sua política económica e social, dos erros cometidos e dos atrasos que se verificam na reestruturação e modernização dos sectores produtivos, e pretende agora compensar essa situação à custa dos direitos dos trabalhadores e da diminuição do nível de vida destes e das suas famílias.

«As alterações à lei da greve não se fundamentam



em qualquer constatação da sua utilização abusiva por parte dos trabalhadores, nem se adequam tão-pouco à realidade económica e social do País.

«Pelo contrário, o direito à greve em Portugal tem sido um factor de progresso e justiça social, da consolidação da vida democrática, e um estímulo para a modernização da economia do País.

«As alterações da lei da greve, a concretizarem-se, serviriam, no imediato, para dar força ao patronato e ao Governo no seu objectivo de levar por diante uma política de contenção salarial, de aumentar os despedimentos e a destruição dos postos de trabalho.

«A CGTP-IN reafirma que os trabalhadores e os seus sindicatos continuarão a utilizar o exercício pleno da greve, nomeadamente para lutar por melhores salários, combater os despedimentos, reduzir os horários de trabalho, melhorar a segurança social.

«O movimento sindical não ficará de braços cruzados. Os trabalhadores e os seus sindicatos utilizarão as formas de luta mais adequadas, e tendo em vista a defesa efectiva e a promoção dos seus direitos e interesses.»

«Pobreza 3»

Para Jales nada

Ao contrário da propaganda, o Governo não se candidatou a qualquer programa de luta contra a pobreza nas minas de Jales, que produzem ouro. Os financiamentos, segundo a Organização Regional do PCP (Vila Real) seriam, mas não foram, concedidos ao abrigo do Programa Pobreza 3, da Comunidade Europeia.

A DORVIR revelou em 1 do corrente que o eurodeputado Sérgio Ribeiro confirmou esse facto de Vasso

Papandreou. Este, em nome da Comissão, esclareceu que «quer o projecto, quer o financiamento» não foram apresentados aos «serviços da Comissão responsável» e por isso não fazem parte do Programa Pobreza 3.

Os camaradas transmontanos destacam que «o Governo PSD/Cavaco Silva fica com a careca a descoberto, ao demonstrar-se que o programa de luta contra a pobreza em Jales não tem pés nem financiamento para andar, e resume-se a dois ou três

tachos e uma panela de grosseira e descarada propaganda».

O comunicado sobre o assunto emitido pelo Secretariado da DORVIR em 1 de corrente concluiu afirmando que «o assunto não fica arrumado. O PCP, através do seu grupo parlamentar na Assembleia da República, voltará a levantar esta questão, para que os mineiros de Jales, as suas famílias e a região não sejam esquecidos e consigam de facto alcançar uma vida melhor».

CGTP não embarca em cenários de crise

A CGTP-IN recusa terminantemente a contenção salarial desejada pelo Governo. A Central, que agendou para amanhã a reunião do seu Conselho Nacional e para 16 o Plenário, no qual será apresentada «uma dinâmica reivindicativa forte», afirmou publicamente, através do seu coordenador, Manuel Carvalho da Silva, que «não embarcará em cenários de crise». Aludindo à política de contenção salarial recentemente anunciada pelo ministro das Finanças, o dirigente sindical acrescentou, segundo a Lusa, que os meios financeiros disponíveis permitem um maior desenvolvimento do aparelho produtivo e dispensam a contenção. Ao frisar que o crescimento dos salários dos trabalhadores fun-

cionou sempre como factor de desenvolvimento e progresso em vários países europeus, Carvalho da Silva citou o IVA e os dinheiros comunitários, como devendo contribuir para esse desenvolvimento, e exigiu que os salários cresçam relativamente aos impostos e à inflação. Para o coordenador da Central, os salários portugueses devem aproximar-se dos níveis praticados nos restantes países da Comunidade Europeia. Por outro lado, e referindo-se ainda às declarações de Braga de Macedo na televisão, o coordenador da CGTP-IN afirmou que «o Estado terá que fazer as despesas necessárias, nomeadamente na Saúde, no Ensino e na Segurança Social».

Salários

Nada de contenção

Ao exigir aumentos salariais de 15 por cento, o Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas e Metalomecânicas do Distrito de Leiria adiantou, segundo

a Lusa, que seria necessária uma actualização de 316 por cento para que o salário médio português atingisse «os valores médios da Comunidade» europeia.

Num telex de sexta-feira, 4, a agência acrescenta que os 15 por cento são indicados pelo Sindicato como referencial de base para as negociações salariais. A

Lusa, que cita um comunicado dos Metalúrgicos de Leiria, destaca que o respectivo Sindicato acusa o Governo de procurar incutir na opinião pública «a ideia de que o combate à inflação tem de ser feito exclusivamente à custa da contenção salarial».

Mas, ao mesmo tempo, «apregoa-se o completo sucesso da nossa política económica — refere ainda o comunicado do Sindicato — falando-se em que nos estaremos a aproximar dos níveis europeus».

Para o Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas e Metalomecânicas do Distrito de Leiria, a «hipocrisia» do Governo deve ser desmascarada.

INTERNACIONAL

GUATEMALA

Dez representantes dos refugiados guatemaltecos no México viajaram para a Guatemala com o objectivo de negociar com o governo do seu país a repatriação de pelo menos 40 mil pessoas.

«Os representantes dos refugiados analisarão com o governo da Guatemala os seis pontos acordados em 4 de Agosto sobre a segurança e garantias da repatriação», disse uma fonte próxima dos negociadores.

A mesma fonte acrescentou que os pontos incluem a livre mobilização, organização, regresso digno, o acompanhamento de organismos internacionais durante o regresso, a concessão de terras e o respeito pela vida e integridade comunitária.

CHADE

Os trabalhadores chadianos, tanto do sector público como do privado, estão a responder positivamente ao apelo de greve geral nacional de cinco dias feito pela União dos Sindicatos do Chade (USC).

A USC exige o fim das medidas de austeridade aprovadas recentemente pelo governo de Djamena, que se traduz pela diminuição dos salários e aumento dos impostos, e reclama o pagamento de ordenados em atraso há vários meses dos trabalhadores do sector público.

MÍSSEIS

O Departamento de Defesa norte-americano vai substituir por outro, mais moderno, o sistema de mísseis «Patriot», utilizado na guerra do Golfo em 1991.

O novo míssil deverá ser menor e mais rápido do que o «Patriot» e terá capacidade para destruir mísseis balísticos lançados a partir de distâncias de entre 80 a 3000 quilómetros.

O projecto será desenvolvido por um grupo de empresas aeroespaciais liderado pela «Lockeed» e «United Technologies». O Departamento de Defesa outorgou a este grupo um contrato de 689 milhões de dólares.

RESÍDUOS

A ministra francesa do Ambiente, Segolene Royal, informou que o seu governo não aceitará mais importações de resíduos tóxicos provenientes da Austrália.

A ministra fez o anúncio após a polémica entrada no país de 18 toneladas de resíduos (policlorobifenilos) pelo porto de Havre (noroeste de França) para serem incinerados numa unidade de tratamento especializada.

O governo francês já comunicou a sua decisão à Austrália, segundo um comunicado do Ministério do Ambiente.

Vários activistas do movimento ecologista «Greenpeace» foram detidos depois de tentarem impedir o desembarque dos contentores com os resíduos, transportados para França e bordo do cargueiro «Maria Luísa», de pavilhão panamiano.

A decomposição daqueles resíduos causa a libertação de dioxinas muito perigosas.

POLÓNIA

O antigo primeiro-ministro polaco Piotr Jaroszewicz foi encontrado enforcado, com o corpo com sinais visíveis de tortura, enquanto a mulher foi morta a tiro, na sua casa de Varsóvia, disse a polícia.

Segundo um porta-voz do Ministério do Interior, a mulher do antigo dirigente comunista, a jornalista Alicja Solska, tinha provavelmente sido morta com uma espingarda que se encontrava na sua casa, um grande apartamento em Anin, o bairro mais restrito da capital polaca.

Foi nomeada uma comissão especial de inquérito para resolver o mistério deste duplo assassinio.

GRÉCIA

Milhares de trabalhadores manifestaram-se em Atenas durante uma greve geral, no âmbito de um calendário de luta de oito dias que poderá levar ao corte geral da energia no país.

A greve geral de um dia, em protesto contra a política económica do governo conservador e a revisão de legislação laboral e social, afectou os serviços públicos, os hospitais e a televisão estatal.

O caminho-de-ferro e a companhia nacional de aviação foram igualmente afectados, mas em menor âmbito.

As greves são organizadas pela central sindical socialista, representando mais de um milhão de trabalhadores.

A onda de greves é o maior desafio ao governo desde que foi eleito em Abril de 1989.

África do Sul

Massacre no Ciskei

Cerca de três dezenas de mortos e uma centena e meia de feridos é o trágico balanço de mais um massacre de uma manifestação na África do Sul. Massacre que, além do mais, põe em causa o direito de manifestação, um direito elementar em qualquer democracia.

Como já foi amplamente noticiado, no passado dia 7, elementos das forças armadas de bantustão do Ciskei (entidade artificialmente criada pelo regime de apartheid, como todos os outros bantustões, e só reconhecida por Pretória) abriram fogo sobre dezenas de milhar de manifestantes. A segunda salva de tiros atingiu pessoas que procuravam ajudar vítimas da primeira. Seguidamente foram lançados gases lacrimogéneos sobre os manifestantes que procuravam refúgio num vale próximo.

As forças armadas forçaram então os jornalistas a abandonar a área do massacre, entretanto envolvida por espesso fumo provocado por fogo no mato adjacente à estrada.

Os presidentes do Acordo Nacional de Paz, John Hall, e do Secretariado Nacional de Paz, Antonie Gildenhuys, e deputados que aguardavam os líderes da manifestação junto à fronteira do bantustão, tiveram que se atirar para o chão para se protegerem das balas perdidas.

A manifestação, organizada pelo ANC e encabeçada pelo secretário-geral do movimento, Cyril Ramaphosa, o dirigente sindical John Gomono e o secretário-geral do Partido Comunista, Chris Hani, tinha como objectivo afastar o brigadeiro Oupa Gqozo da administração deste território pseudo-independente e reintegrar o Ciskei na África do Sul.

Tudo foi feito para tentar impedir a realização desta manifestação. E mesmo quando autorizada, pretendeu-se proibir a entrada dos manifestantes na capital, exigência recusada pelo ANC.

Nem tanto foi necessário para dar lugar ao massacre. As rajadas de metralhadora foram disparadas na fronteira.

Ainda antes da manifestação, declarações oficiais e notícias na imprensa inseriram-se numa linha de tensão crescente, pretendendo, antecipadamente, responsabilizar os manifestantes e os promotores da acção de massas, da agudização da situação na África do Sul.

Medidas especiais de segurança e intervenção foram tomadas por Pretória, apesar da pretensa independência do Ciskei. O próprio ministro sul-africano da Lei e da Ordem deslocou-se de véspera para a cidade fronteiriça do bantustão, King Williams, afirmando que a sua presença visava assegurar o carácter pacífico da acção de massas promovida pelo ANC, e sublinhando até: «Declaro mais uma vez que a política do governo sul-africano é guiada pelo

reconhecimento do direito à liberdade de manifestação» (...)

Já depois do massacre, o governo sul-africano decide enviar tropas para o Ciskei. E o ministro dos Negócios Estrangeiros, «Pik» Botha, faz graves afirmações, que nomeadamente representam uma negação, na prática, do direito de manifestação.

«Pik» Botha diz que a manifestação organizada pelo ANC poderá significar o fim da vontade governa-

mental de conferenciar com o grande movimento anti-apartheid, universalmente reconhecido enquanto tal. E vai ao extremo de cinismo de dizer ainda: «Sabiam que haveria mortos e quiseram que os houvesse». Ao que parece, as rajadas de metralhadora das forças repressivas são um dado natural.



Violência quotidiana nos ghettos da África do Sul. A participação — directa ou indirecta — da polícia sul-africana nas acções de violência tem vindo a ser insistentemente denunciada

Assim se «justifica» e estimou o clima de violência que grassa no país. Com expressão em massacres como o desta semana e o de Boipatong, que levou à suspensão das negociações por parte do ANC. Ou nos assassinatos quotidianos. Segundo um comunicado, dos primeiros dias de Setembro, da Comissão dos Direitos Humanos sul-africana, um total de 58 pessoas morreram na última semana de Agosto na sequência de actos de violência, em particular assassinatos ou vítimas de ataques a comboios nos arredores de Joanesburgo.

Poucos dias antes dos acontecimentos do Ciskei, o Congresso Nacional Africano

postas dadas por Pretória às exigências sobre as questões da violência e da libertação dos presos políticos «ainda não são satisfatórias».

«Nós não podemos simplesmente aceitar garantias ténues de que irão ser tomadas medidas para pôr termo à violência», acrescenta o comunicado do ANC, sublinhando: «Já aprendemos que tais garantias do regime de De Klerk significam muito pouco».

O ANC acusa do governo de De Klerk de «duplicidade e de atrasar» as suas respostas às exigências do movimento anti-apartheid apresentadas em Junho último, altura em que o ANC sus-

no decidira não participar nas negociações constitucionais com o governo de Frederik De Klerk, enquanto Pretória não tomar as medidas necessárias para pôr termo à violência na África do Sul.

Em comunicado divulgado, após reunião de três dias, o Comité Nacional Executivo do ANC refere que as res-

pondeu a sua participação nas conversações no seio da Convenção para uma África do Sul Democrática (Code-sa).

As exigências incluíam a imediata libertação dos presos políticos, a eleição de um governo de transição multi-racial e medidas drásticas para pôr termo à violência no país.

Pretória ajuda repressão no Malawi

A polícia da África do Sul ajudou o governo do Malawi na violenta repressão que exerceu sobre os movimentos pró-democracia, afirmou o semanário sul-africano «Weekly Mail».

O semanário, próximo dos movimentos anti-apartheid, adiantou que altos responsáveis da polícia sul-africana se deslocaram ao Malawi para instruir as forças de segurança locais sobre as formas de reprimir os movimentos de oposição.

O «Weekly Mail» refere que o oficial superior Basie Smith visitou o ano passado o Malawi e que diversos oficiais das forças de segurança deste país foram treinados nos centros de instrução sul-africanos.

Em Maio último, a polícia do Malawi reprimiu violentamente em Blantyre e

Limbe, duas das principais cidades do país, manifestações contra o regime do autoproclamado presidente vitalício Kamuzu Banda, que tem vindo a rejeitar sistematicamente as exigências de instauração da democracia no país.

Segundo o semanário, que já revelou várias operações secretas do governo sul-africano, Banda terá pedido ajuda às autoridades de Pretória por não confiar totalmente na capacidade do seu exército para pôr termo às manifestações antigovernamentais.

A polícia sul-africana confirmou a visita de Smith ao Malawi, ocorrida o ano passado, mas justificou tal deslocação com a necessidade de análise de «questões criminais» que dizem respeito aos dois países.

Inglaterra e Portugal

■ **Manoel de Lencastre**

Farnborough é uma pequena cidade inglesa situada no li-mite do condado de Hampshire, confrontando com o Surrey e o Berkshire. E estes três condados, ou províncias, com partes de Sussex e de Kent, formam o «stock-brokers bel», a cintura dos corretores de ações e dos «jobbers» (os que transaccionavam unicamente em grandes lotes de títulos das maiores firmas e até do próprio governo e não, simplesmente, em ações) agora praticamente desaparecidos ou integrados nos negócios dos Bancos que absorveram essa actividade.

Quem vive em Farnborough?

Estende-se a pequena cidade por uma área bastante extensa, possui imensos parques e muitas avenidas invariavelmente desertas. As belas casas onde vivem as pessoas locais escondem-se quase sempre atrás de vastos e bem tratados jardins e arvoredos. Há pouco trânsito, há tranquilidade, há civilização. E parece que existe ali uma pequena parcela do paraíso.

No processo de arrumação industrial a que a Inglaterra se viu forçada pelo seu próprio desenvolvimento, apenas algumas indústrias ligeiras lá se mantiveram, tal como em Guildford, e Farnborough tornou-se, essencialmente, numa zona residencial de primeira grandeza. Nas suas imediatas proximidades, temos Aldershot, uma das grandes áreas de concentração de quartelamentos do exército britânico, e Camberley, onde se acham as academias militares e a mais prestigiosa de todas elas, a de Sandhurst.

Quem vive em Farnborough? Os já mencionados «stock-brokers», os antigos «jobbers», famosos advogados (solicitors & barristers), juizes, oficiais superiores das forças armadas britânicas, homens de negócios, gente bem colocada nos seguros, nos bancos, na administração local. Mas, na periferia, em pequenas outras terras com nomes insignificantes, acantonam-se aqueles que asseguram o viver harmonioso da rica Farnborough — pessoal dos restaurantes, empregados de escritório, gente que faz reparações diversas, jardineiros, pequenos funcionários bancários, taxistas, funcionários dos Correios ou dos caminhos-de-ferro, pessoal especializado dos estabelecimentos fabris militares.

O que tornou Farnborough internacionalmente célebre, foi o seu famoso «Air Show», a grande exposição da indústria aeronáutica mundial que lá se realiza de dois em dois anos. Então, os grandes fabricantes de aviões de todos os tipos tal como os de motores, aparelhos e instrumentos, de tudo, enfim, o que serve a aviação, assentam arraiais na cidade, erguem impressionantes «stands» onde exibem os seus novos modelos, as últimas novidades da indústria. Nas pistas, expõem-se, majestosamente, os produtos finais dos mais prestigiosos construtores como, entre outros, a «Lockheed», a «Boeing», a «MacDonell-Douglas», a «Hughes Aircraft» (da General Motors), a «British Aerospace», a «Rolls-Royce» (motores), além de todo um largo número de outros construtores de diversos países incluindo os soviéticos, os franceses, os italianos e os suecos. E quem vem fazer negócios a Farnborough? As grandes companhias de aviação comercial e de carga, naturalmente, as empresas que adquirem aviões para os alugarem no sistema de «leasing», as transnacionais que possuem frotas próprias de helicópteros e aviões — depois, multidões de agentes comerciais, intermediários agindo por conta de clientes, funcionários de todos os escalões, vendedores, compradores, técnicos, engenheiros, pilotos, financeiros, etc. Os Bancos fazem convergir

para Farnborough muito pessoal superior exclusivamente especializado no sector da aviação, aproximam os vendedores dos possíveis clientes e tentam subscrever os respectivos financiamentos, volumosos, como se compreende.

O «Air Show» a três dias, também

O «Air Show», que costumava abrir a uma sexta-feira e se prolongava por toda a semana seguinte, fazia, portanto, da pequena e recatada cidade um verdadeiro centro cosmopolita. De todos os cantos do mundo chegavam grupos de dirigentes dos milhares de companhias interessadas no certame. Mas os mais importantes negócios eram os que tinham lugar no sector da aeronáutica de guerra. Grandes ministros, muitos pertencentes a países reconhecidamente pobres, surgiam em Farnborough para presenciarem as demonstrações dos aparelhos de combate e de transporte que se consideravam como a «última palavra» na aviação militar moderna. Legiões de generais, técnicos qualificados, pilotos experimentais e de combate, tudo vinha ver e dar a sua opinião sobre, por exemplo, os novos «Mirage» os mais recentes «Tornado», os bombardeiros

F15 e F16, os mais assassinos helicópteros de guerra, sofisticadíssimos aviões de espionagem, aparelhos de ataque, de defesa, para a marinha; e também, temos de reconhecê-lo, aviões para múltiplas actividades civis.

Com tanta gente estrangeira no seu seio, a cidade transformava-se e os taxistas da praça que se organiza à saída da estação dos comboios tinham sempre o cuidado de avisar os seus clientes diários de todo o ano: «Sorry "guy" (!) para a semana temos aí o "Air Show", não conte connosco». Era quando faziam



alguns milhares de libras numa só semana de trabalho. Era a sua grande oportunidade anual que, entretanto, nem todos os clientes habituais compreendiam. E esses acabavam por resolver o seu problema de transporte local telefonando às esposas que, prontamente, apareciam nos seus próprios carros a recolhê-los.

Não era bonito, então, viver-se numa pequena cidade como Farnborough? Os supermercados eram do mais alto nível em higiene e na qualidade dos produtos, as lojas também e as pessoas sentiam-se grandes e privilegiadas olhando com evidente desdém os desempregados que apareciam todos os dias de todas as áreas do norte de Inglaterra, das províncias do sudoeste agrícola, Avon, Somerset, Cornwall, onde não há trabalho, da Escócia, do País de Gales e da martirizada Irlanda. A mentalidade classista do «Southeast» (sudeste) rigorosamente respeitada pela burguesia e por toda a classe média inglesa, encontram-na bem enraizada em Farnborough, também — é uma consequência da riqueza de meios acumulada com o tempo conduzindo a certa maneira de encarar o resto do povo britânica com perfeita arrogância, numa posição de claro desprezo e de pretensa superioridade.

O princípio do fim

Tudo, entretanto, tem um fim, como os nossos leitores muito bem sabem. A crise social e económico-financeira dos últimos anos, que se vai prolongando e agravando cada vez mais, transformou a conjuntura em que se exerciam as relações em todo o sul de Inglaterra e Farnborough, claro, tinha de sofrer também. Agora, bateu-lhe à porta, não o desemprego dos outros, mas o seu. Os proprietários de muitas belas residências, entre jardins, adquiridas por astronómicos preços, não podem pagá-las — metem as chaves num envelope dirigido ao Banco que lhes emprestara o dinheiro e desaparecem. Muitos dos grandes senhores juizes que lá viviam, deixaram de pertencer ao número dos vivos. O exército, todo ele profissional, tem reduzido drasticamente os seus efectivos e, consequentemente, inúmeros oficiais abandonaram a zona. Milhares de pessoas não pagam os impostos locais e o tribunal está atafalhado com os respectivos processos. Emergem bolsas de miséria. Milhares de casas estão à venda. Mas não aparecem compradores. O negócio de agência de compra e venda de propriedades (Estate Agency) ainda imensamente próspero há quatro ou cinco anos, acha-se paralisado. As dívidas da classe média ensombream o viver da cidade. Geme-se sob o peso das hipotecas. O que ontem valia 100, hoje nem por 50 se vende. O povo de Farnborough sente-se esmagado por uma nova situação da qual desde sempre se considerara isento.

Por fim, o «Air Show», que vai abrir uma vez mais dentro de dias e que existe, como vimos, para as companhias internacionais de aviação, agora quase todas falidas, e para a guerra aérea e espacial, em manifesto declínio de possibilidades, realizar-se-á apenas durante um fim-de-semana. Os gloriosos, frenéticos, milionários 10 dias do costume já não se justificam. Quem quer comprar aviões em tempos como estes? E, amigos motoristas da praça de táxis de Farnborough: quem vos dá trabalho nestes dias tão sem futuro e tão sombrios?

Farnborough! Bela e tranquila cidade! Em ti, o marchar dos novos tempos deixará marcas de destruição e de ruína. Mas o povo verdadeiro erguer-se-á para de novo edificar-te — não os velhos juizes cambaleantes, os caquéticos generais, os homens de negócios, fugitivos, os ilustres advogados assoberbados com milhares de processos insolúveis, por dívidas; não os negociantes de propriedades, esses poços de optimismo, outrora, agora falidos. Os teus operários das oficinas militares onde o trabalho já escasseia, o teu pessoal das reparações, os teus jardineiros, os teus desempregados, os que vieram do Norte com as mãos vazias, os teus soldados mandados despedir dos efectivos do exército — esses, farão de ti uma nova cidade!

Assim, os ingleses, condicionados a regime de trabalho de três dias semanais ou ao puro e simples desemprego, começam a preparar-se para travar conhecimento com a inevitável e completa estagnação que os espera. Compreenderão, por fim, que chegaram ao termo de todo um período da sua História.

Sines e o seu povo

Passemos agora os olhos por um Portugal que também marcou a nossa maneira de ver o mundo. A fábrica de conservas «Fialho», quando o soar estridente da poderosa sirene rompia os ares, trazia alegria ao povo. Havia trabalho. Só por um dia, ou dias, mas era trabalho e notava-se nas pessoas um certo renascer. Era na gloriosa e sofre-

dora vila de Sines, hoje bastante transformada, mas de onde não é possível apagar as ofensas sofridas pelo seu povo.

Assim, na fábrica «Fialho» lá se ia trabalhando (?) naquelas condições precárias, mas os fabricos de cortiça, perdida a euforia de outros tempos, tinham todos fechado e não havia naquela terra onde encontrar trabalho, principalmente para a juventude. Restava o mar – esse Amigo ao qual muitos fugiam mas a que se agarravam, lógica e persistentemente, aqueles que, conhecendo-o de há muito, não podiam entender a vida sem ele. Mas o mar, generoso no Verão, tornava-se intratável no Inverno. Era quando se estabelecia o império da fome, crescia na vila de Sines um terrível vazio e até o cinema encerrava, temporariamente, as suas portas.

O Dr. Soares

Terminada a Guerra Mundial de 1939-1945, atormentado por gritantes necessidades, o povo da histórica vila de Vasco da Gama decidiu dirigir-se ao então presidente da Câmara, Dr. Avelino Soares, proprietário indiferente e supersticioso, num movimento de protesto contra as difíceis circunstâncias em que vivia. E exigiu-lhe que agisse de imediato e fizesse alguma coisa pelas dúzias de famílias que no já desaparecido «Bairro das Índias» viviam em cabanas erguidas nos areais. Aí, grassava a fome e a vida ganhava contornos quase irreais. Nascia-se e morria-se em condições de revoltante miséria. Mas resistia-se. Por isso, o povo marchou em direcção ao edifício da Câmara.

O atemorizado Dr. Soares, vendo que naquela hora difícil lhe convinha pretender que estava ao lado dos humildes, prometeu logo que telefonaria prontamente para Setúbal (a capital do distrito) onde o Governo Civil, certamente, tomara as medidas adequadas. O povo, que não desejava desordens e que só pretendia pão deixando para mais tarde a questão aviltante de que vivia em cabanas na areia, afastou-se e recolheu ao seu pequeno grande mundo que era feito de fome, de lágrimas e de desespero. Ficou à espera que o Dr. Soares provasse, finalmente, de que lado se encontrava – se do lado do povo, se do lado do poder. Ele fizera uma promessa que se esperava conseguisse cumprir.

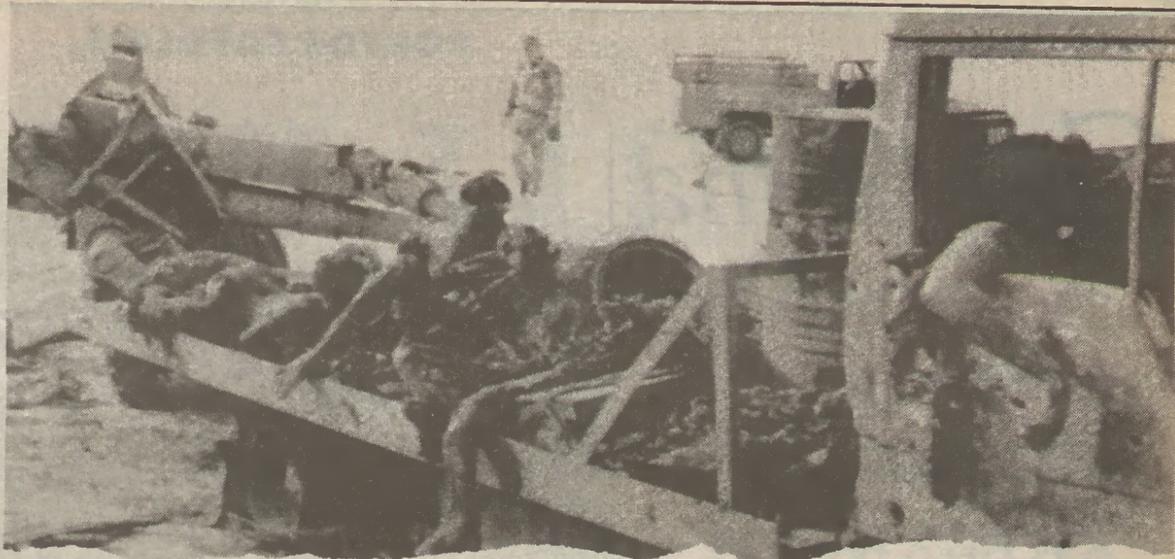
E a verdade é que cumpriu. O Dr. Soares, pelo menos uma vez na sua vida, falara verdade. Prometera telefonar ao Governador Civil, solicitar medidas adequadas. Repetimos que cumpriu, pois as medidas «adequadas» não se fizeram tardar. O Dr. Soares «era» um verdadeiro amigo dos pequenos. No dia seguinte, a vila de Sines achava-se ocupada por forças da Guarda Nacional Republicana, cujos componentes, homens sem coração, caras de ferro, olhos chispando fogo, pareciam convidar a patriótica mas oprimida população a que os provocasse – a resposta seria bárbara e sanguinária, como era costume, à coronhada, a pontapé e a tiro.

Já durante a noite haviam sido feitas prisões. A polícia levava para Setúbal e para Lisboa alguns dos que haviam dado forma à manifestação junto à Câmara. No castelo da vila, a Guarda tinha instalado uma peça de artilharia. Sines fora subjugada. Mas não, evidentemente, os sentimentos do seu povo que ficou a conhecer, finalmente, quais eram os verdadeiros sentimentos do Dr. Soares. Provisoriamente, concluiu que teria de continuar abraçado à sua fome e à sua miséria, mas reforçou a sua consciência das coisas.

O tempo passou. Chegaram novas indústrias, novos progressos. Hoje, dificilmente alguém sente fome na vila de Sines. O 25 de Abril glorioso, transformou tudo. Mas não alterou, infelizmente, porque os Drs. Soares dos nossos dias o não permitiram, a natureza das relações de produção que, se estabelecidas a favor dos trabalhadores, lhes dariam as garantias de trabalho, de prosperidade e de segurança futura que não possuem. Como sabemos, a cortiça morreu. A fábrica de conservas, hoje, não passa de uma ruína, é um fantasma do passado. E as indústrias modernas, sujeitas às crises conhecidas, dominadas por interesses estranhos aos do povo de Sines e, às vezes, aos de Portugal, que confiança podem assegurar?

Resta o mar. É daí que continua a sair alguma riqueza. Ele representa como que uma protecção, uma defesa, um seguro, contra os cataclismos económico-financeiros e industriais que os homens do capital provocam na sua luta insalubre dirigida contra os interesses dos povos. E o povo de Sines, que conheceu a fome mas, hoje, aprendeu a viver em liberdade, não voltará aos dias negros do passado. Construirá também uma Sines nova num Portugal diferente.

(1) Diminutivo de «governor», governador, que se usa frequentemente para designar um patrão, uma pessoa a quem se serve.



E os curdos? Fechar o espaço aéreo no curdistão turco?

■ Domingos Lopes

Este fim de século está a ser marcado a letras gordas de hipocrisia no que toca ao modo de encarar os diferentes conflitos que varrem o mundo.

E ao modo como os *mass media* puxam ou não puxam pelas grandes notícias que fazem os grandes títulos arrebatadores da generosidade e da solidariedade das cidadãs e dos cidadãos.

Lembramo-nos das campanhas em torno da repressão curda pelo Iraque, no «fim» da guerra do Golfo e do espectáculo mediático que foi a intervenção ocidental alegadamente a favor dos curdos.

No fundo tratava-se de explorar bem a fundo uma das bases repressivas em que se funda o regime de Saddam Hussein e fazer criar na opinião pública um estado emocional que absolvesse a coligação fizesse o que fizesse.

Reza, entretanto, a História, que no final da Primeira Guerra Mundial foi assinado o Tratado de Séves, no qual ficou inscrito o direito do povo e da nação curda à autodeterminação; o que se pode verificar ninguém respeitou, por maiores que tivessem sido os sacrifícios.

Os curdos, repartidos pela Síria, Iraque, Turquia, Irão e ex-URSS têm sido vítimas das mais cruéis perseguições por parte dos dirigentes daqueles países, sobretudo da Turquia, Irão e mais recentemente do Iraque.

Para além da importância geográfica da região, existe petróleo no subsolo e daí ninguém quer dar aos curdos o território correspondente à nação e ao povo.

A perseguição aos curdos atingiu semelhante proporção na Turquia que ainda até aos nossos dias a língua curda era proibida e quem ousasse falar era condenado por prática de crime.

Os povos das montanhas, como são conhecidos os curdos, não têm deixado de lutar incansavelmente por ver reconhecidos os seus direitos nacionais e os direitos democráticos dos cidadãos curdos.

Quer na Turquia, quer no Irão, os curdos foram sempre inimigos. No Iraque após a revolução do Partido Baas houve um longo e demorado processo de negociações com os curdos, o qual concedeu importantes regalias aos curdos. Só a partir de 1977/78 é que numa acentuada viragem antidemocrática do regime de Saddam começa a perseguição cruel e violenta dos curdos.

Para além das organizações de esquerda e sindicais, quase mais ninguém no Ocidente ergueu a voz para manifestar a solidariedade com os curdos; antes nos corredores das chancelarias ocidentais, os homens de Bagdad iam fazendo os seus negócios e comprando armas e tecnologia que lhes permitisse continuar o ataque às populações curdas.

Dentro da chamada nova ordem mundial, pareceria e

pareceu à gente bem intencionada que as coisas iriam mudar.

A perestroika anunciava princípios altamente positivos e ganhava o coração das gentes e as forças belicistas eram obrigadas a tê-los em conta. Entretanto, tirando partido da derrota da perestroika, lançando confusões acerca dos reais objectivos da política dos EUA, foi avançando com conceitos que escondem os seus reais objectivos.

No caso concreto dos curdos veja-se o que se está a passar na Turquia.

O Público informa, no dia 29 de Agosto na página nove «Ancara prepara-se para esmagar rebelião curda». E fica-se a pensar o que é grave: se o acto de esmagar, ou o acto da rebelião. A notícia coloca exactamente no mesmo prato o direito à rebelião contra o opressor, como a tirania do pressor. Há largos meses a notícia encheria a

primeira página e colocaria os curdos como heróis.

Mas a notícia é clara: o governo ditatorial do Presidente Turgut Ozal declara que... «os curdos serão perseguidos nas montanhas, nas cidades, dentro e fora do país»...

Para bom entendedor meia palavra basta, quanto mais tantas palavras inteiras. Os curdos capturam armas ao exército iraquiano, têm bases no norte do Iraque, assim sendo o governo turco sente-se no direito de invadir o Iraque para esmagar a rebelião curda.

No Público do dia 31 de Agosto prosseguem do mesmo modo «imparcial» os relatos do esmagamento dos rebeldes curdos.

Lembram-se do elogio e a simpatia pelos rebeldes afegãos, dos que agora se matam, dos que agora chicoteiam as mulheres se andarem de cara destapada, lembram-se desse guerrilheiro mítico que o ocidente glorificava?

Agora os guerrilheiros curdos, os «persmar» que tão glorificados eram, quando o Ocidente se serviu deles para atacar Saddam e interditar os aviões iraquianos de voar no norte do Iraque, não passam de um assunto igual a tantos outros.

O que apetece perguntar é o seguinte: por que não decidem os EUA, a Grã-Bretanha, a França e a Rússia interditar os aviões turcos de sobrevoar o sudoeste da Turquia a fim de os turcos não poderem bombardear os curdos?

É evidente que é ao povo turco e ao povo curdo, contando com a solidariedade internacional, que cabe decidir o seu futuro. Mas cabe igualmente dizer que pode a memória dos homens ser curta, mas ela existe: pode a manipulação valer durante muito tempo, mas acabará por prevalecer a verdade sobre a manipulação.



PONTOS CARDEAIS

Gazetilha

A mentira

Governo pôs-se a cantar aos que casinha não têm! ia-os já subsidiar para o aluguer. Ora bem.

O governo apenas dá mentiras de governar. Ele sabe que não há as casas para alugar...

O defeito

As coisas não vão bem. Isso não não. Há quem exija remodelação

na ilusão que o mal sinistro, está neste ou naquele ministro.

Se em vez de A fosse B, se em vez de X fosse H, fosse J ou fosse Bis

talvez enfim, talvez ficasse mais limpinha esta face...

Acho que não. Acho que lá o melhorzinho que há entre eles está.

Cá p'ra mim, tem apenas um defeito: com o Dan Quayle aquilo era perfeito...

Bolsas

A Bolsa, dia a dia, diminui o serviço. Até o próprio dinheiro desconfia e tem razões para isso.

Baixa uma Bolsa, a tal, a Bolsa da incerteza. Se essa baixa, afinal eis que aumentam as bolsas de pobreza.

Cavaco espera-te à saída naífa de ponta e mola ou à ponta da pistola: — A bolsa ou a vida!

A aranha

Cresce a direita cresce lá onde não fica à espreita já nem se esconde.

Abre-se a cova negra centelha é gente nova com ajuda velha.

Punhais e facas à luz do dia. Rugem matracas com euforia.

Sobe nó escuro com que desvelo o alto muro do pesadelo.

Vem da Alemanha vai por aí sófrega aranha neonazi,

a abrir a cova negra centelha é gente nova com ajuda velha...



Fotos de Jorge Caria

frases da Semana

“D.N. — Apenas 5,6 por cento do total de programas de ficção (em 1991) era de produção nacional.

J.E.M. — Isso se calhar não era um problema da RTP, era um problema do País.”

☞ (Da entrevista com José Eduardo Moniz — «Diário de Notícias», 06.09.92)

“Não temos uma informação acorrentada.”

☞ (José Eduardo Moniz — idem)

“A lei do futebol escraviza o jogador, eu protejo-o.”

☞ (Manuel Barbosa, empresário de futebol — «O Diabo», 08.09.92)

“Mesmo que Maastrecht vá por diante, está desde já marcado com o selo de uma coisa coxa, tecnocrática e autocrática, que não tem qualquer hipótese de mobilizar os cidadãos europeus.”

☞ (Manuel Villaverde Cabral, — «Diário de Notícias», 07.09.92)

“Cunhal não enterra comunismo na festa das festas.”

☞ (Título — «Diário de Notícias», 07.09.92)

“De entre as trevas do obscurantismo marxista uma jóia resplandece. Coberta de poeira, sem dúvida. Maculada de ideologia, é verdade. Mas nem por isso menos brilhante. É a Festa do “Avante!” que o Partido Comunista Português organiza todos os anos nos arredores da capital. E, convenhamos, do capital.”

☞ (Fernando Magalhães, — «Público», 05.09.92)

“Voltar a Angola, só quando for feita justiça à Administração Portuguesa.”

☞ (Silvino Silvério Marques, — «O Diabo», 08.09.92)

“Acho que já não há esquerda nem direita.”

☞ (Vasco Pulido Valente — «O Diabo», 08.09.92)

“Acompanhem-me nesta loucura!”

☞ (Alberto João Jardim — «Público», 06.09.92)

CARVALHESA

Edição especial

de 150 exemplares em cofret numerado

À venda

A edição especial de 150 exemplares em cofret numerado está concluída. Os assinantes que fizeram a sua inscrição podem proceder ao levantamento dos respectivos exemplares junto da Redacção do «Avante!» (Rua Soeiro Pereira Gomes, 1 - Tels. 796 97 25 ou 796 97 22). Os exemplares ainda disponíveis estarão à venda na Festa do «Avante!» na Banca do Pavilhão Central.

- Pasta-coffret numerada de 1 a 150 manualmente por **Teresa Dias Coelho**

- CD incluindo as gravações integrais dos cinco arranjos da «Carvalhesa» (1985, António Vitorino de Almeida, José Eduardo Conceição Silva, Guilherme Scarpa Inez e José da Ponte), versão em piano da melodia original recolhida por Kurt Schindler executada por Bernardo Sasseti e todos os *jingles*, *cues* e *bridges* das versões anteriores gravadas para utilização audio e vídeo.

- Serigrafia de **Manuel Sam Payo** numerada e assinada.

- Reprodução serigráfica das folhas de rosto e última página da pauta de «Abertura Clássica sobre um Tema Popular Português» de António Vitorino de Almeida (versão clássica da «Carvalhesa») numeradas e assinadas pelo autor.

- Serigrafia com textos de José Eduardo Conceição Silva sobre as suas versões *fusion* e *big band* da «Carvalhesa» numerada e assinada pelo autor.

- Serigrafia numerada com o texto de apresentação dos arranjos da «Carvalhesa».

- Reprodução serigráfica numerada de foto de Michel Giacometti durante a recolha da versão da «Carvalhesa» em 1970 em Tuiselo (Vinhais-Bragança).

- Reprodução serigráfica numerada de foto de Kurt Schindler.

- Reprodução serigráfica numerada da pauta da versão original da «Carvalhesa» recolhida por Kurt Schindler em 1932, em Tuiselo (Vinhais-Bragança).

- Cópia autenticada do Relatório de Produção Dr. Schenk do fabrico da edição de CD (garantia de tiragem).

- Capa do CD com foto de **Álvaro Rosendo**, numerada e assinada pelo autor.

- 1 exemplar da cassette editada com as versões da «Carvalhesa» com texto narrativo sobre o tema e versões apresentadas por Cândido Mota.

Preço: 15 000\$00

- Além dos 150 exemplares numerados de 1 a 150, a edição compreende 20 exemplares numerados de I a XX destinada aos autores e editores e 10 exemplares do CD exclusivamente destinados a depósitos legais.

Televisão

Quinta, 10

Canal 1

07.40 Ciência, que Loucura
08.00 O As da Polícia
09.35 Rua Sésamo
10.10 Écran Clássico
11.30 Derrick
11.40 Embarços
12.05 Culinária
12.20 Lua Cheia de Amor
13.00 Jornal da Tarde
13.35 Terra de Ninguém
14.00 Brinca Brincando
14.30 O Vento não Sabe Ler
(ver «Filmes na TV»)
16.10 Terra Sem Fim
17.00 Brinca Brincando
17.35 Rua Sésamo
18.10 Riviera
18.40 Roda da Sorte
19.30 Telejornal
20.15 Desenhos Animados
20.20 Meu Bem, Meu Mal
21.50 Chefe, Mas Pouco
22.15 À Sombra do Sol
23.55 Notícias
00.10 Remate
00.25 Bandidos da Falange

Canal 2

09.00 Videotexto
12.00 Zona Perigosa
12.25 Curso de Alemão
12.40 Animais de África
13.30 Agora, Escolha!
14.55 Sarilhos com Elas
15.20 Recreio do 2
17.20 Grandes Desastres
17.50 O Santo
19.30 Estrelas
20.05 Música no Dois
21.00 Jornal das Nove
21.40 Frank Zappa
22.35 O Testamento do Dr. Mabuse
(ver «Filmes na TV»)

Sexta, 11

Canal 1

07.40 Ciência, Que Loucura
08.00 O As da Polícia
09.35 Rua Sésamo
10.35 Derrick
10.30 Filhos do Sol
11.20 Embarços
12.05 Culinária
12.20 Lua Cheia de Amor
13.00 Jornal da Tarde
13.30 Terra de Ninguém
14.15 Brinca Brincando
14.45 Histórias Cruzadas
(ver «Filmes na TV»)
16.20 Terra sem Fim
18.10 Riviera
18.15 Roda da Sorte
19.30 Telejornal
20.15 Desenhos Animados
20.30 Meu Bem, Meu Mal
21.30 Nasce Uma Estrela
(ver «Filmes na TV»)
23.50 Alô, Alô
00.15 Notícias
00.30 Remate
00.45 A Capa do Terror
(ver «Filmes na TV»)

Canal 2

09.00 Videotexto
12.00 Zorro
12.25 Curso de Francês
12.40 Animais de África
13.00 Gerações
13.30 Agora, Escolha!
15.05 Sarilhos com Elas
15.30 Recreio do 2
17.00 Burlescos
17.30 Grandes Desastres
17.55 O Santo
19.35 Estrelas
20.05 À Mercê de Capricórnio
21.00 Jornal das Nove
21.40 Verdade Oculta
22.40 O Canto das Sereias
23.15 Rotações
00.10 Tudo Vai Bem

Sábado, 12

Canal 1

08.00 À Mão de Semear
08.25 Canal Jovem
13.00 Notícias
13.15 Luta Livre Americana
14.00 Marés Vivas
14.55 Sting - 40 Anos
16.30 Estrada para Três
(ver «Filmes na TV»)
18.00 O Regresso do Irlandês
19.45 Totoloto
20.00 Jornal de Sábado
21.05 Desenhos Animados

21.10 Uma Vida dos Diabos
21.35 Casa Cheia
22.15 Araponga
23.05 Alien - O Recontro Final
(ver «Filmes na TV»)

Canal 2

10.30 Universidade Aberta
13.00 Agarra o 2
14.30 Oiro
(ver «Filmes na TV»)
16.00 Estádio (I)
18.30 Jornal Fim-de-Semana
19.05 Um Lar Desconhecido
20.00 Tina Turner
21.00 Estádio (II)
23.30 O Canto das Sereias
00.15 Amores Díficeis

Domingo, 13

Canal 1

08.00 Canal Jovem
11.30 Missa
12.30 70 x 7
13.00 Notícias
13.15 Amigos e Irmãos
13.40 Viagem ao Mundo da National Geographic
14.30 Top +
15.25 O Terceiro Homem sobre a Montanha
(ver «Filmes na TV»)
17.30 Hooperman
18.05 Tuareg, um Povo em Extinção
19.00 A Estrada da Lei
20.00 Jornal de Domingo
20.45 Araponga
21.50 Cover Story
22.25 Domingo Desportivo
23.30 A Romana

Canal 2

09.00 Caminhos
09.30 Novos Horizontes
10.00 O Desafio do Mar
11.00 Regiões Magazine
12.00 Agarra o 2
13.00 Anarquistas Graças a Deus
13.45 Troféu
19.50 Pai de Filhas
20.45 Fórmula Um
21.00 Nós Dois
21.35 Artes e Letras - «Kurt Vonnegut»
22.35 O Médico e o Monstro
(ver «Filmes na TV»)
00.25 Tauromaquia

Segunda, 14

Canal 1

07.30 Bom Dia
09.35 Rua Sésamo
10.00 Loja das Ideias
10.30 Mulher - Agora é que são Elas
11.00 Claxon
11.30 Clube da Manhã
12.05 Culinária
12.20 Lua Cheia de Amor
13.00 Jornal da Tarde
13.30 Gerações
14.00 América Selvagem
14.30 Ponto por Ponto
15.35 Por sua Conta e Risco
(ver «Filmes na TV»)
17.00 Brinca Brincando
17.30 Rua Sésamo
18.10 Riviera
18.40 A Roda da Sorte
19.15 Cinzas
20.00 Telejornal
20.45 Meu Bem, Meu Mal
21.30 Apanhados
22.00 Jogos sem Fronteiras
23.15 Homefront
00.30 Notícias
01.00 Remate
01.15 A Noite dos Mortos-Vivos
(ver «Filmes na TV»)

Canal 2

09.00 Videotexto
11.30 Que Família!
12.30 O Homem da Carabina
13.00 Cheers - Aquele Bar
13.30 Euroritmias - Ed Sullivan Show
14.30 Agora, Escolha! (I)
16.00 Documentário
17.00 Chá das Cinco
18.00 Vira o Vídeo
19.00 Acerto de Contas
19.30 Cinemagazine
20.00 Petrov Affaire
21.00 Jornal das Nove
21.45 Barriga de Aluguer
22.30 Frente-a-Frente

23.30 Austrália
(ver «Filmes na TV»)
01.00 Dire Straits

Terça, 15

Canal 1

07.30 Bom Dia
09.35 Rua Sésamo
10.00 Loja de Ideias
10.30 Mulher - Notas para Si
11.00 Claxon
11.30 Clube da Manhã
12.05 Culinária
12.20 Lua Cheia de Amor
13.00 Jornal da Tarde
13.30 Gerações
14.00 O Futuro
14.30 Ponto por Ponto
15.30 Clamor de Vingança
(ver «Filmes na TV»)
17.00 Brinca Brincando
18.00 Riviera
18.40 A Roda da Sorte
19.15 Cinzas
20.00 Telejornal
20.45 Meu Bem, Meu Mal
21.30 Isto só Vídeo
22.00 Shadows of the Heart
23.00 De Caras
00.00 24 Horas
00.30 Remate
00.45 Murphy Brown

Canal 2

09.00 Videotexto
11.30 Que Família
12.00 Informação
12.30 O Homem da Carabina
13.00 Cheers - Aquele Bar
13.30 Euroritmias
14.30 Agora, Escolha!
16.00 Documentário
17.00 Chá das 5
18.00 Vira o Vídeo
19.00 Eternos Novatos
19.30 Aventura do Conhecimento
20.00 O Detective de Hollywood
21.00 Jornal das Nove
21.45 Barriga de Aluguer
22.30 Arsenio Hall
23.30 Uma Vez, um Herói
(ver «Filmes na TV»)
01.00 Big Band Show

Quarta, 16

Canal 1

07.30 Bom Dia
09.35 Rua Sésamo
10.00 Loja de Ideias
10.30 Mulher - Isto é Magia
11.00 Claxon
11.30 Clube da Manhã
12.05 Culinária
12.20 Lua Cheia de Amor
13.00 Jornal da Tarde
13.30 Gerações
14.00 Paragem no Tempo
14.30 Ponto por Ponto
15.30 A Revolta de Um Inocente
(ver «Filmes na TV»)
17.00 Brinca Brincando
18.00 Paraíso
18.40 Roda da Sorte
19.15 Cinzas
20.00 Telejornal
20.30 Desenhos Animados
20.45 Meu Bem, Meu Mal
21.30 Vamos Jogar no Totobola
21.45 Miss Daisy
(ver «Filmes na TV»)
23.30 Jornadas Europeias
00.00 24 Horas
00.45 Remate
01.00 Murphy Brown

Canal 2

09.00 Videotexto
11.30 Que Família
12.00 Informação
12.30 O Homem da Carabina
13.00 Cheers - Aquele Bar
13.30 Euroritmias
14.30 Agora, Escolha!
16.00 Som Um Sol Escaldante
17.00 Chá das 5
18.00 Vira o Vídeo
19.00 Sarilhos com Elas
19.30 TV Artes
20.00 Nightmare Cafe
21.00 Jornal das Nove
21.35 Barriga de Aluguer
22.30 Carlos Cruz - Quarta-Feira
23.30 Artes e Letras - «Scorsese fala de Scorsese»
00.15 M-Matou!
(ver «Filmes na TV»)
01.30 Pop-Off

O Vento Não Sabe Ler

«The Wind Cannot Read», (Gr.Br./1958). Realização de Ralph Thomas. Interpretação de Dirk Bogarde, Yoko Tani, Ronald Lewis, John Fraser, Anthony Bushell. Cor, 111 minutos.

Durante a II Guerra Mundial, na Índia, um piloto da Força Aérea britânica envolve-se amorosamente com uma professora de japonês que ali encontrara refúgio. Preso e enviado para um campo de concentração japonês, o piloto consegue mais tarde evadir-se para vir a encontrar a sua mulher moribunda num hospital, vítima de doença fatal. Um melodrama «de guerra», realizado com saber oficial.

Quinta, 14.30, Canal 1

O Testamento do Dr. Mabuse

«Das Testament von Dr. Mabuse», (Al./1933). Realização de Fritz Lang. Interpretação de Otto Wernicke, Rudolf Klein-Rogge, Gustav Diesel, Vera Liessem, Camila Spira. P/B, 113 minutos.

Inevitavelmente, esta semana televisiva, em matéria de cinema, é marcada por duas obras-primas de um dos maiores cineastas alemães de todos os tempos - Fritz Lang. Antecedendo «Matou!», «O Testamento do Dr. Mabuse» inaugura da melhor maneira esta oportunidade para vermos duas reposições fundamentais; e, se a aparência estrutural deste objecto fílmico nos dá a ver um mero «filme policial», ainda por cima integrado no esquema de organização dos filmes «em episódios», a génese do empreendimento é bem diferente. De facto, já em 1922, em plena época do «mudo», o mesmo Lang dirigira, com sucesso, «Dr. Mabuse, o Jogador» em que, pela primeira vez, surgia a diabólica personagem de um médico, criminoso psicopata, capaz de manipular os outros através dos seus poderes hipnóticos, perseguido pela polícia pelos seus roubos de milhões, acabando internado num asilo psiquiátrico - na realidade um impiedoso retrato da sociedade corrupta e venal, com o seu cortejo de erros, traições políticas e desregulação económica em que se tornara a República de Weimar. Na sequência daquele filme, «O Testamento» vem agora encontrar Mabuse já próximo do seu fim escrevendo no asilo de reclusão a sua preversa estratégia de dominação do mundo, transmitindo-a, como testemunho, a uma nova personagem sinistra - o Prof. Baum - que lhe seguirá os passos criminosos.

Através da simbologia e da metáfora, arrancadas pelo cineasta aos detalhes de um trágico e dramático real, em perigosa decomposição, Fritz Lang dá-nos, assim, nestes dois filmes (a que mais tarde, em 1960, se seguiria «O Diabólico Dr. Mabuse»), o funesto «folhetim» da génese e ascensão dos futuros horrores do fascismo. Pouco tempo depois de concluído o filme, Hitler ascenderia ao poder, Lang partiria para o exílio e o «Testamento», com estreia proibida, era já uma obra saído clandestinamente de uma Alemanha que dava os primeiros passos na caminhada da barbárie nazi. Indispensável.

Quinta, 22.35, Canal 2

Histórias Cruzadas

«The Chain», (Gr.Br./1984). Realização de Jack Gold. Interpretação de Herbert Norville, Denis Lawson, Rita Wolf, Maurice Denham, Nigel Hawthorne, Billy Whitelaw, Judy Parfitt, Leo McKern. Cor, 94 minutos.

Comédia medíocre sobre uma situação de caos em que uma empresa do ramo leva a cabo, simultaneamente, a mudança de casa de sete personagens. Parece que o fio

Filmes na TV



Peter Lorre descobre que foi descoberto, em «Matou!», de Fritz Lang

condutor se reduz a esta ideia primária: a cada personagem corresponde cada um dos sete pecados mortais. Para esquecer.

Sexta, 14.45, Canal 1

Nasce Uma Estrela

«A Star Is Born», (EUA/1976). Realização de Frank Pierson. Interpretação de Barbra Streisand, Kris Kristofferson, Paul Mazursky, Gary Busey, Oliver Clark. Cor, 135 minutos.

O argumento deste filme baseia-se longinquamente numa história de William Wellman já adaptada ao cinema em duas ocasiões anteriores: em 1937, para o seu próprio filme, e em 1954, para a versão musical de George Cukor. Desta vez, Frank Pierson transporta a história para o ambiente da música pop sem visíveis vantagens. Venham as outras versões.

Sexta, 21.30, Canal 1

A Capa do Terror

«Hardcover/I, Madman», (EUA/1989). Realização de Tibor Takacs. Interpretação de Jenny Wright, Clayton Rohner, Randall William Cook. Cor, 95 minutos.

Preenchendo um espaço de programação que, previsivelmente, com a chegada das «privadas», não vai deixar de continuar a degradar-se, este filme insere-se nos piores exemplos do género «terror». Uma leitora ávida de sensações fortes vê surgir à luz do dia um assassino psicopata, personagem de um dos livros que ela está a ler. Pela nossa parte, chichi e cama, que se faz tarde...

Sexta, 00.45, Canal 1

Oiro!

«The Spoilers», (EUA/1942). Realização de Ray Enright. Interpretação de Marlene Dietrich, Randolph Scott, John Wayne, Margaret Lindsay, Harry Carey, Richard Barthelmess, George Cleveland. P/B, 84 minutos.

A corrida ao oiro, nos finais do século passado, é o pano de fundo

deste excelente western competentemente realizado por um especialista. Todos os ingredientes estão lá: a cantora de saloon, os aventureiros, os mineiros, os funcionários estatais corruptos, a cena de murro final, tomada clássica. E um punhado de actores que fizeram um «género». Que mais se poderia exigir?

Sábado, 14.25, Canal 2

Estrada Para Três

«Three For The Road», (EUA/1987). Realização de B. W. L. Norton. Interpretação de Charlie Sheen, Kerri Green, Alan Ruck, Sally Kellerman, Blair Tefkin, Raymond J. Barry. Cor, 83 minutos.

Na lista mensal dos filmes a exibir, estava previsto para a semana passada, destinada a despachar os «saldos» e as «sobras». Mas, como de costume, a RTP alterou a programação, sem dar cavaco. Também não tem importância: trata-se de uma medíocre comédia romântica que nos conta as aventuras «pela estrada fora» de uma rapariga e seus dois amigos.

Sábado, 16.30, Canal 1

Aliens - O Recontro Final

«Aliens», (EUA/1986). Realização de James Cameron. Interpretação de Sigourney Weaver, Carry Henn, Michael Biehn, Paul Reiser, Lance Henriksen, Bill Paxton, William Hope, Jenette Goldstein. Cor, 131 minutos.

Enquanto não surge no circuito comercial o anunciado terceiro episódio da saga «Aliens», este «Recontro Final» é o segundo de uma série que começou com «Aliens - O Oitavo Passageiro», o filme transmitido pela RTP na passada semana. Aqui, sete anos passados, Ridley Scott transmite o testemunho a um outro realizador - James Cameron, igualmente talentoso e brilhante do ponto de vista técnico e visual - que dá a melhor continuação às aventuras e desventuras datenente Ripley, a braços, na nave com que regressa ao espaço, com o estranho monstro que tanto a incomodara da primeira vez. A tremedeira é a mesma, mas Sigourney

Cinema

Weaver (a quem o Boletim de Informação da RTP insiste em apelas qualificar de «bela» e «atlética») está cada vez mais... irresistível. A não perder.

Sábado, 23.05, Canal 1

O Terceiro Homem Sobre a Montanha
«The Third Man On The Mountain», (Gr.Br./1959). Realização de Ken Annakin. Interpretação de James MacArthur, Michael Rennie, Janet Munro, James Donald, Herbert Lom, Laurence Naismith. Cor, 100 minutos.

No habitual estilo dos filmes de aventuras saídos dos Estudos Disney, este produzido na Grã-Bretanha, conta a aventura de um jovem sufo, empregado de hotel, que vai concretizar um sonho julgado impossível - atingir o cume de uma montanha. Boa sorte!

Domingo, 15.25, Canal 1



O Médico e o Monstro
«Dr. Jeckyl and Mr. Hyde», (EUA/1941). Realização de Victor Fleming. Interpretação de Spencer Tracy, Ingrid Bergman, Lana Turner, Donald Crisp, Ian Hunter, Barton MacLane, C. Aubrey Smith. P/B, 123 minutos.

A história clássica de Robert Louis Stevenson é conhecida: na Inglaterra victoriana, um cientista químico, nas suas experiências laboratoriais, acaba por descobrir um meio terrível de desdobrar a sua personalidade, transformando-se à noite num monstro hodierno que aterroriza as suas vítimas femininas. Considerada por alguns como a melhor das várias adaptações da história original - sobretudo pela forma como, ultrapassando o puro horror, Fleming privilegia o lado psicológico e emocional da personagem principal - esta versão é ainda apontada como um achado quanto à sua singular e insólita distribuição: Ingrid Bergman no papel de uma prostituta, e Lana Turner desempenhando a cândida noiva do cientista! Oscar da Academia para a espantosa representação de Spencer Tracy.

Domingo, 22.35, Canal 2

Por Sua Conta e Risco
«Tom Alone» (telefimel, Canadá/1990) Realização de Randy Bradshaw. Interpretação de Noan Zylberman, Nick Mancuso, Ned Beatty. Cor, 87 minutos.

A acidentada aventura de um jovem solitário através do Canadá, na cola dos caminhos de ferro que iam nascendo no imenso território. Um telefilme à partida credenciado

	M. M. Luz	Manuel Neves	Paulo Torres
A El Rey Pasmado	★★★	★★★	★★★★
B Instinto Fatal	★★★	—	★★★
C Retrato de Família	★★	★★★	—
D Uma Questão de Confiança	★★	—	★★

Classificação de ★ a ★★★★★

- A — Imanol Uribe — King Triplex (13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.30) — Lisboa.
- B — Real. Paul Verhoeven — Alfa Club (14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00), Amoreiras/3 (14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15), Fonte Nova/1 (14.45, 17.00, 19.15, 21.45), Mundial/2 (14.15, 16.45, 19.15, 21.45), Quarteto/2 (14.30, 17.00, 19.30, 21.45, 24.00), S. Jorge/1 (15.30, 18.30, 21.30), Terminal/1 (15.00, 17.15, 19.30, 21.45) — Lisboa.
- C — Luís Galvão Teles — Fonte Nova/3 (14.30, 16.45, 19.00, 21.30), Quarteto/4 (15.00, 17.00, 19.30, 21.45, 24.00) — Lisboa.
- D — Hal Hartley — Quarteto/1 (15.00, 17.00, 19.30, 21.45, 24.00) — Lisboa.

pela sua ilustre origem, acinematografia canadiana, normalmente presente mesmo nas produções de série para televisão.

Segunda, 15.35, Canal 1

Austrália
«Australia», (Fr./Bélg./Sui./1988). Realização de Jean-Jacques Andrien. Interpretação de Jeremy Irons, Fanny Ardant, Tcheky Karyo, Agnès Soral, Danielle Lytle-

ton, Hélène Surgère, Patrick Bauchau. Cor, 118 minutos.

Com a acção situada em meados dos anos 50 no Sul da Austrália, a história deste filme dá-nos conta do regresso à Bélgica de um viúvo e próspero comerciante de lanifícios radicado naquele país, onde vive com uma filha, para ajudar à recuperação de uma empresa familiar do mesmo ramo a atravessar uma grave crise. No caminho de retorno ao país natal, o acaso fá-lo cruzar com uma mulher casada que o arrasta para uma paixão intensa. Mas o apego à filha acabará por obrigá-lo a um novo regresso ao continente australiano. Neste novo espaço de cinema do Canal 2, um filme de perfeccionismo académico, com duas excelentes interpretações de Jeremy Irons e Fanny Ardant.

Segunda, 23.30, Canal 2

A Noite dos Mortos-Vivos
«The Evil Dead», (EUA/1983). Realização de Sam Raimi. Interpretação de Bruce Campbell, Ellen Sandweiss, Betsy Baker, Hall Delrich, Sarah York. Cor, 85 minutos.

História de uma cabana de montanha assombrada, ensombrando as férias de cinco jovens rapazes e raparigas, este filme, realizado com um baixíssimo orçamento por uma equipa de profissionais do cinema a dar os seus primeiros passos, é considerado como um dos mais inquietantes filmes de terror jamais feitos e contém soluções cénicas e formais perfeitamente invulgares. A ver, por quem para tal conseguir arranjar a necessária coragem...

Segunda, 01.15, Canal 1

Clamor de Vingança
«Windom's Way», (Gr.Br./1957). Realização de Ronald Neame. Interpretação de Peter Finch, Mary Ure, Natasha Perry, Robert Flemyng, Michael Hordern, Gregoire Aslam. Cor, 108 minutos.

Um médico radicado na Malásia, e ali exercendo abnegadamente a sua profissão, ajuda a «resistência» local a lutar contra a tomada do poder pelos comunistas. Um produto britânico, típico da

«guerra fria». Competente. Nesse e noutros aspectos.

Terça, 15.30, Canal 1

Uma Vez, Um Herói
«Tunes of Glory», (Gr.Br./1960). Realização de Ronald Neame. Interpretação de Alec Guinness, John Mills, Susannah York, Kay Walsh, Dennis Price, John Fraser, Duncan Macrae, Gordon Jackson, Allan Cuthbertson. Cor, 106 minutos.

Neste segundo filme de Ronald Neame da semana, podemos assistir a um impressionante festival da arte de representar, no qual a brilhante estreia de Susannah York vem juntar-se à classe de consagrados actores. A não perder.

Terça, 23.30, Canal 2

A Revolta de Um Inocente
«In The Custody Of Strangers», (EUA/1982). Realização de Robert Greenwald, Martin Sheen, Jane Alexander, Emilio Estevez, Kenneth McMillan, Ed Lauter, Matt Clark, John Hancock, Virginia Kiser.

Único telefilme da semana (!), as referências situam-no acima da mediania do género: o argumento retrata a tragédia de uma família da classe média que não consegue libertar da prisão um filho jovem acusado pela polícia de desmandos provocados pela embriaguez.

Quarta, 15.30, Canal 1

Miss Daisy
«Driving Miss Daisy», (EUA/1989). Realização de Bruce Beresford. Interpretação de Morgan Freeman, Jessica Tandy, Dan Aykroyd, Patti LuPone, Esther Rolle. Cor, 99 minutos.

Oscars para a Melhor Fotografia, Actriz Principal, Argumen-

Quarta, 00.15, Canal 2

TEATRO MUNICIPAL MIRITA CASIMIRO
Largo do Cruzeiro, Estoril. Tel. 4670320. De 4ª a sáb. às 21.30, dom. às 17: ESPECTROS, de Ibsen, encenação de Carlos Avilez.

TEATRO S. LUIZ
Rua António Maria Cardoso. Tel. 3471279. De 6ª a dom. às 19.30: UM SUICÍDIO, de Pepino de Filippa, encenação de Filipe Craw-

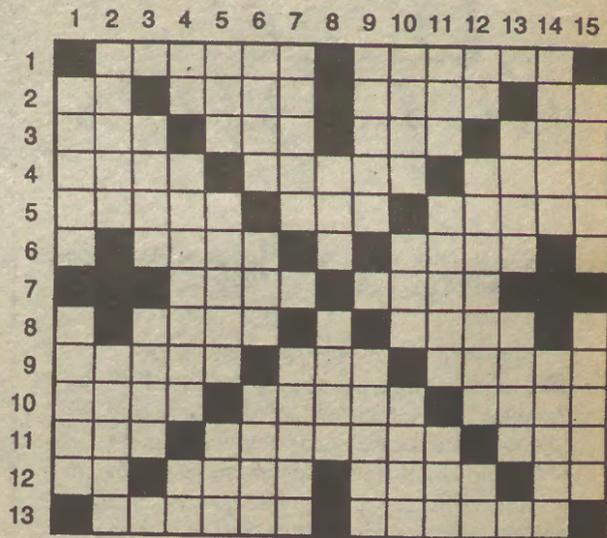
ford. 6ª e sáb. às 21.30: NÁPOLES MILIONÁRIA, de Eduardo de Filippo, encenação de Mário Viegas (produções da Companhia Teatral do Chiado).

TEATRO DA TRINDADE
R. Nova da Trindade. Tel. 3423200. De 3ª a sáb. às 21.30, sáb. e dom. às 16.00: UMSABOR A MEL, de Shelag Delaney, encenação de João Lourenço, pelo Novo Grupo.

Tempo

Melhoria da situação geral do tempo, com céu pouco nublado ou mesmo limpo nas regiões do Sul e com ocorrência de neblinas e nevoeiros matinais a norte do cabo Carvoeiro.

PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS: 1 — Fazer sair com ímpeto; favorito. 2 — Crença; Tomei como alimento; partidas; Rubídio (s.q.). 3 — Gracejar; tornar mais fino; único. 4 — Peixe da família dos escómbridos; baliza; garantia. 5 — Reputação (pl.); soberano; corte na pena, para escrever. 6 — Cheiro; Deusa do casamento e da família (Mitol. egíp.). 7 — Íntimos; remar para trás (invert.). 8 — Terra própria para cultura; aroma. 9 — Cobrir de pão ralado; colocar; aplanar. 10 — Membrana ocular colorida; desistes de um direito em favor de outrem; paixão. 11 — Mealheiro (pop.); capital da Venezuela; naquele lugar. 12 — Entre; passar de dentro para fora; paraíso terreal; outra coisa. 13 — Tranquilizo; cravar os dentes em.

VERTICAIS: 1 — (Anne ...), jovem judia que comoveu o mundo com o seu diário «Os fundos da casa»; vértice. 2 — Habilidade; perfume. 3 — Direcção do navio; planta herbácea, que tem aplicações em farmácia e no fabrico de algumas bebidas alcoólicas. 4 — Consoantes da palavra «rico»; calculas, apelido. 5 — Grande porção; adicionar; nome vulgar do óxido de cálcio. 6 — Assim seja (interj.); relação; filho mais velho de Adão e Eva, irmão de Abel. 7 — Sortear; difícil de abrir ou de fechar. 8 — Caminharei; uso corrente. 9 — (Leonardo da ...), autor de «Ceia»; elemento de formação de palavras que exprime a ideia de recente. 10 — O primeiro homem; partícula eletricamente activa; rio que banha Setúbal. 11 — Casa de habitação; recolhe em asilo; ente. 12 — Vogal (pl.); pessoa que trata das abelhas; Neodímio (s.q.). 13 — Fruto da videira (pl.); consonância de palavras ou sílabas. 14 — Adornar; casa fidalga. 15 — Bafio; especiaria indiana.

SOLUÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR

HORIZONTAIS: 1 — Grava; esmagar. 2 — audaz; ail.; tiro. 3 — rio; era; letra. 4 — Br.; adido; aia. 5 — acomodada; ossos. 6 — una; ias; oiro. 7 — atestar. 8 — ar; arear; pomar. 9 — tom; rir; comilão. 10 — adama; doidas; ss. 11 — lacar; ardente. 12 — rala; ser; dália. 13 — pá; amo; iate; as.

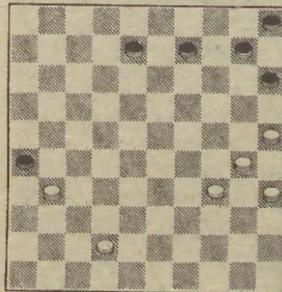
VERTICAIS: 1 — Garbo; fatal. 2 — ruir; rodara. 3 — ado; Ana; maca. 4 — va; acata; mala. 5 — azedo; erraram. 6 — rim; sei. 7 — ado; tardas. 8 — sa; odiar; orei. 9 — mil; Aar; cidra. 10 — alea; pode. 11 — tio; comande. 12 — atraso, mista. 13 — ria; sinal; ela. 14 — cor; Rás; is. 15 — dor; sos; osga.

DAMAS

CCCLXXI
10 de Setembro de 1992
PROPOSIÇÃO N.º 1992D073

Por: C. TH. HUIZER — 1936

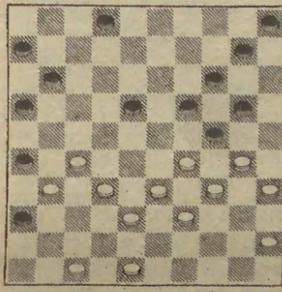
Pr.: [6] 5-8-9-10-15-26
Br.: [6] 25-30-31-34-35-42



Branças jogam e ganham

PROPOSIÇÃO N.º 1992D074
Por: FRANÇOIS ANDRÉ DANICAN-PHILIDOR
Taité du Jeu de Dames, 1785

Pr.: [13] 2-5-6-10-11-14-16-18-19-20-24-26-36
Br.: [13] 27-29-30-31-32-33-34-35-38-39-45-47-48



Branças jogam e ganham

SOLUÇÕES DO N.º CCCLXXII

N.º 1992D073 [C. Th. H.]: 1. 25-20, (26x48=D); 2. 20-14, (9x20); 3. 30-25, (48x30); 4. 25x14, (10x19); 5. 35x2=D+SE; 2., (10x19); 3. 30-25 e 4. 35x2=D+

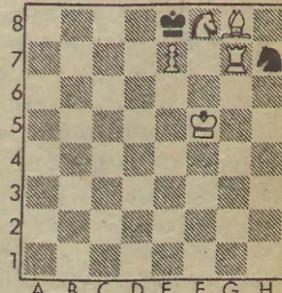
N.º 1992D074 [F. A. D. Ph.]: 1. 32-28, (26x37); 2. 29-23, (18x40); 3. 35x44, (24x35); 4. 27-21, (16x27); 5. 28-22, (27x18); 6. 38-32, (37x28); 7. 33x4=D+

XADREZ

CCCLXXII
10 de Setembro de 1992
PROPOSIÇÃO N.º 1992X073

Por: JOHANNES KOHTZ & CARL KOCKELKDRN
Deutsches Wochenschatz, 1912

Pr.: [2] Ch7-R68
Br.: [5] Pc7-Cf8-Bg8-Tg7-Rf5

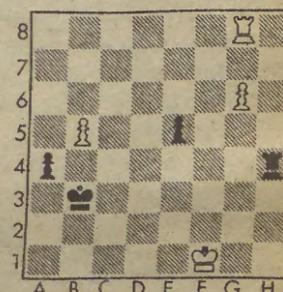


Mate em 3 lances

PROPOSIÇÃO N.º 1992X074

Por: U. PARHI
Tidskift för Schack, 1947

Pr.: [4] Ps.a4, e5-Tb4-Rb3
Br.: [4] Ps.b5, g6-Tg8-Rf1



Branças jogam e ganham

SOLUÇÕES DO N.º CCCLXXII

N.º 1992X073 [J. K. & C. K.]: 1. Bd5!, Cf8; 2. Bf3!, Rd7; 3. e6:8=D++ 2., Cd7; 3. Bb5++ 2., C-; 3. Bg6++

N.º 1992X074 [U. P.]: 1. Ta8!, Tg4; 2. Ta6, a3; 3. b6!, T:g6; 4. b7, Tg8; 5. Ta8, a2!; 6. T:g8! a1=D+; 7. Rg2!, Db2+; 8. Rh3!, Dc3+; 9. Tg3 e Br. ganham

a talhe de FOICE

A Festa dos Magalhães

Por entre manipulações mais ou menos subtis, todos os anos surge, a propósito da Festa do "Avante!", um apreciável lote de desvarios anticomunistas concebidos por meia dúzia de acólitos do jornalismo, num quadro deontológico de subserviência ao que o patrão gosta, e editados, naturalmente, sob o imperativo do que o patrão quer. Por regra, nada disto merece relevo. Mas temos a excepção, o toque de génio que chispa da vulgaridade, a flor que brota do estrume, por assim dizer. É o caso das reportagens assinadas por um tal Fernando Magalhães, nome já de si grande, a dar a volta ao mundo da Festa nas páginas do "Público". Inspirado, talvez, no seu ilustre onomástico, Magalhães atacou a viagem em duas etapas: no domingo, acometido de cultura, apresentou a Festa numa densa página como "La vie en rouge"; na terça-feira, já confessadamente desvairado pelas toneladas de pó e aquela gente toda a suar alegria, mirrou a prosa em meia página e concluiu ter vivido num "estado de sítio".

Na primeira etapa, quando a Festa ainda era uma "vie en rouge", sem Piaffes vermelhas mas com "grande quantidade de jovens a comer, a dançar, a namorar", impressionando, por isso, "o visitante desprevenido, ou com ideias feitas" (o que não era, naturalmente, o caso de Magalhães), o nosso repórter conseguiu a tranquilidade de espírito suficiente para sair da banalidade noticiosa que, teoricamente, ali o levava, entregando-se a vastos exercícios de aplicação cultural.

Porém, a incomodidade já se acastelava no horizonte de Magalhães. Era a multidão, no seu fantasma suado e espesso, a envolver os delicados mecanismos de Magalhães. Tornou-se-lhe então evidente que, na Festa e para a maioria, "a cultura é um tempero, uma curiosidade, quase um intruso". A cultura de Magalhães é outra: assertoada e escovada, move-se sobre alcatifas e ouve-se em auscultadores, consome-se entre pessoas escolhidas e longe do rugir das multidões e se produzir bocejos, o odor será de puro malte discretamente disfarçado num punho de lavanda.

A partir daqui, o nosso repórter perdeu o pé e à terça-feira, no segundo lance da reportagem, já só via "multidões que se entrechocam e dançam e comem e bebem e tombam", ou "instalações sanitárias, vulgo urinóis, sem luz eléctrica" e os próprios jovens, que dois dias antes impressionavam "o visitante desprevenido" pelo seu grande número a comer, a dançar, a namorar, agora já eram "uma assistência mais interessada em abanar o capacete do que em ser educada na luta por uma vida melhor", gente para quem a Festa "é sinónimo de ganza, de pedrada monumental, maior que a Quinta da Atalaia".

O problema é de fundo e a prosa escatológica do repórter acaba por ser o mais claro índice do que efectivamente se passa, do que de facto o inquieta. Fernando Magalhães partilha o conceito de cultura como aquilo que define uma elite: a elite é-o porque consome cultura e a cultura é-o porque é consumida pela elite. Ora, se a cultura foge do consumo exclusivo da elite, se parte à conquista de outros públicos, não é a cultura que é posta em causa: mas uma elite que se define pelo seu consumo, essa é efectivamente posta em causa na identidade que se atribui e nos privilégios que assume.

A Festa do "Avante!" é uma grande manifestação cultural de massas e jamais poderá ser compreendida ou amada por quem não tenha pelo povo, pelas massas, a mesma paixão que tenha pela arte e pela criação. É ridículo ver a Festa da óptica do sofisticado pequeno auditório da Gulbenkian, como o seria ver tal pequeno auditório da óptica de um mega concerto ou de uma Festa.

É ridículo - mas é significativo. É que considerar a cultura incompatível com o povo e com as massas define um reacçãoário.

■ HC

Enquanto a CE aceita diminuir a produção

EUA subvencionam exportações de cereais

O governo norte-americano vai subsidiar, em cerca de 33 por cento, 30 milhões de toneladas de trigo destinadas a exportação para 28 países

«Enquanto a CE ajoelha frente às pressões e reduz 29 por cento, em três anos, os preços dos cereais aos produtores europeus, os EUA pagam, num só ano e através do orçamento de Estado, 33 por cento do valor de 30 milhões de toneladas de trigo, para apoiarem - subsidiarem indirectamente - a produção, os preços internos e as agro-indústrias do seu import-export e manterem em baixa os seus preços de venda para o mercado exter-

no e, assim, ceifarem sem dó nem piedade a concorrência».

Foi nestes termos que a Confederação Nacional da Agricultura reagiu, num comunicado que divulgou à imprensa na semana passada, ao anúncio, feito pelo próprio presidente Bush, de que os EUA se preparam para conceder aqueles apoios, depois de, nas negociações do acordo internacional sobre comércio e tarifas aduaneiras (o Uruguay Round

de GATT), terem acusado a Comunidade Europeia de, ao subsidiar os preços dos cereais e outros produtos agrícolas, promover uma concorrência desleal nos mercados externos.

O acordo para a reforma da Política Agrícola Comum, afirma a CNA, «nasceu por obra das pressões interesseiras dos Estados Unidos (e não só), a que os responsáveis da CE não quiseram resistir» no Uruguay

Round. Na reforma da PAC, recorda a confederação, «entre muitas outras medidas nocivas às agriculturas menos desenvolvidas como a nossa, a CE decidiu reduzir os preços dos cereais na produção em 29 por cento nos três próximos anos», além de ter introduzido «uma série de normas e incentivos tendentes a fazer diminuir a produção», o que constitui uma «cedência evidente aos interesses norte-americanos neste sector».

Contra o encerramento da fábrica da Neste em Sines

Para ontem estava marcada uma reunião dos trabalhadores da fábrica de polipropileno do Grupo Neste, em Sines, cujo encerramento foi anunciado terça-feira pela administração. Na reunião, segundo informou a federa-

ção do sector (Fequifa/CGTP), iriam ser debatidas formas de luta contra o fecho da empresa.

Num comunicado à imprensa, a federação defende que o encerramento da Neste Chemicals de Sines

«assenta numa estratégia de grupo ao nível internacional e, como tal, deve ser firmemente rejeitada».

«O Grupo Neste recebeu no início deste ano substanciais apoios financeiros do Estado português», recorda a

Fequifa, exigindo do Governo «uma posição clara de repúdio sobre esta tentativa de encerramento e consequente despedimento colectivo, pois é inadmissível a forma como são tratados os interesses do País e dos trabalhadores».

Metalúrgicos debatem Maastricht

O Conselho Nacional da Federação dos Sindicatos da Metalurgia, Metalomecânica e Minas decidiu antontem dinamizar no sector o debate sobre os efeitos do Tratado de Maastricht, reclamando da Assembleia da República e demais órgãos de soberania «que promovam um amplo debate nacional sobre o Tratado, seguido de uma consulta popular sob a forma de referendo».

«Na análise e debate a efectuar sobre as implicações

e efeitos do Tratado de Maastricht», acrescenta o Conselho Nacional da FSMMP, «devem ser tidas em conta as consequências negativas (encerramentos de empresas e despedimentos) já verificados no sector, resultantes da subordinação dos interesses nacionais aos objectivos da coesão económica, que serão agravados se o Tratado vier a ser aplicado».

Além das implicações restritas ao sector, os Metalúrgi-

cos e Mineiros não podem alhear-se dos efeitos das limitações à soberania nacional (económica, política, militar, social e cultural) e não fazem coro com aqueles que, a troco dos chamados fundos comunitários, se dispõem a prescindir da soberania», afirma aquele órgão da federação numa nota de imprensa.

O Conselho Nacional da FSMMP reafirma não aceitar que seja tomada

«qualquer decisão relativa à ratificação do Tratado de Maastricht, bem como qualquer alteração à Constituição da República Portuguesa no sentido da sua adaptação ao Tratado, antes que o povo português se pronuncie através de um referendo nacional, o qual pode ser viabilizado com a introdução na Constituição de uma norma excepcional e transitória exclusivamente destinada a esse acto».

CGTP-IN condena violência na África do Sul

Num comunicado distribuído terça-feira à imprensa, a CGTP manifesta a sua «profunda preocupação perante o incremento da escalada de violência na África do Sul, que causou ontem, de novo, dezenas de mortos e feridos».

A central, «tendo ainda presente o massacre de Boipatong, em Junho passado», a que se junta agora o

massacre no Ciskei, apela mais uma vez ao Governo sul-africano «para que ponha termo à violência, acabando nomeadamente com a repressão nos homelands, sob pena de se malograr a retomada das conversações da Codesa e a instauração de um clima de paz e de liberdade, no respeito pelos direitos do Homem e pela democracia».

As Noites do Vitória

As "Noites do Vitória", o convívio e a música, que desde há meses animam nas noites de sexta-feira o Terraço do nosso Centro de Trabalho da Avenida da Liberdade, prosseguem durante o mês de Setembro com um programa sempre diferente.

Para amanhã, foi organizada uma Grande Noite de Fado com o "Fado de Abril" e outros fadistas convidados.



Encontro PCP-PC da China

Uma delegação do Partido Comunista da China foi recebida no dia 2 de Setembro, no centro de trabalho da Rua Soeiro Pereira Gomes, pelo secretário-geral do PCP. Além de Álvaro Cunhal, participaram também no encontro os camaradas Albano Nunes, do Secretariado do Comité Central e responsável da Secção Internacional, e Aboim Inglês, da Comissão Central de Controlo e Quadros e da Secção Internacional do Partido.